

Alexandre Takara

# Educação Inclusiva

Movimento Hip-Hop



Alpharrabio  
Edições



*Alexandre Takara*

*EDUCAÇÃO INCLUSIVA*  
*Movimento Hip-Hop*



Alpharrabio  
EDIÇÕES

- 2003 -

Copyright © Alexandre Takara

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Takara, Alexandre

Educação Inclusiva : movimento hip-hop / Alexandre  
Takara. – Santo André, SP : Alpharrabio Edições, 2003

Bibliografia.

1. Educação inclusiva 2. Hip-hop I. Título.  
II Título: Movimento hip-hop.

03-3192

CDD-370.115

---

**Índice para catálogos sistemáticos:**

1. Educação Inclusiva e movimento hip-hop  
370.115
2. Movimento hip-hop e educação inclusiva  
370.115

ISBN: 85-88014-29-7



**EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

**Movimento Hip-Hop**

Alexandre Takara

Projeto gráfico e diagramação

Fabricando Idéias

Capa: Isabela A. T. Veras

Revisão: Rosana Chrispim e Tarso de Melo

Alpharrabio Livraria e Editora Ltda

Rua Eduardo Monteiro, 151

09041-300 – Santo André – SP

Fone/Fax: (11) 4438.4358

[www.alpharrabio.com.br](http://www.alpharrabio.com.br)

[alpharrabio@alpharrabio.com.br](mailto:alpharrabio@alpharrabio.com.br)

In memoriam

Ao Marcelo, meu filho

Ao Rodrigo, meu neto



## *Agradecimentos*

Sou grato ao meu orientador, professor e doutor Joaquim Gonçalves Barbosa, pela paciência e pela compreensão da minha paralisia intelectual em virtude da morte do meu filho e do meu neto, agradecimentos extensivos aos demais membros da banca examinadora, os professores e doutores Ruy Cezar do Espírito Santo, da PUC/SP e Elydio dos Santos Neto, da UMESP, que, cientes do meu drama, foram igualmente pacientes e compreensivos durante o exame de qualificação, sem se despojarem do rigor acadêmico: questionaram-me sobre o conteúdo e orientaram-me sobre a tessitura dessa obra.

Aos demais professores do programa de Pós-Graduação de Mestrado em Educação da UMESP, pelos desafios e pelas provocações que me estimularam a refletir.

Aos colegas da turma pela convivência alegre e pelo ensinamento de que rir é um ato de inteligência e gargalhar, um rasgo de genialidade.

Aos meus amigos, cujos nomes não cito por receio de omitir alguém, mas que se reconhecerão em muitas passagens deste trabalho, tantos e tão belos “papos” mantivemos. Nós resgatamos a arte da conversa, infelizmente tão esquecida.

Aos manos Fábio Feter (Fábio Ferreira de Menezes), Nerinho (José Nerivaldo de Araújo), Robson Luiz, Dida (Adriano Gonçalves), Dito (Waldemar de Souza), CAB (Marcos Nunes), ao Tobé (Humberto Jacomini), ao Jéferson Sooma, Boy Duda (Eduardo Nonato), E. Girl Zulu (Benedita Pereira Alves), Ferronele (Fernando da Silva), DiscBrown (Valdecírio Raimundo da Silva), Rogerinho (Rogério Pimenta), DJ Jack

(Jackson da Rocha), pelas entrevistas concedidas.

Aos meus colegas da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer, Marta de Betânia Juliano, Eduardo Gonçalves, Vânia Cristina Ribeiro, Lela (Vanderlei Lopes de Faria) e Duda (Eduardo Camarotti), que resgataram a memória do movimento Hip-Hop em Santo André.

Às professoras e às diretoras da rede estadual de ensino pelas entrevistas concedidas. Seus nomes foram omitidos a pedido. Suas contribuições foram extremamente valiosas, pelas quais agradeço.

Ao Tarso de Melo e Rosana Chrispim pela revisão do texto.

À Maria Alice de Jesus Jeremias e Patricia Augusta Correa pelo trabalho de digitação.

À Elianinha, por quem alimento ternas lembranças.

Aos meus filhos Enzo, Marcelo e Márcio, que me proporcionaram grandes alegrias e me auxiliaram nos momentos difíceis da vida.

Às minhas noras, Izabel, Valéria e Gláucia, que vieram somar à minha família e triplicaram a nossa felicidade.

Aos meus netos Bruno, Felipe e Marina (como é doloroso excluir o nome do meu falecido neto Rodrigo desta lista) que darão seqüência ao nome da família Takara .

Aos meus pais e às minhas irmãs que muito se sacrificaram para que eu pudesse estudar.



## *Índice*

Prólogo .....	13
Apresentação .....	17
... para auxiliar a construir uma cultura de Paz! .....	21
Estabelecer conexões .....	25
Subjetividade e política .....	31
O Método autobiográfico .....	43
Como me aproximei do objeto da minha pesquisa .....	48
Problematização .....	56
Procedimentos .....	61
A periferia vista pelos seus moradores .....	63
Ações e reações .....	64
As entrevistas: a visão dos jovens sobre a periferia .....	65
Movimento hip-hop em Santo André .....	73
Histórico .....	73
“Posses” .....	74
Mídia .....	76
Disc jockey .....	77
MC .....	77
Break .....	78
Grafite .....	78
Rap e seus estilos .....	80
Rap gangster .....	80
Rap positivo .....	85

Preconceitos: contradições .....	99
Conceito .....	99
Preconceito da classe média .....	102
Relações com a mídia .....	106
Relações com a polícia .....	106
Relações com traficantes .....	109
Raízes africanas .....	113
Preconceito: um estudo de caso .....	117
O caso .....	117
Maniqueísmo, preconceito e fagocitose social .....	120
Satanismo .....	123
O retorno ao caso Nelson .....	124
Relações entre a Escola e a Periferia .....	133
A Escola na perspectiva da Periferia .....	133
Entrevistas com professores .....	137
Entrevistas com diretores .....	145
Analisando o ponto fulcral .....	149
A irredutibilidade das contradições .....	149
A complementaridade dos contrários .....	150
Processo de mudança .....	152
Ansiedade e percepção .....	153
Elementos de mudança .....	154
Índice de adoção .....	157
Comunicação interpessoal e comunicação de massa .....	160
Jovens resistentes e jovens vulneráveis à violência .....	160
Combate à violência: problema complexo .....	162
Dez premissas e algumas propostas .....	163
Propostas .....	167
Domínio da linguagem .....	167
Escuta sensível .....	171
Arte e educação .....	173
Posse e divulgação escolar .....	174
Rap Positivo .....	175
Auto-estima .....	176
O Imaginário coletivo .....	178
Educomunicação .....	179
A democracia cultural .....	180
Respeito ao direito à diferença .....	181
Itinerário percorrido rumo à educação inclusiva e emancipadora .....	183
Educação inclusiva e emancipadora .....	185
Palavras finais .....	190

## *Prólogo*

Esta obra, originalmente concebida como dissertação de mestrado e defendida, em 2002, na UMESP – Universidade Metodista de São Paulo – como exigência para a obtenção de grau de Mestre em Educação, foi escrita num momento dramático da minha vida: a morte, num acidente, do meu filho Marcelo e do meu neto Rodrigo. Se é difícil compor um trabalho acadêmico, tornou-se-me, nessa circunstância, extremamente penoso, pois, dividido entre a dor das perdas e o dever da empreitada, naufraguei-me no desespero, a ponto de anular-me intelectual-mente e suspender, por meses, a pesquisa. Fui ao extremo de experienciar a morte em vida. Queria mitigar o sofrimento e quanto mais procurava afastá-lo, mais ele me dominava. Doía-me o corpo e, pela primeira vez, desejei a imortalidade da alma, a ressurreição como querem os cristãos e a reencarnação como querem os drusos e os espíritas, na esperança de, um dia, encontrar-me com eles, ainda que travestidos nos corpos de outras pessoas. A paz, como a imortalidade, é tão difícil de encontrar que as religiões prometem-na para depois da morte e não em vida. Não conseguia dormir. Li também sobre a morte, a experiência dos outros e o culto aos mortos, para entender a minha terrível experiência e, sobretudo, encontrar a paz. Queria esclarecimentos sobre a fatalidade – o que sentia e pensava. Meus filhos consolavam-me quando eles mesmos precisavam ser consolados, bem como a minha nora e seu filho sobrevivente. Sepultei meus outros mortos – meus pais, minhas irmãs e meus sobrinhos – mas é incomparável a dor de sepultar um filho e um neto. Estava preparado para a minha morte, não a deles. Não tive outra al-

ternativa, senão escrever sobre o que me pungia, chegar às raízes da minha loucura e dela retornar, purgado e aliviado. Fiz o que os gregos denominavam catarse. Surpreendi-me com o produto: tinha escrito um livro em menos de uma semana. Não sei se vou publicá-lo.

Contudo, esgotava-se o tempo de entrega dos originais da minha dissertação de mestrado. Pressionado pela urgência, não tive outra alternativa, senão retomar a tarefa. E assim, lenta e gradativamente, voltei do meu desterro, finquei os pés na realidade. A pesquisa salvou-me. O sofrimento cedeu espaço para uma saudade serena. Sepultei meus mortos na esperança de, um dia, encontrar-me com eles.

Foi difícil elaborar o objeto da minha dissertação. Teimava para que ele se tornasse claro. À dor das perdas, somava-se a dificuldade de pensar. Doía-me pensar. E quanto mais teimava, mais a minha mente se empanava. Abandonar a empreitada fazia-me lembrar mais dos meus mortos. Dedicar-me levava-me à esterilidade. Refugiava-me na arte. Nunca ouvi tanto *Réquiem*, de Mozart, como nessa época. Tão sublime música fazia-me mal. Lia poesia e, inconscientemente, escolhia as pungentes. Nada me refrigerava. Precisava romper o círculo vicioso. E o ponto de rompimento surgiu meio por acaso.

Um dia, na minha chácara, encontrei uma flor decepada. Quem a teria assassinado? Na verdade, não me interessava o autor, mas a ressurreição da flor. Plantei-a, embora convencido da ineficiência do meu gesto. Em vão. Ainda hoje, tenho horror às flores cortadas, expostas num vaso, pois lembram-me a morte. Por isso, passei a cuidar do meu jardim. Descobri a rede de rizomas nas raízes, graças aos quais as plantas se desenvolvem e se explodem em flores e frutos. Encantei-me. Descobri a vida das plantas. E, lentamente, fui me apegando à vida e voltando à vida. E construindo condições para retomar o trabalho.

Querida descobrir o rizoma da vida humana, encontrei-o: a liberdade. É ela que permite o desenvolvimento humano, porquanto, o elemento fundador da abertura, da criatividade e de auto-organização. E da autopoiese. A restrição à liberdade reduz a vida e provoca a subvida, como acontece com os moradores da periferia – os excluídos. É preciso

criar condições para se emanciparem e se incluírem. O que fazer para alcançar tal fim? Foi procurando respostas que o objeto de pesquisa foi se definindo e se clarificando.

Ei-lo:

Mostrar as contribuições do movimento hip-hop para a educação emancipadora e inclusiva, tendo Santo André como epicentro. E a emancipação e a inclusão se farão pelo estabelecimento de conexões entre o que está isolado e desunido. A conexão leva à solidariedade e ao encantamento do mundo, pois ela aproxima pessoas, comunidades e instituições (como a escola). O elemento fundante é a empatia. Eu me reconheço em você e você se reconhece em mim – mas isso não significa que eu seja igual a você. Ao contrário, ressalta o direito de ser diferente. A afirmação de Terena, líder indígena, é lapidar: “Eu posso ser quem você é, sem deixar de ser quem sou”. A periferia, onde mora a maioria dos excluídos e membros do movimento hip-hop, precisa de grupos de apoio para sustentar a sua utopia de emancipação e de inclusão. E a escola deve ser um desses suportes. A psicologia clínica será de grande valia na medida em que oferece subsídios para a fundamentação teórica e para estratégias. Ela não se restringe apenas a dinâmicas intra-subjetivas, mas se estende também a dimensões políticas. Daí a preocupação em estabelecer nexos entre a subjetividade e a política. A mudança político-social só é possível se houver mudanças na percepção. Faço críticas ao paradigma newtoniano/cartesiano em virtude de suas simplificações e ao seu caráter eminentemente racional. Em substituição, proponho o paradigma ecológico/complexo, fundado nos pensamentos de Teilhard de Chardin, Fritjof Capra e Edgar Morin. Este paradigma, que passa necessariamente pela emoção e razão, como rizomas de saberes, amplia conhecimentos e trabalha com os opostos, simultaneamente. Elementos heterogêneos, indissolúvelmente ligados, é o que Morin chama pensamento complexo. Adotei esse modo de pensar. Conexão e desconexão, paz e violência, linguagem enclausurada e violência e emoção/razão. E vou tecendo os opostos. Exemplo: só podemos pensar com palavras. A linguagem enclausurada é aquela que se expressa através da violência, quando cessa a palavra. Explode a violência, quando a lin-

guagem fracassa. A violência é a manifestação da intolerância e esta, a geradora de preconceitos.

Nesta obra, proponho o movimento hip-hop como possibilidade de encontro entre o homem e a linguagem, o que propiciará a escuta sensível, o gosto pela arte e a auto-estima como condições para uma educação emancipadora e inclusiva. Estou convencido de que a arte é uma linguagem fundamental de compreensão e de comunicação entre gerações e entre classes sociais. Ela não é uma categoria separada da vida, ao contrário, ambas estão intimamente ligadas. Daí a defesa do direito à cidadania cultural. Esta se expressa através do direito à liberdade de expressão, de criação cultural, da participação social, da diversidade e da interculturalidade. A cidadania cultural é um dos fundamentos da democracia.

Afirmo, no início deste prólogo, que a morte de meus filhos dificultou a elaboração desta obra. Concluirei, afirmando que o drama se inscreve na história deste livro. Encontramo-nos num instante da eternidade, por acaso, no interior do nosso lar. O que dói é imaginar a impossibilidade do reencontro, como as areias do deserto. O vento as aproxima e as afasta. Por que não se juntam definitivamente? Eu trouxe, do deserto do Saara, onde morei, o que os árabes chamam *rose de sable*, rosa de areia, uma junção de areias, em forma de uma flor. Por que a vida não é assim – um laço eterno de encontros? Foram-se, mas restaram belas lembranças. Sintetizo-as na seguinte imagem: meu filho carregando seu filho nos ombros e ambos rindo de felicidade.

No entanto, viver é preciso. Cantemos em louvor à vida. Triste é o meu canto. Mas, há os que sobrevivem – os moradores da periferia. Junto-me aos membros do movimento hip-hop para retirá-los da subvida através da educação emancipadora e inclusiva.

## *Apresentação*

Alexandre Takara saiu da dor descrita em seu prólogo, fazendo-me lembrar a figura do Rei Pescador Ferido da Lenda do Graal.

O Reino de Takara, onde se incluía o trabalho de Mestrado permaneceu silente, deserto...

Era a busca do Graal, a busca de Si Mesmo que vai dar significância ao seu momento existencial.

O trabalho ora publicado traz, em boa hora, uma das possíveis realizações práticas da teoria educacional trazida pelo Profeta Paulo Freire. Já havia anotado isto por ocasião da sustentação de seu trabalho de Mestrado.

Sim, buscar no Movimento Hip Hop, da periferia da Grande São Paulo, uma forma de conscientizar educandos e educadores, do “mundo vida” presente em grande parte da população urbana é uma ação educativa claramente inspirada no grande Educador Paulo Freire.

O Encontro com o Graal ocorreu. Takara encontrou a si mesmo, como fica patente da leitura de seu trabalho.

Visando homenageá-lo e ao mesmo tempo visando agradecer a honra de prefaciá-la sua obra, passo a dizer de forma poética o que senti e aprendi com o percurso realizado pelo Autor:

Desde tempos remotos o Ser Humano busca o Graal  
Busca-o primeiro “do lado de fora”, longamente  
Para finalmente encontrá-lo no mais dentro.

O Hip Hop significa o Canto do Mistério vivido pelo Ser Humano.  
Dos espaços mais remotos e abandonados pela sociedade  
Surge uma música: um Canto de dor e alegria  
Um Canto que significa, em toda a amplitude o “Mundo Vida”,  
De cada um dos participantes.  
Traz o Hip Hop a profundidade das buscas e esperanças do jovem  
Desprovido do ouro acumulado, por tão poucos em nosso meio.

Cantar tal carência, sem ódio e com alegria  
É a essência de uma infinda busca de cada Ser Humano  
Nos diferentes desafios vividos nos dias que correm

Takara ouviu esse Canto  
Teve “ouvidos para ouvir” e “olhos para enxergar”...  
Abriu espaço para o Movimento Hip Hop  
E ao fazê-lo começa a desvelar o seu “Graal”...

Sim, deixando o deserto da dor vivida...  
Seu deserto existencial,  
Takara volta-se para a retomada do Caminho iniciado.

Vamos hoje ao resultado:  
Um Trabalho Acadêmico, que se transforma num Livro,  
A Arte do Hip Hop, que seguramente será conhecida e difundida  
Permitindo, quem sabe, a realização viva  
Da “conscientização” sempre apregoada pelo Mestre Paulo Freire

Sim, outros educadores saberão seguir o Caminho iniciado por Takara  
E trarão de suas periferias, outros Movimentos que cantem a Vida

Assim Takara semeou do mais dentro de Si Mesmo  
Inspirado pelo Hip Hop  
Essa obra que será um marco numa renovação educacional

Ruy Cezar do Espírito Santo  
Prof. da PUC/SP  
Doutor em Filosofia da Educação pela Unicamp



*... para auxiliar a construir uma cultura  
de Paz!*

“Tudo o que vive deve regenerar-se incessantemente: o sol, o ser vivo, a biosfera, a sociedade, a cultura, o amor”.

Edgar Morin

“Precisamos sim de revoluções para realizarmos as transformações necessárias. Mas o caminho para estas transformações são hoje diferentes. Não bastam as transformações estruturais; precisamos transformar também as subjetividades, pessoais e coletivas”.

Leonardo Boff

Que bom que um público maior possa ter acesso ao trabalho de Takara através desta publicação! O nosso tempo, com as pessoas carentes de sinais vivos que ajudem a re-construir sentidos para a existência, precisa conhecer obras deste tipo: preocupadas com a rigorosidade científica e com a consistência dos argumentos que utiliza; abertas a *escutar sensivelmente* as necessidades dos seres humanos encarnados nas condições concretas e contraditórias deste momento histórico; que não tenham desanimado da esperança, da poesia, do amor e do desejo de transformação da sociedade que divide, exclui e fomenta uma cultura de medo e de morte.

Takara escreveu esta obra, inicialmente como fruto das exigências de um mestrado acadêmico, com preocupações de inclusão. De fato, diz ele:

“Eis o ponto fulcral, nesta obra: o destino dos moradores da periferia. Estão esquecidos, abandonados e apartados, como se fossem gado, vítimas de preconceitos e de intolerância. É neles que penso, na sua redenção através da educação. Claro está que a escola não é a salvação final, é apenas um agente que deve compor-se a outros agentes numa parceria em trabalhos de cooperação” (p. 36).

Takara tem a intenção de colaborar com a construção de uma cultura de Paz e tem a certeza, como a tinha Paulo Freire, de que esta construção não se fará sem a contribuição da educação em geral e da educação escolar em especial.

Gostaria de chamar a atenção sobre alguns pontos do trabalho de Takara, que me agradam muito, por entender que estejam em sintonia com muitas das necessidades que nós, viventes nestes tempos de crise planetária, estamos apresentando: a leitura da complexidade da condição humana; a sensibilidade aos aspectos políticos e subjetivos do ser humano; a escuta sensível aos jovens da periferia; a provocação aos educadores que trabalham com a educação escolar.

Tendo presentes as contribuições de Edgar Morin, Takara se dispõe a ler a realidade, individual e coletiva, desde o paradigma da complexidade. Sabe que os paradigmas predominantes até este momento foram reducionistas, sobretudo no que diz respeito à concepção de ser humano. Embora tenham gerado, muitas vezes, sonhos de transformação que apontavam para a construção de uma cultura de solidariedade, freqüentemente perderam o fôlego na luta por desconsiderar aspectos fundamentais da condição humana. Se o paradigma da complexidade não nos brinda com “fórmulas exatas de transformação” – na verdade entende que isto não é possível – com certeza nos possibilita compreender melhor a condição humana e ganhar forças para continuar a sonhar com uma outra sociedade, onde seres humanos não sejam nem excluídos e nem negados em sua luta pela construção da vida.

A luta pela transformação requer, pois, que não se desarticulem – nas

construções teóricas e nas ações concretas – política e subjetividade, exterioridade e interioridade, o social e o psíquico, o pensamento e o sentimento. Este trabalho de Takara considera esta necessidade e vai escutar os jovens da periferia com a disposição da Escuta Sensível. Partindo de Barbier, formulador do conceito dentro da abordagem multirreferencial, Takara faz a sua interpretação da Escuta Sensível (pp. 166 e 167) onde, mais uma vez, esforça-se para superar os reducionismos das abordagens cartesianas e mostra que pensamento, sentimento e ação, como desejava Reich, não podem ser separados. E a partir desta Escuta Sensível aos jovens da periferia é possível descobrir que, embora vivendo entre muitas negações e contradições, muitos deles têm sonhos de paz e estão dispostos a ser construtores, também eles, de uma outra sociedade. E sabem fazer isto muito bem: com o corpo e a dança; com a música e a poesia; com a arte e a vida. Takara estudou concretamente o movimento Hip-Hop em Santo André como contribuição para uma educação emancipadora.

Finalmente, este trabalho constitui-se, então, numa sadia provocação aos professores, professoras, gestores e gestoras que estão nas escolas. Provocação para re-pensar os preconceitos, a dificuldade em ouvir os diferentes, a desarticulação entre o político e o subjetivo, as resistências para com os trabalhos de autoconhecimento, o medo diante da necessidade de assumir práticas pedagógicas que sejam emancipadoras e, sobretudo, re-pensar a desesperança que muitas vezes envolve o agir educativo.

Por tudo isto, o trabalho de Takara merece ser lido com atenção, com cuidado... com escuta sensível.

Tenho certeza que as idéias, depoimentos, argumentos... que a vida, presente nesta obra, poderá alimentar todos aqueles que amorosamente insistem na construção de uma sociedade com capacidade de justiça e de solidariedade, onde os seres humanos – cada um e todos – possam construir-se na sua inteireza tencionados para uma vida mais feliz.

São Bernardo do Campo, 6 de maio de 2003

Elydio dos Santos Neto

Docente e Pesquisador do Programa de Mestrado em Educação da UMESP



## *Estabelecer conexões*

A presente obra trata de conexões e desconexões. Conectar o que está desligado e desunido. Trata também da justiça, da generosidade e da solidariedade. E ainda, da apertação social, processo pelo qual um semelhante é posto à parte, só porque é diferente, desigual, “inferior”. É a expressão máxima de intolerância social – uma forma odiosa de preconceito e de discriminação.

Antecipo fragmentos de duas entrevistas, a primeira com jovens do movimento hip-hop numa favela, e a segunda com professoras da rede estadual de ensino.

– “A periferia é o próprio inferno” – anuncia um jovem.

E prova com a própria vida: orgulho da família por ter concluído o ensino médio, não consegue emprego e tornou-se dependente do irmão e da irmã para sobreviver: ele, traficante de drogas; ela, prostituta. Odeia-os pelo que fazem, mas silencia porque é dependente. É uma figura típica de um romance dostoiévskiano.

– “Somos todos sobreviventes do inferno” – concluem os jovens.

Entrevisto professoras e diretoras em outros dias. São outros os cenários, mas com traços comuns. São escolas da periferia. Paredes pichadas, janelas estilhaçadas, salas de aula imundas. Carteiras em péssimo estado de conservação, equipamentos audiovisuais roubados, automóveis de professores riscados, pneus furados, vasos sanitários detonados com bombas caseiras. Sinais de vandalismo por todos os lados.

Foi difícil reunir essas professoras e essas diretoras em virtude de recusas por motivos diversos. “Sinto-me desmotivada para falar do as-

sunto, estou cansada, vivo penosamente a escola. Indisciplina de alunos, quando não a violência. Quero esquecer”. E outra: “Cumpro minha tarefa. Terminada a aula, adeus escola. Amanhã, outro suplício”. E outra ainda: “Baixo salário, péssimas condições de trabalho, não vale a pena ser professora”. E outra é mais contundente: “A escola é a vala comum, onde a sociedade despeja seus lixos sociais – a violência, o desemprego, a fome, a baixa estima”.

Foi difícil reunir as cinco professoras. Só consegui por acaso. Surpreendido com tantas resistências, não sabia o que dizer. E murmurei para mim mesmo: a síndrome de *burnout*. “O quê?” – perguntou uma professora. Só então percebi que tinha balbuciado em tom audível. E expliquei: síndrome de *burnout* atinge o trabalhador, quando ele perde o sentido da sua relação com o trabalho, todo esforço lhe parece inútil. É a falta de envolvimento pessoal no trabalho, decorrente da exaustão emocional. É o sentimento de impotência e de incapacidade, para realizar o trabalho com o qual sonhou. É a desconexão com o mundo circundante. Sua marca é a desistência.

A síndrome de *burnout* foi o condão mágico<sup>1</sup>. A professora, a quem explicara, interessou-se pelo tema. Alguns dias depois, telefonou-me, solicitando uma entrevista e, ao cabo, prontificou-se em organizar uma reunião mais ampla com outras que sofrem do mesmo mal. Foi de grande valia. Agradeço.

Suspendo os fragmentos das entrevistas para comentar: desconexões em ambos os casos. No caso do rapaz, por odiar seus irmãos. No caso das professoras, pela decepção e pelo desalento. Elas são professoras de escola da periferia. Seus alunos residem em favelas próximas. A fala da periferia e das professoras revela crise, esgotamento e colapso. Portanto, são problemas intrapsíquicos, da alçada da psicologia clínica.

Fundado na teoria da complexidade, segundo Edgar Morin, afirmo que não há só desconexões. Há também conexões. E, segundo esta teoria, conexões/desconexões têm de ser consideradas juntas numa pes-

---

1. Codo, Wanderley (org.). *Educação: Carinho e Trabalho* – Editora Vozes, 1999, pg. 237 e segs.

quisa, pois sucedem ao mesmo tempo. Não se pode excluir uma em prejuízo de entendimento da outra, sob pena de comprometer os resultados. O que se propõe é a visão de totalidade.

E quais conexões? Na fala da periferia, há diretores, coordenadores e professores muito sensíveis que sabem lidar com alunos, embora sejam poucos. Um deles cita, nominalmente, esses profissionais, embora reconheça que deva haver outros na rede de ensino: A coordenadora pedagógica Sonia Silvério Pereira, da E.E. Carline Caçapava de Mello; a diretora Liberaci Maria de Oliveira da E.E. Aristides Greve; o diretor José Dagmar, da E.E. Visconde de Taunay; a diretora Maria José do Socorro, da E.E. Rubens Moreira da Rocha, esta até mesmo canta rap. Um dia subiu ao palco, cantou um rap, valorizando a escola: “Você que cola e pensa que vai sair da escola, tá errado mano...”. Foi muito aplaudida, os alunos identificaram-se com ela. Excelente diretora. O jovem entrevistado só citou profissionais das escolas onde estudou. Eles sobressaem porque se dedicam com amor (conexão) ao magistério. Deve haver outros.

E do lado da periferia, particularmente os jovens do movimento hip-hop, também estabelecem conexões. Desenvolvem trabalhos comunitários. Dialogam com jovens drogados sobre os males do vício. Conversam com meninas, freqüentemente mal informadas, que se entregam ao primeiro homem e ficam grávidas e o caminho é a prostituição para sustentar o filho. Visitam garotos internos na Febem, a quem ministram oficinas de hip-hop, e também presos adultos nos sistemas penitenciários, a quem levam palavras de conforto e de solidariedade. Distribuem aos favelados, só do Jardim Santa Cristina, 600 litros (por semana) de leite que recebem da Secretaria de Estado da Agricultura. Buscam sobras de legumes, verduras e frutas, uma vez por semana, no Banco de Alimentos da CRAISA – Companhia Regional de Abastecimento Integrado de Santo André – e distribuem aos moradores. As despesas com o transporte numa Kombi são cotizadas entre as famílias, cabendo R\$ 0,50 (cinquenta centavos) a cada uma delas. Mesmo aquelas que não têm essa importância recebem da mesma forma os alimentos, pois compensarão na próxima semana.

Quantas conexões - da parte dos professores e dos membros do hip-hop. Conexões e desconexões acontecem, ao mesmo tempo e no mesmo lugar. Um homem pode matar o outro e, em outro caso, pode haver santidade, pois um pode morrer pelo outro. Foi o que aconteceu com o Gilmar que, por ter combatido o narcotráfico na favela, foi assassinado. Ele soube significar. Lembremo-nos daqueles que se sacrificaram pela humanidade, como Mahatma Gandhi e Martin Luther King que, por pregarem a não-violência, atraíram a violência contra si. É o caso do Gilmar, ele pôs à prova a afirmação de Rousseau: “todo homem dispõe do direito de arriscar sua própria vida para conservá-la”. Há algo de divino no homem, mas, lenta e gradativamente, esse aspecto foi substituído pelo “deus mercado”. Somos todos, ou mais ou menos, vítimas do holocausto econômico. Tornamo-nos algozes e, ao mesmo tempo, vítimas de outros. Não obstante, há a possibilidade de conexões? Sim, desde que alteremos a nossa percepção.

Assim. Eu e você. Eu sou eu, você é você – o outro. Eu me reconheço em você e você se reconhece em mim. Encaro uma realidade com seus olhos e você encara a mesma realidade com meus olhos. É a empatia, o elemento fundante da conexão e da ética humanista. Mas a empatia não significa que eu me anule em você e você em mim. Ela reconhece o direito à diferença. A considerar que eu sou o outro do seu ponto de vista. O bem-estar, para não dizer a felicidade, assenta-se no reconhecimento e no respeito à natureza humana do outro. É isso o que aconteceu com os professores citados: reconheceram e respeitaram a natureza humana de seus alunos da periferia. Estes se aproximaram e se identificaram com os professores. E os professores, cientes das atividades solidárias de alguns de seus alunos, membros do movimento hip-hop, também se aproximaram deles. Estabeleceram-se conexões. E essas conexões podem ser ampliadas indefinidamente.

Mas há outra situação. Muitos professores ainda não perceberam o empenho solidário dos jovens membros do movimento hip-hop, por preconceito. Por isto, o movimento nada lhes significa e, conseqüentemente, se afastam dele. E esta repulsão afasta alunos, inclusive mem-

bros do hip-hop. Há professores, como há alunos, que não sabem olhar nem ouvir o apelo do outro. São cegos conduzindo cegos. O que fazer? Fazê-los alterar a percepção de um sobre o outro, descobrir o outro. Mas não é fácil, porque estão travados pelos condicionamentos arcaicos, limitados pelo auto e heteropoliciamento, recolhidos nas prisões psicológicas e obscurecidos pela opacidade existencial.

São estranhos para outros e para si mesmos, pois, feridos, não percebem os outros nem a si mesmos. É a crise da subjetividade, cuja característica básica é a fragmentação da personalidade. Muitos deles, se não são esquizofrênicos, são esquizóides. Esquizofrenia significa, em grego, literalmente, mente dividida. É o drama da solidão, do tédio e da incomunicabilidade. Vivem na comunidade, ao lado de seus concidadãos, mas não os vêem. Tocam, mas não sentem. Estão atados.

É preciso desatar-se desses nós existenciais. Desatar-se significa romper grilhões que o aprisionam e liberar a consciência cativa. É dar o seu berro emancipador. E partir. Avançar. Como diz Juvenal Arduino, “avançar no espaço, no tempo e no *ser*. Ativa o vir-a-ser para que o não-ser chegue ao ser”.<sup>2</sup> O partir, nessa caminhada, enraíza-se na esperança. O partir tem de ser coletivo porque todos precisam de uma rede de sustentação. Ninguém cria mundos sozinho. Temos de ser caixas de ressonância para as vozes da periferia no sentido da sua emancipação. A periferia precisa de uma rede de aliados para sustentar a sua utopia. A periferia engrossa-se qualitativamente e transforma-se numa pororoca composta de uma rede de destinos, cujas vozes ganham sentidos e significações. O recenseamento de 2000 revela essa tendência: negros e mulatos assumem cada vez mais a sua negritude, têm orgulho da raça. “Sou negro, por isto sou belo” – dizem. Historicamente, estão distantes de seus bisavós que assumiam a subserviência perante o branco.

E a voz do movimento hip-hop que desce dos morros e sobe dos alagados é a voz da profecia. Ouçamo-la. Ainda está carregada de sofrimento, mas também de esperanças. Em que pesem as contradições, ain-

---

2. Arduino, Juvenal. *Destinação Antropológica*. Editora Ática, SP, 1989: pg. 277).

da arraigadas no bojo do movimento, o hip-hop oferece excelentes contribuições para o entendimento da penosa realidade da periferia e, mais importante, para a educação emancipadora. Além disso, colabora no combate à violência. Nesse sentido, a escola tem um papel importante a desempenhar, ao lado de medidas econômicas, sociais, políticas e judiciais. Também a escola deve compor a rede de sustentação à emancipação da periferia. A voz dos professores precisa ressoar através das caixas amplificadoras. Participar da “pororoca”, em que seus destinos cruzem e entrecruzem com os destinos de seus alunos, compondo o tecido social e visando à destinação antropológica.

Por todos esses motivos e considerando a solidariedade que prega, o movimento merece ser estudado. No entanto, preciso restringir o objeto da minha pesquisa à escola e ao movimento hip-hop e concentrá-la em Santo André, nos seguintes termos: demonstrar as contradições e as contribuições do movimento hip-hop à educação emancipadora e inclusiva da periferia e ao combate à violência, com o foco voltado especificamente para a situação verificada em Santo André.

## *Subjetividade e política*

Retomo os fragmentos das entrevistas dos professores e dos jovens da periferia, constantes do capítulo I. Ali, afirmei que a fala deles revela crise, esgotamento e colapso. E esses problemas são intrapsíquicos, portanto da alçada da psicologia clínica. Quero aprofundar esta questão. São intrapsíquicos, mas não só. Há também um conteúdo social e político.

Historicamente, a psicologia clínica procurava reajustar as psicodinâmicas interiores. O paciente precisava realinhar-se intimamente, libertar-se e desenvolver-se. Depois, à medida em que as terapias de grupo foram se desenvolvendo, dedicaram-se cada vez mais às relações sociais. Agora, a psicologia clínica dá outro avanço: não quer restringir-se apenas ao intra e ao intersubjetivo. Quer ampliar-se, alcançar as dimensões políticas. Recusa o discurso da separação entre a política e a subjetividade. A contestação iniciou-se com o movimento de 1968 e constitui um dos elementos fundamentais da contracultura que o caracterizou.

Essa relação entre a política e a subjetividade marcou profundamente a minha geração que, na época, contava com 30, 40 anos de idade. Estávamos convencidos desse imbricamento, mas, por falta de uma elaboração teórica, nós as abandonamos até o fim da década dos 70 ou início dos 80, quando Félix Guattari veio ao Brasil, aliás, diversas vezes, a convite da psicanalista Suely Rolnik, da PUC/SP. Partindo das conexões entre o indivíduo e a sociedade, Guattari afirmava que a clínica é uma intervenção também no plano coletivo, no processo histórico, social e cultural. E concluía que não haverá mudança político-social se

não houver mudança na subjetividade, mudança nas percepções. Sucede que a subjetividade está fragmentada em cacos e a função da clínica é juntá-los e recompô-los num todo orgânico. Há de fazer essa recomposição em nível da intra, da intersubjetividade e do coletivo. E essa recomposição pressupõe a alteridade – “alter”, em latim, o outro com quem estabelecemos conexões.

Contudo, a relação com o outro, no limiar do século XXI, é uma relação perversa, porque o outro foi reduzido a um objeto, a um instrumento, que vale enquanto produz e consome. Não se respeita o outro – o mínimo que se poderia desejar. O sistema, independente do regime econômico e político, não o quer autônomo, porque pode subverter a ordem vigente e, por mais frágil que seja, é potencialmente perigoso, motivo pelo qual o quer subserviente ao poder. Daí a construção de pedagogias massificantes, cujo objetivo consiste em as pessoas se adaptarem aos padrões vigentes, às normas heteronômicas para a reprodução do paradigma oficial, sem criticidade. Reduzido a um instrumento produtivo, ele vale pela sua utilidade. Por isso, o ser humano é banalizado. É dispensável por não gerar lucros; é estorvo por atrapalhar o mercado; é oneroso por apenas consumir, sem a contrapartida da produção; é incômodo por emporcalhar os espaços públicos; perigoso por não fazer o jogo do poder. O ser humano, coisificado, é exterminável. É a esquizofrenia que, segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari, representa um potencial revolucionário. Deleuze e Guattari construíram o primeiro modelo monopolítico da demência.<sup>3</sup> É menos oneroso matar o ser humano do que abandoná-lo numa *instituição total*<sup>4</sup>, segundo uma expressão de Erving Goffman.

Que paradoxo! O século XX, que deveria ser o Século das Luzes, do

3. Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Imago Editora, R.J., 1976, pgs. 19 a 30, 1997.

4. Goffman afirmava que há instituições que se fecham às relações com o mundo exterior. Seu fechamento é simbolizado por paredes altas, portas fechadas, arame farpado, fossos, água, floresta e pântanos. E cita como exemplos: manicômios, prisões e conventos. Indica cinco agrupamentos, um deles nos interessa: aquela instituição total destinada a proteger a comunidade contra os perigos intencionais. As pessoas trancafiadas não constituem perigo a ninguém. É o caso das prisões, penitenciárias, cadeia, campos de concentração. Vide Goffman, *Manicômios, Prisões e Conventos*, Editora Perspectiva, 1974; pgs. 16 e 17.

progresso humano, a vitória do Espírito, o orgulho da Razão, sucumbe ao peso da perversidade. E o século XXI ainda não acena com sinais de esperança. A felicidade passa ao longo do horizonte possível. O homem construiu um mundo material, como jamais imaginara, reluzente, ao ponto da sofisticação. Resolveu o problema de produção de bens graças ao crescimento exponencial das ciências e da tecnologia (o problema, hoje, se concentra mais na distribuição desses bens). Contudo, por mais paradoxal que pareça, o homem está inquieto e perplexo, percebe a inutilidade de seus esforços. É verdade, cresce o seu poder sobre a natureza. Não obstante, sente-se vazio e impotente, perdeu-se e perdeu de vista a si mesmo. Esqueceu-se de que ele próprio é que lhe dá significado. Ao transformar-se em instrumento de trabalho, alienou-se.

Não se debruce sobre as grandes questões do passado, como o destino do homem. Suas preocupações reduziram-se à sobrevivência biológica e à conquista de miçangas do conforto e das vaidades. Valores, se não materiais, e normas éticas, se não individualistas, passam-lhe longe do horizonte da vida. Não sabe discernir o que é bom e o que é mau para si mesmo. E qual é o critério desse discernimento? É o que ele tem de exclusivo – a sua natureza humana. Isto é, um conjunto de qualidades que, numa palavra, pode reduzir-se a um conceito, a empatia, a capacidade de colocar-se do ponto de vista do outro, apesar das diferenças culturais, espaciais e temporais. A empatia é o elemento fundante da conexão e da ética humanista. Nada é superior e mais digno do que a existência humana. O bem-estar do homem é o grande critério. E essa questão passa pela questão da virtude – virtude no sentido de realizações das potencialidades exclusivas do homem. E quem é o homem virtuoso? É aquele que expande suas virtudes, fundadas na alteridade: reconhecer-se no outro e o outro reconhecer-se nele. Aqui está outra conexão. E esse reconhecimento é a base da generosidade. Ser generoso é mais do que ser justo. Ser justo é o mínimo ético e significa dar ao outro o que é dele, enquanto ser generoso significa dar ao outro o que não tem e empenha-se em colaborar para que o outro consiga. A generosidade é o fundamento da solidariedade. Ser solidário é estar *in sólido*, como diziam os antigos romanos. É apoiar-se no outro. Daí a soli-

dez das relações e de *solidez* deriva a palavra *solidariedade*. A justiça, a generosidade e a solidariedade também são elementos fundantes da conexão. Como é bela a palavra *conexão*, preñhe de significados!

A essência da natureza humana é a solidariedade e seus correlatos. Solidariedade supõe o outro, é estar em conexão. A vida cotidiana, tecida dos mesmos gestos, dos mesmos ritos e das mesmas regularidades não é suficiente. É preciso mais: criar uma argamassa capaz de cimentar as relações sem massacrar as individualidades e azeitá-las com sentidos de companheirismo. Companheirismo é outra bela palavra: vem do latim *cum + panis* e significa aquele que compartilha do mesmo pão. O companheiro é aquele ao lado de quem caminhamos. E, ao caminhar-mos, desvelamo-nos. A respeito, Danilo Di Manno de Almeida cunhou um belo pensamento: “A essência não está na verdade do caminho, mas na experiência dos caminhantes”.<sup>5</sup> Por oportuno, acrescento outro pensamento, agora de Antonio Machado: “o caminho se faz ao caminhar”. E, ao caminharem, os companheiros estabelecem a polifonia, em que a fala de um pressupõe e se impregna da fala do outro. Eles estão abertos ao diálogo (conexão) e ao aprofundamento na própria subjetividade. E, por estarem dialogando, estabelecem a intersubjetividade – o encontro existencial entre sujeitos humanos. É ela que dá sentido e densidade à vida. Por isto, Félix Guattari enfatiza a importância da produção de subjetividade. O termo *subjetividade* tem, aqui, o sentido de esteio antropológico para enfrentar as oscilações da sociedade e para superar as crises, cada vez mais freqüentes e multifacetadas. Ela é fundamental para atingirmos a maturidade consciente. Sim, nossa vida caracteriza-se pela alternância entre momentos de equilíbrio e desequilíbrio. Na medida em que nos equilibramos/desequilibramos/reequilibramos, vamos atingindo níveis progressivamente superiores de maturação. E, então, a subjetividade se revela através de conhecimento, autoconhecimento, dialogicidade, liberdade, criatividade, responsabilidade e afetividade. E o amor, expressão dessa maturidade consciente, é o cimentador de caminhos com novas possibilidades: com os companheiros, com a natureza através de

5. Almeida, Danilo Di Manno de. Por Uma Educação Apaixonada - Revista *Educação & Linguagem*, nº 2. UMEESP, SP, 2000, pg. 103

cuidados ecológicos, com os sons, de que resulta a música e com palavras, com as quais compomos um poema. E, assim, a vida vai se engravidando desses gestos e significações. A subjetividade é o núcleo do ser humano.

E, para mantê-los e fazê-los avançar, é preciso cuidar. A propósito, Leonardo Boff,<sup>6</sup> lançou um livro precioso, no qual procura “reconhecer o cuidado como um modo de ser essencial... Sem o cuidado (o homem) deixa de ser humano ... o cuidado deve estar presente em tudo. A ótica do cuidado funda uma nova ética”. É difícil chegar a essa consciência plena, em virtude do “mal-estar na civilização”, como já denunciava Freud no limiar do século XX. E Leonardo Boff atribui esse mal-estar, ao descaso e ao abandono, numa palavra, ao descuido.

Chegar à consciência plena é difícil, mas é preciso tê-la em mira, sob pena de perdermos de vista os objetivos maiores da vida. O sistema propõe um projeto de vida destinado ao mundo exterior – mercado, reconhecimento social, riqueza, mas é preciso considerar que o homem germina da sua interioridade, a partir da qual constrói seus conhecimentos. Aliás, é importante afirmar que, sem subjetividade, muita objetividade se perde, pois, epistemologicamente, todo conhecimento é autoconhecimento. O senso comum afirma que o homem deve *ser o que é*. Ser o que é significa cumprir o destino pré-definido. *Ser o que ainda não é e pode ser* significa autodesignar-se, sublevar-se contra o destino determinado. É autodefinir-se, autodirecionar-se, construir o próprio destino. Nisso consiste a sublevação da subjetividade.

Sucedem que o sistema vigente impede que o morador da periferia possa vir a ser o que ainda não é. O sistema é perverso, porque é incapaz de assegurar a todos o trabalho, a alimentação, o vestuário, a saúde, a educação, a segurança... Há muita desigualdade social. Rousseau já advertia “que nenhum cidadão seja tão opulento para poder comprar o outro e nenhum tão paupérrimo que necessite vender-se”<sup>7</sup>. O homem da periferia quer uma sociedade mais igual, justa e livre. Por isto, lutam, dota-

6. Boff, Leonardo. *Saber Cuidar (Ética do Humano - Com Paixão pela Terra)*. Petrópolis, R.J., 7ª ed., 2001, pg. 34

7. Rousseau, Jean Jacques. *Contrato Social*. Coleção Os Pensadores, Editora Abril, 1997

dos que são da consciência emancipadora. E a escola tem papel histórico a desempenhar. Daí a necessidade de a escola e a periferia aproximarem-se e escreverem conjuntamente a história da emancipação, a partir da solidariedade.

Nisso constitui o que Fritjof Capra chama “a teia da vida”. Capra inscreve-se na melhor tradição holística, iniciada com Parmênides que, no século V a.C., criou o termo *Olos* (Holos) para designar o “ser” que significa *todo, inteiro, completo*. Ele teve o grande mérito de descolar a filosofia, da cosmologia para a ontologia. Para Parmênides, *Olos* é um todo perfeito, mas imutável. Façamos um corte na história e fixemo-nos na primeira metade do século XX, em Teilhard de Chardin. Para Chardin<sup>8</sup>, ao contrário de Parmênides, o todo é orgânico, evolutivo, portanto, dinâmico. O universo é o todo em movimento, em permanente renascimento. O *Olos*, daí o holismo, afasta a fragmentação e o uniformismo. A fragmentação estilhaça o todo e o uniformismo funde as diferenças numa massa homogênea. O holismo concebe o universo como um todo entrelaçado, mas diversificado. É um tecido, composto com fios da diversidade, cujo resultado é um todo orgânico e, ao mesmo tempo, diversificado, diversidade que garante a identidade de cada ser. O gênero humano é parte do todo cósmico.

Chardin e Capra são complementares. A partir da concepção de Chardin de que o universo é o todo orgânico, evolutivo, dinâmico e entrelaçado com fios de diversidade, Capra anuncia alguns princípios da teia da vida<sup>9</sup>. O primeiro princípio é o da *interdependência*. Todos os membros de uma *comunidade ecológica* estão interligados numa rede de relações e dependência mútua. O sucesso de uma comunidade ecológica depende do sucesso de cada um de seus membros e o sucesso de cada membro depende do sucesso da comunidade<sup>10</sup>. Daí decorre outro princípio, o da *parceria*. Esta consiste na “tendência para formar associações, para estabelecer ligações, para viver dentro de outro organismo, para coope-

8. Chardin, Teilhard de. *Gênese de um Pensamento, Cartas*. Editora Herder, 1957.

9. CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida*. Cultrix, SP, 1997, pgs. 231 a 234.

10. CAPRA, Fritjof. *Opus Citada*, pg. 231.

rar...”<sup>11</sup>. O terceiro princípio é o da *cooperação* ou *coevolução* que consiste em o parceiro entender melhor as necessidades dos outros. “Numa parceria verdadeira, confiante, ambos os parceiros aprendem e mudam – eles coevoluem”<sup>12</sup>.

Capra faz referência à comunidade ecológica. Santo André é um exemplo de comunidade ecológica. Segundo o holismo, nós, moradores, fazemos parte do todo que é a cidade e a cidade, de um todo mais amplo – o Universo. Preocupamo-nos com a preservação do meio ambiente, mas, ironicamente, o ser humano foi expulso dessa preocupação. Aqui estão as contradições pobreza/riqueza, exclusão/inclusão social... Fala-se muito da preservação do meio ambiente. Mas a ecologia tem de ser antropocêntrica. Temos, sim, de evitar a ecodegradação e também, e sobretudo, a antropodegradação. De que adianta preservar o meio natural se se negligencia a vida humana, sabendo-se que o ambiente natural é meio de estabelecer-se a qualidade de vida? Valendo-nos dos princípios da interdependência, da parceria e da cooperação, segundo Capra, há de preservar-se o homem e a natureza – o homem na natureza. Assim estaremos cuidando do planeta Terra, segundo a expressão de Leonardo Boff.

Portanto, podemos introduzir um novo paradigma, o ecológico, nesta pesquisa, em oposição ao paradigma newtoniano/cartesiano. Este simplificava uma realidade. Dividia o todo em partes e a elas se dedicava, mas não era capaz de ver a totalidade. Porque o “todo é mais do que a soma das partes” – afirma a Gestalt. Assim, este paradigma é um reducionismo. Precisamos de uma abertura epistemológica, rompendo os arcaísmos do pensamento positivista para uma compreensão maior da realidade. Não é fácil, pois pesa sobre nós a tradição de ver tudo de forma fragmentada e mecânica. Agora, o que se quer ver é o todo orgânico, evolutivo e, portanto, dinâmico. E ver entrelaçados os fios da diversidade que compõem uma realidade. Estamos na fase de transição de um para o outro paradigma: de newtoniano/cartesiano para o ecológico/complexo. Há, neste último paradigma, contribuições de Chardin, Capra e Edgard Morin.

11. Capra, Fritjof, *Opus Citada*, pg. 234

12. Capra, Fritjof, *Opus Citada*, pgs. 231 a 234

É preciso explicar o que Morin entende por complexo. *Complexus* = aquilo que é “tecido” junto. Exemplo: ordem/desordem<sup>13</sup>. A seguir, Morin acrescenta: “o universo de fenômenos é inseparavelmente tecido de ordem, de desordem e de organização. Essas noções são complementares e, no que se refere à ordem e à desordem, são antagônicas, até mesmo contraditórias”.

Afirmo, no parágrafo anterior, que estamos na fase de transição de um para outro paradigma. Nessa fase, vemos a ordem tecida com a desordem, pois é um período de mudança. Para elucidar o conceito, transcrevo o seguinte texto de Morin:

“Foram precisos estes últimos decênios para que se desse conta que a desordem e a ordem, sempre inimigas uma da outra, cooperavam de uma certa maneira para organizar o universo. Pode dizer-se do mundo que é, ao desintegrar-se, que se organiza. Eis uma idéia tipicamente complexa. Em que sentido? No sentido de que devemos unir em conjunto duas noções que, logicamente, parecem excluir-se: ordem e desordem (...) A complexidade da relação ordem/desordem/organização surge quando se verifica empiricamente que fenômenos desordenados são necessários em certas condições, em certos casos, para a produção de fenômenos organizados que contribuem para o aumento da ordem”.<sup>14</sup>

Assim também acontece com a transição do paradigma newtoniano/cartesiano para o ecológico/complexo. Ambos ainda convivem, embora o primeiro seja mais visível, pois tem longa tradição. O segundo, em gestação, ainda não é visível suficientemente. Expliquemos o que se entende para paradigma ecológico/complexo.

*Ecológico* é aqui entendido no seu sentido mais amplo: não só ambiental,

---

13. Morin, Edgar. *Ciência com Consciência*. Bertrand Brasil, 1999; pgs. 9 a 11.

14. Morin, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Instituto Piaget, 1993, pgs. 91 e 92

mas também humano e social. Não podemos perder de vista o homem e a sociedade. Só assim conseguiremos regenerar o planeta Terra. Conseqüentemente, precisamos estar (re)ligados a tudo que acontece. Desenvolver a consciência planetária. Em relação à natureza, nada é simples, tudo é complexo. Fomos induzidos a ver tudo de forma simplificada por conta do paradigma newtoniano/cartesiano. Não se nega que esse paradigma contribuiu para o desenvolvimento da cultura ocidental, marcada pelos avanços da ciência e da tecnologia. Mas trouxe uma conseqüência nefasta: tudo é visto de forma reducionista. Esse reducionismo trouxe *disjunção*. E a disjunção trouxe a fragmentação do conhecimento. De um lado, a ciência; de outro, a filosofia; mais adiante, a religião, quando não a negam. Não há conexão entre elas. E só vale o conhecimento científico que reduz o complexo ao simples, o biológico ao físico, o humano ao biológico. Ao reduzir o todo à parte, deforma o todo e abstrai as partes e isso gera hiperespecialização. Esta conhece a parte e desconhece o todo. Esse reducionismo foi ruim para a cultura. A disjunção gerou a “inteligência cega”, segundo uma expressão de Morin, que destrói conjuntos e totalidades. Até agora, falamos de simplificações.

A abordagem newtoniana/cartesiana, por visar apenas saberes fragmentados, divididos em disciplinas isoladas, conduz à hiperespecialização – uma especialização que se fecha em si mesma. Essa abordagem unidimensionaliza o que é multidimensional. Por isso, no dizer de Edgar Morin, o paradigma newtoniano/cartesiano “torna invisíveis os conjuntos complexos, as interações e retroações entre partes e todo, as entidades multidimensionais e os problemas essenciais”<sup>15</sup>. E continua: “os problemas essenciais nunca são parceláveis. Por isto, ele propõe o conceito de complexidade.

E o que é complexidade? O que é pensamento complexo? Aquilo que é tecido junto. O pensamento complexo é um pensamento multirreferencial. Procura articulações entre as partes, entre as disciplinas, entre as categorias cognitivas, entre tipos de conhecimento. Consideremos o ser hu-

---

15. Morin, Edgar. *A Cabeça Bem Feita (Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento)*. Bertrand Brasil, R.J., 1990, pgs. 13 e 14

mano: ele é, ao mesmo tempo, um ser físico, biológico, social, cultural, psíquico e espiritual. O reducionismo separa, simplifica, mutila essas dimensões. O pensamento complexo, ao contrário, procura a articulação de modo a preservar a identidade e a diferença. E, para facilitar a compreensão sobre a complexidade, Morin utiliza a seguinte metáfora: um tecido, composto de elementos heterogêneos e indissoluvelmente ligados – conexões/desconexões, acasos/determinismos, interações/fatos e avanços/retroações – que constituem o mundo fenomenal, de que resultam a ambigüidade, a confusão, a desordem, a incerteza. E, como o espírito exige a inteligibilidade, procura a ordem na desordem, a certeza na incerteza, a clareza na ambigüidade, a racionalidade na irracionalidade.

Experiências no trato com a complexidade não abandonam os elementos contraditórios, ao contrário, são considerados como partes de um todo e trabalham, ao mesmo tempo, com os opostos: desordem/ordem, incerteza/certeza, ambigüidade/clareza, irracionalidade/racionalidade. Esses pares existem no ser humano, na cidade, na natureza, no mundo.

Tomemos o ser humano como exemplo. Somos ambivalentes: ao mesmo tempo, irracionais e racionais, seres de paixão e de razão, luz e sombra, nebulosos e lúcidos, demoníacos e santos. Choramos e cantamos, exaltamos a vida e sucumbimos à morte, afastamos e nos aproximamos de pessoas, circulamos em meio ao público e nos retiramos à nossa intimidade. Entremeeamos o diálogo fecundo e o monólogo estéril. *Eros* e *Tanatos*. Seres amáveis e raivosos. Carne e espírito. Somos multidimensionais, complexos e pendulares entre opostos. No entanto, ao definirmos o ser humano, tendemos a simplificações, à redução. Tomemos um exemplo clássico, nos manuais de filosofia: “o homem é um ser racional”. Essa definição empobrece o homem como uma entidade complexa, pois somos mais do que ser racional, somos também seres de paixão, *sapiens* e *demens*. No entanto, esses aspectos não foram considerados na definição. O homem foi escamoteado. As paixões humanas foram abandonadas porque não cabiam na definição. E, com isso, desprezamos uma longa tradição ocidental, não menos brilhante e tão importante quanto o culto às propriedades matemáticas: as paixões como

as tragédias foram relegadas ao segundo plano, de Sófocles a Artaud. Precisamos juntar essas duas dimensões, paixão e razão, ao abordarmos o homem como ser da totalidade.

Até aqui, falei mais da subjetividade. Agora, procuro estabelecer conexões entre subjetividade e política. Antes, é preciso que explicito em que sentido estou empregando o termo *política*: como uma conjugação de ações humanas capazes de produzir efeitos na cidade, visando o bem comum, de modo a facilitar e a favorecer a convivência. Este entendimento se reporta à *polis* grega, o lugar onde as pessoas vivem juntas, porquanto nenhum ser humano pode viver isolado. Precisa do outro, do alter em latim, daí a alteridade, fundamento da política, da socialidade e da solidariedade. A política refere-se à vida da *polis*, ou seja, da vida em comum, às regras de organização da vida. Assim colocada, a política deveria ser um lago sereno, mas não é, suas ondas são encapeladas porque, se todos nascemos essencialmente iguais, é a sociedade que estabelece diferenças e essas diferenças geram conflitos. Por que há os que nascem ricos e socialmente bem postos na vida enquanto há outros que nascem miseráveis e condenados a sacrifícios e a privações? Esta é uma pergunta essencial na presente obra.

Num dos parágrafos anteriores, afirmei que o homem deve ser o que ainda não é e pode vir a ser. Ser o que ainda não é e pode vir-a-ser significa autodestinar-se autodirecionar-se e construir o próprio destino. É a sublevação da subjetividade. Construo a minha resposta sobre conexões entre subjetividade e política, evocando a afirmação de Félix Guattari e Gilles Deleuze:<sup>16</sup> a clínica psicológica é uma intervenção, não só em nível da intra e intersubjetividade, como também em nível do processo histórico, social e cultural. E, nesses planos, afirmei anteriormente que há crise da subjetividade. “Não sei quem sou” passa a ser a grande questão. Ela remete a outra crise – da identidade. A identidade é a unidade da personalidade. Que identidade, se a maioria de nós somos dotados de personalidade de borracha? Que o diga Zélig, personagem de Woody Allen. Zélig é judeu entre judeus, árabe entre árabes, nazista

16. Deleuze, Gilles e Guattari, Felix. Opus citada.

entre nazistas... Somos prisioneiros das nossas guerras particulares, não-declaradas. A nossa é uma sociedade narcísica. Christopher Lasch<sup>17</sup> afirma que, numa sociedade narcísica, há a deserção do político em favor dos prazeres egoísticos e também a incapacidade de enfrentar a realidade presente, sob a forma do desespero para os mais lúcidos e de indiferença para a maioria insensível. Essa maioria compõe-se de homens homogêneos pelas pedagogias massificantes e pelos meios de comunicação de massa, que gravitam em torno de si mesmos, no máximo em torno de suas famílias e de alguns amigos. Cada um, em separado, é estranho ao outro. Não se preocupa com o coletivo, este que se dane. Empenha-se no trabalho e nos estudos em favor do seu mundinho. Aspira legitimamente a sua felicidade, mas que ninguém venha atrapalhá-la. Preocupa-se com a sua segurança, provê suas necessidades, doura o seu destino. É a cultura do narcisismo.

Eis o ponto fulcral, nesta obra: o destino dos moradores da periferia. Estão esquecidos, abandonados e apartados, como se fossem gado, vítimas de preconceitos e de intolerância. É neles que penso, na sua redenção através da educação. Claro está que a escola não é a salvação final, é apenas um agente que deve compor-se a outros agentes numa parceria em trabalhos de cooperação. Somam-se nesse esforço comum, além de educação, a segurança, a igreja, as empresas, a justiça, a política, a urbanização, a cultura, os esportes e o lazer, todos orquestrados por um poder local, dinamizado por representantes da cidade. Gostaria de agregar um elemento: não será possível a transformação social, a redenção da periferia, se não houver alterações nos mecanismos da subjetividade, de que a *percepção* é um elemento essencial. Em outras palavras, não haverá mudanças político-sociais, se não houver mudanças na engrenagem da subjetividade, a partir da percepção. É preciso trabalhar a subjetividade. E a psicologia clínica ganha importância cada vez maior nesse momento histórico. Não se trata de submeter todo mundo à clínica, mas construir ou aperfeiçoar metodologias de trabalho social através da arte e da cultura, capazes de minimizar os problemas. Enquanto existir a

---

17. Lasch, Christopher. *A Cultura do Narcisismo*. Imago Editora, R.J., 1983, pgs. 50 e segs.

relação perversa, em que se ignora a existência do outro, em que este outro perde o seu estatuto de homem, reduzido a um simples objeto, a uma peça na engrenagem da produção, será difícil, senão impossível, transformar a sociedade de injusta para mais justa, de desigual para mais igual, de indigna para mais digna. O problema é complexo, por isso é fácil de se perder. Daí a sugestão de Suely Rolnik, da PUC-SP: precisamos de uma cartografia conceitual.

A cartografia conceitual, que exponho neste capítulo, ainda está incompleta por faltar uma referência à separação entre o mundo dos sentidos e o mundo da razão, abordada, é verdade, em algumas passagens desta obra, mas de forma perfunctória. Quero referir-me a esta separação a partir de uma afirmação já exposta, mas perdida entre muitas afirmações: todo conhecimento é autoconhecimento. Dela posso tirar outra ilação: tanto o conhecimento como o autoconhecimento se constroem através do processo formativo (do sujeito). Estas afirmações serão aprofundadas no bloco *o método autobiográfico*, em que tento articular o mundo da razão e o mundo das emoções para recompor o homem na sua totalidade. Razão sem emoção é capenga e emoção sem razão é cega. Razão sem emoção é uma razão incompleta. Razão com emoção permite-nos raciocinar melhor. Daí o famoso verso de Fernando Pessoa: “o que em mim sente ‘stá pensando”.

### *O Método Autobiográfico*

---

Dei impulso à minha vida intelectual quando descobri, no Curso de Pós-Graduação em Educação da UMESP, o método autobiográfico. O cânone positivista, em que até então me assentava, impunha distanciamento entre o sujeito que observa e o objeto que é observado. O método autobiográfico, ao contrário, declara que o sujeito está no objeto e o objeto está no sujeito. Daí ter descoberto, epistemologicamente, que todo conhecimento é autoconhecimento. E que ambos, conhecimento e autoconhecimento, se acumulam através do processo formativo. Assim, a subjetividade marca

sua presença na construção do conhecimento através de experiências vividas, interrogações, crises, angústias e alegrias, encontros e desencontros, sonhos e delírios. Quando, páginas atrás, declarei que há a necessidade de conectar subjetividade e política, estava, sem perceber, ligando a interioridade (subjetividade) e a exterioridade (política). Esta ligação iluminou-se com a idéia de que é possível construir outro homem e outra sociedade, uma vez que a ética e a espiritualidade permeiam a subjetividade. Nesse processo de autoconstrução, o sujeito está sempre a se indagar e a indagar o outro, ser de relação que é. Conseqüentemente, é impossível separar o indivíduo do coletivo, porque o homem mergulha na comunidade, respeitados seus valores e sua visão do mundo. O método autobiográfico reforça minha identidade pessoal e profissional. Sou professor. Aqui emprego identidade pessoal no sentido de unidade da minha personalidade, ao mesmo tempo, flexível e duro em relação às minhas convicções. E descobri a veracidade da afirmação de Jennifer Nias de que “o professor é pessoa; e parte importante da pessoa é o professor”. O método autobiográfico é de grande valia para mim, para exercer a docência, pois não é possível dedicar-me à formação de meus alunos se não refletir constantemente sobre a minha autoformação. Já distante do método positivista, questiono a objetividade e a neutralidade científicas propostas por esse cânone.

O método autobiográfico me foi de grande valia na elaboração desta obra, uma vez que decidi abrir e expor minha subjetividade, ao relatar a minha vida, no capítulo sobre como me aproximei do meu objeto. Por ora, basta esta afirmação. Retorno ao método. Há quem o critique: não há distância psicológica suficiente entre o sujeito e o objeto da observação. Transcrevo a seguir uma declaração do insuspeito Descartes para rechaçar essa crítica:

“Gostaria de mostrar, neste Discurso, que caminhos segui: e de nele *representar a minha vida* como num quadro, para que cada qual possa julgar e, para que, sabedor das opiniões que sobre ele foram expedidas, um novo meio de me instruir

se venha juntar àqueles de que costume servir-me”.<sup>18</sup>

Comentando a transcrição acima, Boaventura declara: “para viver é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e, antes, nos una pessoalmente ao que estudamos”. Acrescento: o dualismo (o mundo dos sentidos e o mundo da razão) não está em Descartes, mas no cartesianismo, isto é, naqueles que o seguiram e insistem no racionalismo estreito, ainda hoje em vigor, em muitas academias. E, nessa linha, registro o que disse Edgar Morin:

“Este livro contém, necessariamente, elementos de auto-biografia. Minha vida intelectual é inseparável da minha vida (...) Nietzsche dizia: Sempre expus em meus escritos toda minha vida e toda a minha pessoa... Ignoro o que possam ser problemas puramente intelectuais. (...) Este imperativo de auto-observação foi perseguido em *Le Vif du sujet* em minhas investigações sociológicas, depois tornou-se um princípio epistemológico: o observador/criador deve se incluir na observação e na concepção. O conhecimento necessita de autoconhecimento”.<sup>19</sup>

Não obstante estar convencido da procedência do método autobiográfico tive dificuldade em aplicá-lo. É porque me formei em Ciências Sociais em 1961, em plena vigência do paradigma positivista que exigia, como garantias, a objetividade e a mensurabilidade nas pesquisas. A dificuldade que consistiu na relação com o objeto da minha pesquisa foi, inicialmente, uma relação de pesquisador que observa e do objeto que é observado. Distante, fria e asséptica – como impõe o cânone positivista. A mensurabilidade e a objetividade proporcionavam-me a

18. Descartes, René. *Discurso sobre o Método*, Apud Santos, Boaventura de Souza. *Discurso sobre Ciências*. Editora Afrontamento, DP, 11ª ed., 1999 - pg. 53.

19. Morin, Edgar. *Ciência com Consciência*. Bertrand Brasil, 1999, pgs. 9,10,11.

garantia do meu caminhar em busca das certezas e, ao mesmo tempo, provocava um mal-estar, pois, por temperamento, sou uma criatura apaixonada e vulcânica. Queria envolver-me, tornar-me protagonista, ir ao fundo da questão, visceral que sou. Caminho perigoso, cheio de abrolhos. Mesmo ciente de que minha pesquisa podia não ser considerada científica, posto que carregada de subjetividade, mesmo assim quis avançar, chegar ao terreno nebuloso dos limites, chegar às fronteiras entre a objetividade e a subjetividade. As exigências do rito acadêmico – a titulação do mestrado – recomendavam-me prudência. Tinha de cumprir as exigências acadêmicas e, ao mesmo tempo, respeitar-me como ser de totalidade, composto de minhas paixões e de minha razão. Por isto optei por transgredir. A propósito, leia-se o luminoso livro *Pedagogia da Transgressão*, de Ruy Cezar do Espírito Santo, Papirus Editora, Campinas, SP, 2001.

No Curso de Pós-Graduação em Educação da UMESP, mantive contato com o método autobiográfico. Caiu-me às mãos o livro *Mito e Significado*, de Levy-Strauss<sup>20</sup>. No capítulo, “O encontro do Mito e da Ciência”, declara:

“A ciência – pensou-se – só podia existir se desse as costas ao mundo dos sentidos, o mundo que vemos, cheiramos, saboreamos e percebemos; o mundo sensorial é um mundo ilusório, ao passo que o mundo real seria um mundo das propriedades matemáticas que só podem ser descobertas pelo intelecto e que estão em contradição total com o testemunho dos sentidos...”

Se a separação entre o mundo da razão e o mundo dos sentidos foi historicamente necessária para a ciência se autoconstituir, chegou a hora de integrá-los para recompor o homem como ser de totalidade. Conveni-me de que o cânone positivista é um reducionismo. Surpreendo-me a pensar, não só a partir de conceitos, como também a partir de imagens e de emoções. Meu pensamento se nutre do sensual: preciso ver, ouvir,

20. Levy-Strauss, Edições 70, Lisboa, Portugal, 1997, pg. 18.

cheirar, degustar, apalpar. E minhas idéias são visíveis na minha animação cultural, no meu magistério e nas minhas ações políticas, fundadas na liberdade, de que resultam a ética e a estética da minha existência. Ainda não estava seguro quanto à validade do método autobiográfico, motivo pelo qual, pesquisei muito. Caiu-me às mãos o primeiro ensaio “Vida de Educadores”, onde se lê:

“...(Há) necessidade de ampliar o trabalho com biografias educativas, evoluindo de uma preocupação apenas sociológica para uma preocupação que consiga abarcar também o psicológico (não-racionalidade), sem desarticulá-lo do político e da rede complexa de elementos presentes na realidade formativa de educadores”.<sup>21</sup>

Em “Vida de Educadores” – uma leitura dos referenciais teórico-metodológicos, a autora nos informa que, compulsando os resultados apresentados no CD-Rom da ANPED de 1999, identificou, sob a rubrica “vida profissional”, 22 dissertações de mestrado e teses de doutorado, apenas na década dos 90. A seguir, comenta:

“Um dos temas recorrentes em quatro dissertações de mestrado diz respeito à reconstrução, pela memória, da trajetória de vida profissional, com a utilização do método autobiográfico. Os autores descrevem as trajetórias percorridas, exploram os percursos das próprias experiências, recorrendo às estruturas interpretativas que têm permeado a linguagem e a história pessoal de formação acadêmica e da prática pedagógica. Nessa pesquisa, “o sujeito é o objeto da pesquisa” que reflete e analisa enquanto conta sua história e a história da educação. São narrativas de experiências vividas, de interrogações, de crises, de tentativas e possibi-

21. Santos Neto, Elydio dos. *Vida de Educadores - Revista Educação & Linguagem*. UMESP, S.P. 2001, pg. 20

lidades, de angústias e alegrias, de encontros e desencontros”.<sup>22</sup>

Joaquim Gonçalves Barbosa, meu orientador, transcreve um pensamento constante da sua tese de doutorado.

“O professor, visto numa dimensão também subjetiva e simbólica, toma outro significado e outro rumo. Ao trabalhar no limiar da objetivação de sua vida cotidiana, ao mesmo tempo em que abre o espaço para o subjetivo, para a imaginação e o simbólico, sem dúvida, o professor abre espaço para dar novo entendimento a seu próprio existir e, conseqüentemente, a seu trabalho e espaço de cidadania (escola)”.<sup>23</sup>

Assim, grudei-me ao método autobiográfico. Minhas experiências de vida ajudaram-me na proposição de algumas diretrizes para uma educação emancipadora dos jovens da periferia. Na minha autobiografia, que se lerá a seguir, quero enfatizar a crise que me abatera na juventude. Crise, palavra rica de significados. Vem do sânscrito, *Kri*, que significa limpar, purificar. O meu processo de individuação (realização de mim mesmo) centra-se nessa crise que me estimulou ao desenvolvimento pessoal, intelectual, humano.

### *Como me aproximei do objeto da minha pesquisa*

---

Por um motivo muito simples e, ao mesmo tempo, doloroso: fui vítima da exclusão social. Por isto, identifico-me com os moradores da

22. Duran, Marília Claret Geraes. Vida de Educadores - Revista Educação & Linguagem. UMESP, 2001, pg. 46.

23. Barbosa, Joaquim Gonçalves. *Autores Cidadãos – a sala de aula na perspectiva multiirreferencial*. Editora da UFSCAR e EDMESP, 2000, pg. 85.

periferia. Mantenho com eles alguns traços comuns: a humilhação, o sofrimento, o ressentimento que me foram impostos. E revolta.

Nasci, em 1931, na zona rural de Promissão, SP, filho de imigrantes recém-chegados do Japão. Trabalhamos como arrendatários de terra durante uma década e, ao cabo, conseguimos amedidar dinheiro e compramos um sítio em 1925. Plantamos café e, quando iam colher a primeira safra, sobreveio a crise da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929. Os Estados Unidos deixaram de comprar e o estoque de café foi se acumulando e se desvalorizando. O governo Getúlio Vargas determinou a queima; meu pai tinha uma dívida e deu, como hipoteca, a propriedade. Não conseguindo honrar o compromisso, perdeu-a e, a partir daí, vivemos a mais negra miséria. Mudamos para a cidade, onde morreram meus três irmãos por subnutrição.

Cheguei a roubar pão para sobreviver. Mudávamos de casa frequentemente porque meu pai não conseguia pagar aluguel. Lembro-me de que, um dia, minha mãe mandara-me comprar, fiados, arroz e feijão no armazém de um patrício. Este recusara-se a vender porque a dívida estava muito alta. Foi a primeira humilhação da minha vida. Imagino a de meus pais e, pior, agravada pelo sofrimento de não poder oferecer alimentos aos seus filhos.

Como se tanta miséria não bastasse, sobreveio a Segunda Guerra Mundial. Em 1943, Brasil e Japão declararam-se em guerra. Por isso, fomos violentamente perseguidos, pois consideravam-nos inimigos perigosos do Brasil. Não podíamos sair à rua, logo vinham pedradas. Íamos os nisseis, em grupo, à escola – uma forma de proteção coletiva. Fazíamos caminhos diferentes para despistar malfeitores. O diretor da escola soltava-nos dez minutos antes do término da aula para evitar constrangimentos e com a recomendação de voltarmos diretamente para casa. Fomos privados de muitas matinês no cinema e de muitos passeios. Tão depauperado que não conseguia aprender nada, motivo pelo qual fui reprovado três vezes no grupo escolar (hoje, ensino fundamental) e uma vez no colégio.

Mudamos para São Paulo.

Meu primeiro emprego: faxineiro de uma fábrica. Fui demitido, tanta a minha revolta com as condições familiares. Mesmo assim, prosseguia os estudos, à noite, no colégio Roosevelt, no Parque Dom Pedro II. Estava desempregado. Terminada a última aula, ia ao Mercado Municipal, perto do Colégio, à rua Cantareira, para fazer alguns “bicos”. Esperava-o abrir, sentado ou deitado na calçada. Tantas vezes fui confundido com mendigos e meliantes que pululavam no entorno e quase fui preso. Salvou-me o gerente do Mercado, que me conhecia de vista de tanto estar em frente ao portão, estudando. Lia e escrevia. Para proteger-me, autorizou o porteiro a abrir-me as portas e assim, abrigado do sereno, das chuvas, do vento e do frio, dormia sobre caixas de tomates ou sacos de cebola. Às 2h da madrugada, abria o Mercado para compradores – feirantes e donos de restaurantes. Então, eu acordava. Viviam de gorjetas, entregava mercadorias, carregando-as nos ombros até os caminhões de feirantes ou até os restaurantes instalados no centro da cidade. Participei de situações de perigo porque bandidos viviam nas cercanias. Podia tornar-me marginal, oportunidades não me faltaram, salvaram-me a religião e os estudos.

Em 1958, ingressei na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Tinha de escolher entre as duas. O curso de Direito proporcionava-me mais segurança, pois a profissão era reconhecida. Havia mercado de trabalho. O curso de Ciências Sociais não me oferecia segurança, pois a profissão não era reconhecida e o mercado de trabalho era restrito e inseguro. O campo de pesquisas era limitado, restringia-se a duas ou três empresas. Mesmo assim, optei pelo Curso de Ciências Sociais. Motivo? Queria saber sobre a marginalização a que fui submetido (na época não havia o termo exclusão social), as origens da violência, as causas das desigualdades sociais, as diferenças raciais e culturais, a discriminação, explicações sobre o preconceito, o porquê das guerras, o ódio racial. Eram infinitas as indagações. Estas questões constituíram o cerne do meu drama.

Faltava-me o chão em que me apoiar, tamanha a insegurança, motivo pelo qual tornei-me instável e tenso. Reagia com violência, como forma de defesa. Meu espaço de vida era restrito e eu queria dar meu grito

primal de liberdade; não conseguia. Estava, todo, em colapso. Havia barreiras externas de toda ordem – estereótipos, discriminações e preconceitos. Descarregava minhas frustrações na minha família, da qual dependia. Não conseguia deixá-la, deixei-me ficar, criando uma atmosfera de mal-estar.

Ao optar pelo curso de Ciências Sociais, queria explicações sobre a minha vida miserável e dos motivos de tanta agressividade (minha) contra a família. Colocava-me no centro, não conseguia desvencilhar-me do meu egocentrismo intelectual. Observava-me, era sujeito e objeto das minhas observações, era proprioceptivo, com aguda atenção interior, sentia os movimentos dos meus sentimentos e dos meus pensamentos, captava-os em pleno vôo, sempre num processo de criação. Cultuava os meus demônios – demônios, não no sentido cristão do termo, vinculado ao maniqueísmo, ao céu e ao inferno, mas ao sentido grego, como o *daimon* de Sócrates. Meus demônios eram entidades espirituais, ao mesmo tempo, interiores e superiores às minhas forças. Essas entidades me ocuparam, me dominaram e me particularizaram. Elas nasceram em mim e me formaram. Eu funcionava como um círculo, onde o fim se encontrava com o começo.

Como me safei do círculo vicioso da crise? Por uma ruptura.

Quatro anos antes do meu ingresso no Curso de Bacharelado em Ciências Sociais na Escola de Sociologia Política de São Paulo, a mencionada escola abriu, em 1954, um concurso para 50 bolsas de estudos para um curso de Iniciação Científica, atendendo a um pedido de uma instituição, de âmbito nacional. Inscreveram-se aproximadamente 500 candidatos, muitos deles de cidades do interior do Estado de São Paulo. Além de curso gratuito, os aprovados receberiam uma bolsa-auxílio elevada para pagar despesas com estadas na Capital (hotel, refeições, compras de livros...). Acompanhei um amigo para a inscrição. Insistiu para que eu me candidatasse. Resisti, tamanha a minha insegurança. Vinha de muitos fracassos, não queria colecionar outro. Além disso, não estava preparado, pois os candidatos eram profissionais formados em Direito, Administração de Empresas, Ciências Sociais, Psicologia, Pedago-

gia e Serviço Social. E também muitos estudantes universitários. Eu era o único recém-egresso do Curso Clássico, hoje Ensino Médio.

Tanto insistiu o meu colega que me inscrevi. Afinal, não precisava pagar taxa. Alguns dias depois, prestamos o concurso. Prestei por prestar, convencido do meu insucesso. Queria apenas fazer companhia ao meu amigo. Uma redação sobre a encíclica papal *Rerum Novarum*, de Leão XIII, três ou quatro questões sobre conseqüências sociais e políticas da revolução industrial, igual número de questões sobre estrutura e funcionamento do Estado Brasileiro. No exame oral, questões sobre a Segunda Guerra Mundial, outras sobre o fascismo, nazismo e comunismo e algumas sobre Legislação Trabalhista e Previdência Social. Por serem os dois últimos temas específicos, não soube responder a nenhuma pergunta.

Dia do resultado: grande foi a minha surpresa (e alegria) ao ver meu nome na lista de aprovados. Era o último da lista, não importa, conseguiu. Deixara para trás outros candidatos já formados e universitários, inclusive meu amigo. Senti por ele. A partir daí, ninguém mais me segurou. Auto-affirmei como estudante e como pessoa. Elevou-se a minha auto-estima. Convenci-me de que sou capaz intelectualmente. De sucesso em sucesso, as frustrações foram desaparecendo, bem como a agressividade. Da bolsa-auxílio que recebia, tão elevada, destinava parte à manutenção da família. Concluído o curso, fui contratado como profissional pela entidade promotora do concurso, recebendo uma boa remuneração.

Hoje, transcorridos quase 50 anos, indago-me: o que me levou ao sucesso? Ajudaram-me as leituras que fizera, em condições precárias, nas madrugadas da minha juventude, enquanto aguardava os portões do Mercado Municipal de São Paulo se abrirem. Lia desvairadamente, não apenas livros de auto-ajuda, mas também de História, Filosofia, Religião e também Literatura. Já naquela época concentrava-me na leitura de Sartre e Camus, cujas vozes existencialistas vinham da Europa dilacerada pela Segunda Guerra Mundial. E também Dostoiévski, Graham Greene e Julien Green que dissecavam a alma humana, tantos os dramas.

Em 1958, conforme afirmei, ingressei no Curso de Bacharelado em Ciências Sociais na Escola de Sociologia e Política, onde fui aluno da

primeira geração de professores brasileiros que substituíram os estrangeiros, entre eles, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Fernando Henrique Cardoso, Sérgio Buarque de Holanda, Virgínia Leone Bicudo e Oracy Nogueira. Fui também aluno de estrangeiros que ainda remanesciam, entre eles, Donald Pierson, Emílio Willens, Charles Wagley, Roger Bastide e Herbert Baldus. A considerar que, em 1954, comemorou-se o quarto centenário da fundação de São Paulo, Capital. Entre as comemorações, uma foi de grande valia para a minha formação intelectual. O Governo do Estado promoveu inúmeras pesquisas sobre relações raciais entre negros e brancos em São Paulo, coordenadas por Roger Bastide e Florestan Fernandes, posteriormente publicadas em livro.<sup>24</sup> Vali-me da sua leitura durante a vida universitária que me explicou muito sobre o preconceito, discriminação e diferenças sociais. E desse conhecimento, valho-me para a elaboração da minha obra, acrescida de outras informações adquiridas posteriormente.

Fiz um bom curso universitário, uma vez que tinha resolvido meu problema econômico. Ganhava bem. Fiz psicoterapia individual e de grupo. Entendi o meu drama e da minha família: o processo perverso da miséria, a luta pela sobrevivência, o preconceito, a superação dos problemas, a marginalização (hoje, batizada com o nome de exclusão social) e o esforço de inclusão social.

Enquanto registrava minha vida, fui descobrindo o seguinte princípio epistemológico: o observador se inclui na observação; o conhecimento necessita de autoconhecimento. O conhecimento é autoconhecimento.

Assim, descobri que todo ser vivo tende a cumprir sua vocação. A semente torna-se árvore; o sêmen, animal. Assim também o ser humano: o bebê cresce e torna-se homem. Há uma diferença. O homem toma consciência de suas potencialidades e as desenvolve e as influencia, rumo à *autopoiese* – produção de si mesmo.

Hoje, aos 72 anos de idade, percebo, na minha *autopoiese*, o movimento da minha vida em torno de um eixo em direção a um objetivo, a

---

24. Bastide, Roger e Fernandes, Florestan. *Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo*. Editora Anhembi/Unesco, 1955.

um destino. Esse movimento é helicoidal, bem no sentido da evolução. Teilhard de Chardin cunhou uma frase lapidar que merece ser evocada: “Tudo que sobe (evolui), converge” (1967). Graças à convergência, o homem supera todas as aspirações mais confusas e tende ao “mais ser”. Em mim, percebi os fragmentos, estilhaços de crises existenciais, se juntarem numa síntese superior de que resultou a minha *autopoiese*.

No parágrafo anterior, fiz referência a um *eixo*. Que eixo? *Self* – responderia Jung – que se traduz por *si-mesmo*, centro psíquico. E a vida é um movimento de circunvolução em torno e em demanda desse centro psíquico. A este processo chamou individuação ou realização de si mesmo. Visa completar-se através da convivência consciente com duas tendências opostas, bem e mal.<sup>25</sup>

No mesmo parágrafo, fiz referência à *crise*. É uma palavra rica de significados. É um estado de desequilíbrio que se revela através de insegurança, medo, dúvida. Por isto, fragmenta a vida e obscurece a leitura do mundo. É um estado momentâneo se a pessoa souber superá-la, em busca de um novo equilíbrio, de que resultem nova segurança, nova totalidade, até que esse equilíbrio se desequilibre e reequilibre novamente, gerando novas possibilidades. De crise em crise, avança a pessoa dialeticamente em direção ao seu *self*. Assim, vislumbra-se a esperança na crise<sup>26</sup>. Basta atentar para a etimologia, vem da mesma raiz do verbo grego *krinein*, que significa decidir, julgar. Tem o mesmo sentido de *catarse*, presente nas tragédias gregas. Na linguagem religiosa, crise corresponde à conversão – aproximação de Deus. Crise é dotada de extrema vitalidade. O problema não é a crise em si mesma, mas atitudes frente a ela. Leonardo Boff aponta-as<sup>27</sup>: *apocalípticos* são aqueles que vêem a crise como uma catástrofe e o fim do mundo. Não é um mundo que acaba, mas um tipo de mundo. Da velha ordem emerge uma nova ordem. Os *futuristas* desejam transformar o mundo através de sonhos delirantes, sem fundamento na realidade. São estéreis. Os *escapistas* são aqueles que procuram solução apenas para uma classe – a sua clas-

25. Jung, C.G. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Editora Nova Fronteira, RJ, 4ª edição, 1981, pg. 355

26. Furter, Pierre. *Vida e Educação*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2ª edição, 1968, pg. 93 e segs.

27. Boff, Leonardo. Que Significa Crise? *Folha de São Paulo*, SP, de 7.7.1993 pg. 3

se. E os *responsáveis*, os que enfrentam objetivamente a crise. Os responsáveis são aqueles que procuram respostas lúcidas à crise e empenham suas ações no sentido de superá-la.

Fiz uma longa digressão sobre minha vida, refazendo o meu itinerário, de exclusão para a inclusão social, pontuando minhas crises e o meu processo de individuação. Este processo é fundamental para qualquer pessoa que deseja conhecer-se e reconstruir-se. Minhas experiências de vida constituem o cerne da minha pedagogia apaixonada, visando a reencantar a educação. Quero construí-la com os meus companheiros, membros do movimento hip-hop, para preencher uma lacuna nas escolas da periferia.

Minha inclusão social não obscureceu a minha sensibilidade em relação ao drama dos excluídos. Deles me aproximei. Colaboro com eles em programas educativo-culturais. Vislumbro, nos membros mais lúcidos do movimento hip-hop, o interesse pelos temas de crise e processo de individuação. Não lhes respondo conceitualmente, restrinjo-me a descrever como se estabelece a crise no interior das pessoas. Entendem porque já experienciaram em algum momento do passado. Sobre o processo de individuação, lembro algumas parábolas retiradas do Velho e do Novo Testamento ou contos populares e estórias que invento na hora. Entendem. A minha visão antropológica ajuda-me a compreendê-los.

Perguntam-me sobre dúvidas, sentimentos e pensamentos que lhes ocorrem, sobretudo, depois do assassinato de um amigo, Gilmar, também cultor do *rap positivo* e locutor de uma rádio comunitária que criticava e combatia os traficantes de drogas que põem os jovens a se perderem. Os traficantes sentiam-se prejudicados. A morte do amigo os fez vacilar. Por isto, infundo neles estímulo em desenvolver o *rap positivo* e levá-los ao interior das escolas. Ao mesmo tempo, como educador e secretário adjunto da Cultura de Santo André, compete-me facilitar o trabalho deles, estabelecendo contato com os diretores e professores através de palestras e organização de seminários sobre a violência e a cultura da paz. E fazer com que os esforços educativo-culturais culminem em apresentações nos Centros Comunitários, nos Centros de Referência da Juventude e nos pátios das escolas.

## *Problematização*

---

Santo André, um dos municípios do ABC Paulista, na década de 50, era uma cidade suburbana, com 127 mil habitantes, dependente em tudo da capital, São Paulo. Com o desmembramento político-administrativo, de que resultaram os municípios de São Caetano do Sul, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, a população reduziu-se para 92 mil.

No entanto, a partir da mencionada década, vai ocorrer extraordinário crescimento econômico com a implantação das indústrias automobilísticas ao longo da via Anchieta, em São Bernardo do Campo, e de autopeças, naquela cidade e também em outros municípios do ABC.

O fenômeno da industrialização foi acompanhado de outro: a migração interna<sup>28</sup>.

O mundo pós-Segunda Guerra Mundial cresceu e se desenvolveu à luz da teoria keynesiana (e Santo André se valeu dessa teoria) que propunha a industrialização, a ampliação do mercado consumidor de bens de serviços, a poupança como suporte de pleno emprego e de taxas de crescimento econômico. Essa teoria também propunha que o Estado investisse na infra-estrutura de modo a dar suporte ao crescimento econômico. As taxas de desemprego eram baixas e o emprego formal era protegido pelos direitos trabalhistas e previdenciários. Com isso, ampliaram-se as oportunidades de emprego e de oferta pública de garantias e serviços, de que resultou a redução da pobreza. Período de muita euforia. Elevou-se o poder aquisitivo da população. E aconteceu, na região do ABC, o que aconteceu em todas as regiões do mundo: a in-

**28.** Os recenseamentos revelam o crescimento populacional:

1940	127.000
1950	92.000
1956	154.000 *
1960	245.000
1970	419.000
1980	553.000
1990	616.000
2000	650.000

\* Recenseamento realizado pela Prefeitura de Santo André

dustrialização provocou a migração particularmente do interior dos Estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e do Nordeste. Ao mesmo tempo a industrialização provocou a urbanização.

Há uma íntima conexão entre os fenômenos de industrialização, migração e urbanização. Assim, a explosão demográfica, de 1950 a 1980, acelerou o processo de urbanização com a formação de novos bairros. Mas foi um processo de urbanização descontrolado. O município não estava preparado para receber um contingente tão grande. A população de baixa renda ocupou os lugares mais distantes, o fundo dos vales, as encostas das montanhas, os alagados e áreas de mananciais. Esses espaços constituíram a periferia, composta de 137 favelas, com 125 mil habitantes.

Muitos dos moradores vieram da zona rural, despreparados para viver numa sociedade complexa, industrializada e urbana, sem formação profissional, analfabetos e com saúde debilitada, e compuseram a clientela de serviços públicos médicos e assistenciais e o universo dos excluídos sociais. De outro lado, os de melhores condições sociais e econômicas compuseram a população das policentralidades, jargão urbanístico que significa não apenas o centro da cidade, como também o centro dos bairros. E os melhores bairros. Entre a periferia, de um lado, e os melhores bairros, de outro, há variações em termos de qualidade de vida, de poder aquisitivo e de equipamentos de serviços públicos, como postos de saúde, escolas e centros comunitários destinados à cultura, esportes e lazer. É visível a reprodução de desigualdades sociais e ao município se aplica o termo Belíndia, criado por Edmar Bacha, economista e homem público. É um termo híbrido, composto de Bélgica, significando a opulência, e Índia, significando a pobreza. Em termos locais, a Belíndia torna-se gritante, pois convive no mesmo espaço – bairro, rua e quarteirão. Aqui, cabe uma advertência: a pobreza não constitui uma causa direta da violência. Se fosse, a Índia seria um dos países mais violentos do mundo, mas não, pois é homogeneamente pobre, ao contrário do Brasil, onde as desigualdades sociais são gritantes e agridem. O Brasil é um exemplo de Belíndia.

Em termos macro-sociais, a Belíndia não é tão visível, pois é uma

realidade distante e difusa. Mas, em termos micro-sociais, de bairro e de vizinhança, é gritante, pois a pobreza e a riqueza convivem no mesmo espaço. E, como declara um entrevistado, “os meios de comunicação, sobretudo a televisão, agravam tudo, pois, ao divulgarem um produto, a propaganda entra, indistintamente, na residência da classe média e na periferia”. Um par de tênis, por exemplo. Um morador de periferia não tem acesso a ele. É seduzido e, por não poder adquirir, se frustra. E a frustração é um estímulo ao furto, pois o par de tênis tornou-se um objeto de desejo. E isso gera violência. E Santo André é uma cidade terrivelmente violenta. A vida tornou-se um ato de improbabilidade, pois tudo está contra ela. Mesmo dentro do lar, sentimo-nos ameaçados. Daí a parafernália de segurança: muros altos, grades de proteção com lanças de ferro ou alumínio pontiagudas, olho eletrônico nos prédios de apartamentos e nas escolas. É o panóptico, segundo uma expressão de Michel Foucault<sup>29</sup>. E a violência não é só da periferia, mas também da classe média. Faz parte do cotidiano da cidade. Na linguagem mitológica, a cidade transformou-se no império de Moloch, tirano e devorador, uma divindade a quem sacrificavam crianças. Os moradores da cidade foram despojados de si mesmos, como numa situação de exílio.

Da perspectiva do pensamento de Edgar Morin, Santo André é uma cidade complexa. Recordemos o que significa complexidade: é um tecido composto de fios heterogêneos: ações/reações, avanços/retrocessos, acasos/determinações, ordem/desordem, certeza/incerteza. Posto que tecidos, esses fios foram compostos simultaneamente. E o mundo fenomenal tem de ser visto e analisado na sua totalidade, resultando daí a sensação de inexplicável, de ambigüidade e de confusão.

E é assim que Santo André se nos apresenta: confusa, violenta, inconclusa, inextrincável, ambígua. Não é fácil administrá-la. Daí a necessidade de Plano de Ação e Plano Diretor. E o planejamento e a gestão urbana devem estar voltados para toda a sociedade, em oposição e às práticas tradicionais que contemplavam apenas uma parte da cidade – os bairros consolidados. Pois o programa do governo de Celso

---

29. Foucault, Michel. *Vigiar e Punir*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1999, pg. 162.

Daniel (1989/1992, 1997/2000, 2001/2002), barbaramente assassinado fundou-se na concepção de complexidade. Considerou, na elaboração do seu programa, as variáveis pobreza/riqueza, centro/periferia, bairros consolidados/favelas, paz/violência, analfabetização/alfabetização, exclusão/inclusão social. Preocupou-se muito com a periferia, desenvolvendo uma política de inclusão social a partir da constatação de que o acesso aos direitos a às garantias básicas, como a educação, a saúde, a moradia, a cultura, o lazer e o esporte, está bloqueado. Celso Daniel centrou-se nas populações de baixa renda que, impelidas pela ausência de programas de qualidade de vida, apelaram para a ocupação desordenada de espaços territoriais com a carência total de infra-estrutura e entregues à própria sorte. A periferia é a parte *oculta* da cidade que a classe média e os governos locais anteriores ignoraram.

Pois Celso Daniel iniciou o combate à exclusão social e à degradação urbana com programas de desenvolvimento econômico, urbano e social, todos convergindo para um centro catalisador: a inclusão social. Não basta melhorar as condições de moradia, sem melhorar o nível de renda, de emprego, de saúde, de educação, de transporte público, de segurança e de cultura, esporte e lazer. Esses programas têm, por objetivo, responder às demandas das áreas que reúnem indicadores negativos em termos de marginalidade, criminalidade e violência. Daí a reurbanização das favelas. O atual prefeito, João Avamileno, substituto do prefeito assassinado, dá-lhe seqüência. Por escassez de recursos, a (re)urbanização iniciou-se nas favelas de Sacadura Cabral, Tamarutaca, Quilombo II e Capuava. O objetivo é estender a reurbanização a todas. Santo André *ainda não é*, mas poderá transformar-se numa cidade mais humana, mais agradável e mais bonita. Daí o empenho do poder público municipal e da sociedade civil em torno de um projeto macro – *Santo André Cidade Futuro*, com a colaboração da sociedade civil através de *Orçamento Participativo*, um mecanismo democrático para a distribuição de recursos pelos territórios do município. Assim, a sociedade civil se mobiliza. O que se deseja é diminuir as desigualdades sociais, tornar Santo André uma cidade *mais igual*.<sup>30</sup>

30. Prefeitura Municipal de Santo André - *Santo André + Igual* - 1992.

Assim me aproximo do problema.

Os jovens membros do movimento hip-hop, que residem pelo território da periferia em situações precárias, são os atores sobre quem recai o objeto da minha pesquisa. Analisando as letras de suas músicas e as mensagens contidas nos grafites, percebe-se que denunciam a realidade dolorosa em que vivem. Mas não se fixam apenas nos lamentos, vão além, querem mudanças sociais. Experimentam a sensação de estranhamento e de não-pertencimento à cidade, embora fiéis ao seu território e aos seus moradores. Denunciam a desumanização da cidade, a recorrência da alienação, o desenraizamento, a perda de identidade, a crise dos vínculos afetivos, a disseminação da violência por todas as classes sociais (desconexão) e a dissolução do sujeito.

Em Santo André, como já dito, grupos de jovens organizam-se em torno do movimento hip-hop. Suas ações constituem o protagonismo juvenil que consiste na capacidade de intervenção deles nas suas comunidades com vistas à transformação, tornando-as mais humanas e mais agradáveis. Promovem a solidariedade, visam ao desenvolvimento, preocupam-se com a qualidade de vida, favorecem a participação de todos.

Também já afirmamos que, por todos esses motivos, o movimento hip-hop precisa ser introduzido no interior das escolas com vistas a reencantar a educação. E esse reencantamento se fará conectando educação e cultura. No entanto, muitos professores ainda não perceberam o papel pedagógico do movimento hip-hop.

O que fazer? O que fazer, uma vez que o movimento hip-hop deseja uma educação emancipadora e inclusiva da periferia e quer combater a violência? É este o objeto: aproximar a escola e o movimento no espaço da promoção humana e no combate à violência.

## *Procedimentos*

---

Concentrei-me no levantamento bibliográfico sobre o movimento hip-hop. Entrevistei jovens do movimento e funcionários da Secretaria de Cultura, Esportes e Lazer com o auxílio de um gravador. Esses funcionários fizeram-me o resgate de ações desses jovens.

Redigi um *diário de bordo*, onde registrei as entrevistas, leituras e análises. Por que *diário de bordo*? Este termo vem do verbo *abordar*, que significa estar no bordo – uma embarcação. Entrar no bordo significa, metaforicamente, estar na pesquisa (e na educação), à procura de novos aspectos, novas dimensões, novas significações, nunca antes percebidos.

Além de registrar no diário de bordo os fatos do cotidiano, anotei minhas reflexões livremente, independentemente de estarem certas ou erradas. E também tensões que me dominaram, sobretudo, nos momentos de dúvidas. Aproveitei muitas reflexões e incorporei ao texto final. Em caso de erros ou dúvidas, retornava ao campo, entrevistava, outra vez, a pessoa que me dera a informação e depois outras entrevistas para confirmá-las ou negá-las. Graças ao diário de bordo, organizei o meu cotidiano e meus pensamentos. Além disso, serviu-me como um instrumento de avaliação. Corrigia a rota sempre que desviava do objeto da pesquisa. Ele revelou-se de grande utilidade para a construção desta pesquisa.

Ela foi desenvolvida em três momentos distintos. No primeiro, quis conhecer o universo da periferia *in loco*, seus valores, os comportamentos e suas aspirações e, a partir dessas informações, ampliar a pesquisa, entrevistar outros jovens, descobrir novos aspectos, novos dados. O segundo momento consistiu em entrevistar os jovens cultores do movimento – os *rappers*, os grafiteiros, os *breakers*, os *DJs* – *Disc Joqueys*. Queria conhecer seus objetivos, sua natureza, seu funcionamento. O terceiro momento concentrou-se nas entrevistas da Polícia Militar e da Guarda Municipal e de professoras e diretoras das escolas da periferia. O enfoque básico: o relacionamento do jovem da periferia com esses profissionais. Analisei as respostas, cruzei-as à procura de dados signi-

ficativos a partir do paradigma ecológico/complexo. Ao final dessas análises, formulei algumas contribuições desse movimento para uma educação emancipadora e inclusiva.

Vali-me da pesquisa-ação. Procurei, através dela, estabelecer uma ponte entre a ação e a teoria, entre o concreto e o abstrato. Para mim, uma teoria só tem valor verificada na prática. A propósito, Kurt Lewin, o criador dessa linha de investigação, chegou a afirmar: “nada mais prático do que uma boa teoria”. Essa metodologia pode ser conceituada como uma ação sistemática e controlada, desenvolvida pelo próprio pesquisador. Foi o que fiz num estudo de caso sobre preconceito. Nelson, o protagonista, quase foi vítima de expulsão de seu local de trabalho. Só não chegou a este extremo em virtude da minha intervenção.

O caso Nelson revelou-me a eficácia da pesquisa-ação. Ela fundamenta-se na articulação entre a prática e a teoria. Assim, estabelece-se reciprocidade entre pensamento e ação e entre planejamento e execução. A disjunção gera incoerência e pode prejudicar os resultados. A pesquisa-ação funda-se no pensamento complexo, em que os opostos se tecem. No caso, teoria/prática, ação/pensamento, planejamento/execução, projeção/edificação, interpretação/transformação. Por oportuno, a respeito de interpretação/transformação, transcrevo a segunda tese sobre Feuerbach de Karl Marx: “Os filósofos nada mais fizeram do que interpretar o mundo de vários modos. Ora, o que interessa é transformá-lo”. E a pesquisa-ação pode ser eficaz, se bem utilizada, na transformação da realidade, no caso, a periferia.

## *A periferia vista pelos seus moradores*

Municiado de um mini-roteiro, aberto, fui à favela de Capuava, Santo André, para entrevistar inicialmente cinco jovens moradores e integrantes do movimento hip-hop. Com os dados obtidos, quero ampliar o roteiro, para identificar o universo dessa parte da cidade, onde moram negros, mulatos, pardos, sub-empregados, semi-alfabetizados, muitos deles dotados de uma profunda consciência social.

Fui ao barracão do movimento hip-hop. Aguardavam-me na entrada da favela cinco jovens a serem entrevistados. Informaram-me que os moradores são desconfiados e resistentes a dar informações a pessoas estranhas. Uma forma de autodefesa. Subimos a viela sem saneamento básico. No barracão, alguns instrumentos musicais, nas paredes diversos grafites, alguns heróis de histórias em quadrinhos, como *Super-Homem*, *Mandrake*, *Capitão América*. Percebi que esses heróis são constantes nos grafites esparramados pelos muros da cidade. Entre eles, Mandrake, o mágico, pontificava. É muito reverenciado porque num passe de mágica, é capaz de transformar tudo, eliminando problemas e situações angustiantes. Mandrake é o que apaga a dura realidade dos excluídos, substituindo-a por outras mais amenas. Outro grafite chamou-me atenção: uma cidade colorida, serena, os moradores solidários, alguns próximos, talvez dialogando. Essa cidade é uma utopia a ser realizada: querem residir numa cidade onde não há violência. E por que do colorido forte, com o vermelho, o verde, o amarelo? – perguntei. Para contrastar com a cidade cinzenta, sem vida e sem alegria – responderam-me. A cidade que imaginam tem movimento: a dança, a música, a poesia, a alegria transbordante.

*Ações e Reações*

---

Enquanto subia a ladeira até o barracão do movimento hip-hop em companhia dos cinco jovens, percebi, instalado em mim, um laboratório intelectual e emocional, em virtude de eu estar diante de uma realidade diferente, a favela. Um mundo estranho, diferente do meu, casebres de pau-a-pique e zinco ou papelão; ruelas estreitas e mal cheirosas. E úmidas. A água vinha do interior dos casebres, de alguém que lavara alguma coisa ou se banhara. Sons de rádio e de televisão se confundiam, formando uma estranha sinfonia. O meu olhar e o meu ouvir eram de um estrangeiro que em tudo se fixavam. Adultos e crianças me olhavam de trás das portas semicerradas. Para eles, eu era o estranho. Conhecia esses comportamentos (meus e deles), resultantes do etnocentrismo. E o etnocentrismo é uma visão do mundo, calcada nos valores do próprio grupo. Eu os julgava do ponto de vista de meu grupo e eles me julgavam do ponto de vista do grupo deles. Sabia dos perigos do etnocentrismo, como preconceitos e discriminações. Treinado através de pesquisas etnográficas que encetara no passado, sabia que precisava evitá-lo para não comprometer os resultados da pesquisa. No plano afetivo, eliminar sentimentos de estranheza e de hostilidade. E no plano intelectual, entender a diferença. Para isto, precisava estabelecer conexões afetivas e intelectuais a partir da empatia – a capacidade de me reconhecer nos favelados e eles se reconhecerem em mim. Depois de algumas trocas de palavras, gestos e risos, conseguimos nos identificar. Fazia essas trocas com crianças e adultos que encontrava nas ruelas. E, fato curioso, eu não constituía mais a ameaça para eles, nem eles para mim. As pessoas, com as quais me encontrara na ruela quando me dirigia ao barracão do movimento hip-hop, encarregaram-se de divulgar que “o japonês é legal”. Ao voltar pela mesma ruela em direção ao meu carro, percebi que aqueles adultos e aquelas crianças que me olharam de trás das portas semicerradas, desconfiados, já me olhavam sem estranhamento. A conexão tinha se estabelecido.

*As entrevistas: a visão dos jovens sobre a periferia*

---

Iniciamos as entrevistas simultaneamente – uma polifonia a cinco vozes. As vozes dialogam entre si completam-se e respondem umas às outras. A fala de um pressupõe a fala do outro. Assim, descreveram a vida na periferia nos seguintes termos:

– “A periferia é o próprio inferno” – afirmou um jovem.

Todos têm uma história, são uma história. Fui ao “inferno” em companhia de cinco jovens moradores e membros do movimento hip-hop. É de enlouquecer, tamanha é a bolsa de infortúnios. Isso não acontece na África, mas no Brasil, no ABC Paulista, precisamente em Santo André, uma das cidades mais ricas e modernas. Não é ficção, é a pura realidade.

Entrevisto esses jovens no barracão do movimento a partir de um roteiro. E eles:

– “Somos todos sobreviventes do inferno. Não quero ter filhos. Se tiver, não quero recriminar, como a minha mãe faz comigo o tempo todo. Em meio à malandragem, temos de ser malandros e ligeiros. Perguntamos ao senhor que é professor universitário: como podemos viver sem astúcia? O movimento hip-hop nos ensina a viver. Cantamos a periferia, contamos nossos dramas através dos quais elevamos os níveis de consciência dos moradores. Somos vítimas frequentes dos pés-de-pato (uma gíria que significa policiais)”.

Pergunto sobre as relações com o branco e com a classe média. E eles:

– “Minha avó teve quatro filhos, todos de homens brancos. Ela renegava a raça. Tinha vergonha da cor, do cabelo pixaim, vergonha de si mesma, vergonha de residir em bairro pobre. Queria o embranquecimento das gerações futuras. Hoje, os tempos são outros, nós assumimos a raça. Temos orgulho da raça, estamos forjando a nossa identidade. Não ameaçamos o branco, a classe média e o burguês. Apenas criticamos a falsa consciência deles. Então, por que ficam apavorados com a periferia? A classe média é apavorada por natureza, tem propriedade e ‘status’ a defender”.

– “Os brancos não entendem nosso orgulho da raça, expresso nos seguintes termos: somos negros, por isso somos belos. Queremos introduzir novo conceito de beleza. Os brancos têm de rever suas posições em relação ao orgulho negro”.

E sobre a escola? E eles:

– “Frequêntamos escolas. Poucos os que conseguem concluir. Tentamos aprender a ler, a escrever e a contar. Isso é bom, mas é insuficiente. A escola não desperta a solidariedade nem a necessidade de mudanças sociais. E queremos mudanças. A situação atual é desvantajosa para nós. Também não nos ensina uma profissão. Ela tem pouca importância. Nada ou pouco significa. Está falida. Por isto, é invadida, apedrejada, pondo alunos e professores em risco. Nem as escolas bem localizadas são poupadas. Os professores são, na maioria, brancos e da classe média. Impingem-nos valores de seu meio. Ignoram os nossos, não admitem nossos comportamentos, consideram-nos indisciplinados, encaram-nos do ponto de vista do sistema, da ordem e da submissão. E, como queremos nos afirmar, consideram-nos arrogantes. Não foi na escola que tomamos conhecimento de Bertolt Brecht e de Maiakovski, mesmo porque eles (os professores) ignoram. Aprendemos nas ruas e nos barracões de hip-hop. Temos negros universitários e intelectuais, eles nos passam informações. Admiramos o Mano Brown, do Racionais. O Mano é uma referência. O seguinte verso é de uma das suas músicas: ‘os versos das nossas canções são tiros de revólver’. Os alvos desses versos são as injustiças, os preconceitos e a exclusão social a que fomos relegados. Lutamos pela nossa liberdade, pela nossa dignidade. Os políticos só nos procuram na época de eleições. Propõem uma educação e uma cultura para nós. Não é isso que desejamos. Queremos uma política educativo-cultural elaborada por nós também, em parceria”.

Há salvação?

– “Sim, a arte: o movimento hip-hop ou a cultura hip-hop, como também é conhecido, compõe-se de: *Discotecagem*, a performance fonográfica a cargo de um DJ (disc-jockey), aquele que faz os efeitos sonoros da música; *Break*, a dança através da qual valorizamos o nosso corpo, faze-

mos exercícios físicos. A dança constitui-se de movimentos robotizados e de acrobacias no solo. *Rap*, a poesia associada à música, de contestação contra a sociedade injusta. É a abreviatura de ‘Rhythm and Poetry’ (Ritmo e Poesia). É o canto acompanhado de instrumentos. A letra é cantada ou declamada. *Grafite*, a arte pictórica, feita de ‘spray’ ou tinta, com a qual fazemos críticas sociais. *Grafite* não é pichação, sujeira. Ao contrário, é uma forma de combatê-la. Há um código de ética: um muro grafitado não é pichado. Os pichadores respeitam. Essas manifestações – a *Discotecagem*, o *Break*, o *Rap* e o *Grafite* não são manifestações artísticas que se encerram em si mesmas, têm uma finalidade mais ampla, a de elevar os níveis de consciência dos moradores da periferia. Fazemos denúncias sociais, combatemos a violência, lutamos pelos direitos, clamamos pelas políticas públicas em favor da educação, da saúde, do lazer, da cultura, da moradia e da segurança. Combatemos o preconceito, não queremos que os jovens se enveredem pela criminalidade, pelo tráfico e pelo consumo de drogas. Pedimos moralidade ao jornalismo policial que faz mais sensacionalismo, lutamos pela reforma do sistema penitenciário e pelos direitos humanos. Enfim, queremos a nossa dignidade e isso conseguiremos apenas através da solidariedade (o último termo foi pronunciado com muita ênfase)”.

– “Sim, a origem do movimento hip-hop é americana” – comentam. Daí muitos termos de origem americana: *Beat* (batida); *Def* (estilo de Rap de Nova Iorque); *Kaise* (caixa de madeira); *Ragamurf* (ritmo de rap, misto de estilos de Nova Iorque e da Jamaica); *B.Boy* (abreviação de beat + garoto, integrante do movimento); *B.Girl* (garota). O movimento nos Estados Unidos nasceu denunciando mazelas sociais e chegou ao Brasil na década dos 70. Aqui, desenvolveu-se e propagou-se rapidamente. “Graças a esse movimento, conhecemos Martin Luther King e Malcolm X. O movimento fomenta a auto-estima. O *Rap* é poesia e música, tem batida, ritmo, tem balanço, cadência e imaginação. Alma e magia, fala do nosso cotidiano e, por isto, é fácil de entender”.

Mas está mudando o panorama na periferia graças ao movimento hip-hop, combatendo a alienação, retomando as raízes étnicas e culturais, forjando a identidade, recompondo as pessoas como sujeitos, restabe-

lecendo os vínculos afetivos e combatendo a violência. Seus jovens membros assumem a raça – “somos negros, por isso somos belos”. São orgulhosos no sentido de auto-afirmação. Assumem a periferia, basta analisar as letras do *Rap*. Cantam a esperança, a utopia e o desejo de mudanças em oposição ao sofrimento e às injustiças. O protesto é a marca registrada, como na música “Consciência negra”, de JC John: “Somos negros / somos negros / somos negros / somos negros, não temos medo de dizer / coragem não falta para poder transmitir satisfação, sabedoria faz parte da vida / somos negros, sim / temos orgulho de dizer, certo mano?”. A poética do *Rap* é deglutida e assimilada. A pobreza é mundial, então a pobreza local associa-se a esse fato universal e as vozes dos *rappers* daqui se ligam às vozes dos pobres de Nova Iorque, de Londres e da Jamaica. Uma corrente se estabelece. Robson Luiz, do núcleo Negroatividades, cunha este verso no “Solo bem Menor”: “Primeiro de maio, em que foi datada nossa escravidão industrial...”. Ele denuncia, não vê os assim chamados negros na festa do Dia do Trabalho. A classe média não entende nem tolera o orgulho negro, fator de tensões.

Aumenta a bibliografia sobre o movimento, sendo *ABC Rap* o primeiro livro publicado no Brasil, em 1992, pelo Departamento de Cultura de São Bernardo do Campo (ABC Paulista). A seguir, vieram outros como *Hip-Hop, A Periferia Grita*, de Janaina Rocha, Mirella Dominich e Patrícia Casseano (edição mimeografada, sem data). A revista *Caros Amigos* lançou um número especial com o título “Movimento Hip-Hop, a Periferia Mostra seu Magnífico Rosto” (nº 3 / 1998). Há revistas especializadas, como *Rap Brasil* e *Rap Rima*. E videoclipes como *Jigaboo*, que circulam pelos espaços do movimento. O hip-hop cresce no ABC como no resto do país, o que permitiu realizar, em janeiro de 2001, um festival, no Anhembi/SP, que reuniu mais de 60 mil pessoas. Somente para dar uma ordem de grandeza, um único conjunto, os Racionais, lançou um CD com vendagem de 1 milhão de cópias *Rap e Educação; Rap é Educação*. Organização de Elaine Nunes de Andrade. Selo Negro, SP, SP, 1999).

Anoto no meu diário de bordo: o movimento hip-hop cresce e se fortalece. Tem massa crítica. Sabe que não adianta pedir a um garoto para

abandonar o crime se não lhe oferecer algo em troca. Gostariam de amealhar recursos, como certos grupos consagrados. Os Racionais, por exemplo, gostariam de investir os recursos amealhados na educação dos garotos, tirando-os da criminalidade, oferecer escolas de computação, estabelecer cursos na periferia e melhorar as escolas. E também na formação de professores especializados em lidar com a periferia. Desejariam colocar em prática o que apreçoam em suas músicas: fazer, da poesia e da música, armas vigorosas de formação e de informação, conscientização e compromisso com transformações sociais. Estas são as utopias, estão convencidos de que precisam fazer algo em favor da periferia.

– O que significa o termo hip-hop? – pergunto.

– “Literalmente, significa movimentar quadris (to hip) e soltar (to hop). Mas, para nós, é um movimento cultural, social e político que reúne os seguintes elementos, como já disse: rap, grafite, break e DJ. A estes termos, precisamos acrescentar: Mano, aquele que é visto como um igual; MC abreviatura de *Master of Ceremony* (Mestre de Cerimônia). São rappers que cantam e animam boates. Uma frase merece destaque: *fazer correria*, que significa realizar um projeto”.

Já vi grafites em estabelecimentos comerciais, padarias, oficinas mecânicas e mesmo quitandas. O grafite torna-se um veículo de propaganda. Indago: isso não contradiz a afirmação de que o movimento se opõe ao sistema?

– “São obras de alguns autores que se utilizam do grafite, mas não pertencem ao movimento hip-hop. Apropriam-se da técnica para ganhar dinheiro. Descaracterizam o movimento. Já discutimos essa questão. Não há consenso”.

A contradição reside aqui: o grafite comercial perde o valor de protesto porque anuncia apenas a mensagem do dono da padaria, do mecânico e do quitandeiro. Vejo uma vantagem nessa apropriação: amplia o mercado de trabalho para esses artistas anônimos.

Vamos analisar essa contradição de maneira mais abrangente. Quero insistir na questão de trabalho e o movimento: há quem ganhe dinheiro

com a arte – grafite é arte. Esses artistas não perdem o poder de contraditar? – pergunto.

– “Sim. Ampliando também a resposta. Somos contrários à indústria cultural, mas muitos já aderiram a ela, à indústria fonográfica e à sua máquina de distribuição de cd’s e mesmo as ‘bolachas’ (termo que significa discos de vinil de 33 rotações por minuto para facilitar a arte de DJ)”.

Por incrível que pareça: na era de DVD, ainda há indústria de disco de vinil. Mas é bom ressaltar que há circuitos alternativos para discos independentes, como pontos de vendas nas galerias da rua 24 de Maio em São Paulo e fanzines. Os afeiçoados do *rap* fazem questão de manter os selos de independentes. Há quem ganhe uma bela nota no mercado informal, mas isso não significa que o problema de desemprego esteja resolvido. “O fundamental é que, através do movimento, passemos as noções de cidadania e de auto-estima dos negros e elevemos os níveis de sua consciência, disso não abriremos mão”. Pergunto sobre o futuro do movimento, já que optam pela contestação ao sistema. Como sobrevive? Respondem: “é um desafio, precisamos nos organizar, inclusive com auxílio do poder público, mas cuja tutela recusamos. Queremos apenas condições facilitadoras, como espaço e equipamentos. Deixe a criatividade por nossa conta”.

Das 5 entrevistas, foi possível inferir:

- A visão dos jovens sobre a periferia.
- A violência como mecanismo de dominação e como mecanismo de violência.
- As formas de violência: física, ideológica e psicológica.
- O preconceito entre negros: o embranquecimento.
- Relações entre brancos e negros: a falsa consciência dos brancos, o branco distante do “novo” homem da periferia: o negro orgulhoso.
- Movimento hip-hop no Brasil: reação do gueto, raízes do ritmo, raízes da poesia, cultura de rua. Elevação dos níveis de consciência pelo movimento.
- As linguagens do movimento hip-hop.

· Recusa à indústria cultural.

Os moradores da periferia são vítimas da apartação social, uma forma dolorosa de intolerância social. Apartar é separar o outro, é pô-lo à parte, só porque é um desigual, um não-semelhante, “inferior”. Apartar é um termo utilizado para separar o gado. Emprega-se esse verbo no mesmo sentido – separar gente.

Os casebres são submoradias e revelam déficit de habitabilidade. Há um desnível entre padrões de moradia digna e as características que esses casebres apresentam. Passamos em frente às favelas, algumas delas incrustadas nas áreas consolidadas e não as percebemos porque não pertencem à realidade da classe média. O que é mais grave, são tomadas como naturais. Os dramas que aí se desenvolvem soam como burburinhos de uma terra distante. Somos insensíveis. Teimamos em negá-las. São cidades ocultas, apesar de visíveis.

Sucedem que há, segundo uma expressão de Fritjof Capra<sup>31</sup>, uma teia de vida perpassando a periferia e as áreas consolidadas. A cidade é um todo orgânico, evolutivo e, portanto, dinâmico. É tecida com fios de diversidade. Há uma relação de interdependência na teia da vida. Há de se estabelecer relações de parceria, queiramos ou não, entre todos os moradores da cidade. E também relações de cooperação ou coevolução que consistem em o parceiro entender melhor as necessidades dos outros. Essa teia da vida, com seus fios de interdependência, parceria e cooperação, é fundamental para o combate à violência, visando à cultura da paz, segundo uma proposta da ONU. A cultura da paz visa a cooperação, a confiança, a identidade, a amizade, graças às quais é possível uma convivência pacífica e solidariedade.

---

31. Capra, Fritjof. *Opus cit.*



## *Movimento hip-hop em Santo André*

### *Histórico*

---

De origem jamaicana, o movimento hip-hop cresceu e ganhou expressão nos EUA, precisamente na periferia de Nova Iorque e constituiu um elemento da cultura de rua, ao lado do jogo de basquete, da dança e da música. O rap, uma linguagem do movimento, caracteriza-se por uma batida forte e, através dele, são denunciadas as mazelas sociais, a deficiência das escolas, a violência da polícia e as dificuldades de acesso a bens simbólicos.

Por volta de 1970, o movimento chegou ao Brasil e estendeu-se rapidamente pelo território nacional, em particular, nas grandes cidades. Chegou ao ABC com a instalação do Club House, freqüentado por Pepeu, Thayde, DJ Hum, Racionais e outros que depois se tornaram as grandes expressões do rap nacional. A estação do metrô do largo de São Bento (SP) foi o ponto de encontro de seus cultores, a maioria dos quais office-boys, para dançar break, cantar e mostrar projetos de grafite. O pique da concentração acontecia no horário do almoço.

Sucedem que, há 6 ou 7 anos, extinguiu-se a função de office-boy com o uso cada vez maior da internet pelos escritórios. A estação de metrô deixou de ser freqüentada e seus cultores dispersaram-se pelos territórios da grande São Paulo. Em Santo André, instalou-se o Club House; em São Bernardo do Campo, o Choppapo Danças; em Diadema, a Casa do Hip-Hop. Os dois primeiros desapareceram e o espaço do último foi transformado em Igreja Universal.

Uma gravadora, Caskatas, instalada em Santo André, teve um papel preponderante no desenvolvimento do movimento na cidade. Foi a primeira a gravar um rap nacional, na época, em disco vinil. Potencializou o hip-hop e Santo André tornou-se uma referência internacional em cultura de rua, a ponto de chamar a atenção da UNESCO, um organismo especializado da ONU – Organização das Nações Unidas.

O break de Santo André, há 10 anos, era diferente do break de hoje. A dança caracterizava-se pelo mesmo passo, era coletiva e, hoje, é individual. Era mais *chão*, chamava-se “moinho” – rodopios no chão. Revelaram-se B. Boys, muitos deles de competência reconhecida, que representaram a cidade em competições nacionais. O mesmo sucedeu com o DJ Eric Japonês (descendente de japoneses), do grupo Sistema Racional, chegou a classificar-se entre os primeiros.

Estabeleceram-se dezenas de casas noturnas, muitas delas tiveram vida curta em virtude de violência e muitas brigas. Como eram freqüentadas por muitos negros, “cabelo ruim”, segundo alguns depoentes, a juventude da classe média não as freqüentava, preferiam outros espaços, como a Sunshine, que também fechou e foi transformada, posteriormente, em igreja. O movimento fragmentou-se em dezenas de grupos, sem sede própria, e passaram a atuar em espaços heterodoxos como bares, praças e sede de associações de seus bairros. Apenas para citar alguns exemplos, Dinho e seu pessoal fixaram-se no Jardim Santo Antonio e adjacências; o de Fábio Feter, conhecido como Sistema Racional, no Parque Novo Oratório e no Parque Erasmo Assunção; do Nerinho, no Jardim Santa Cristina; do Robson Luiz, no Centreville; do Dida, no Bangu e no Parque das Nações; o Grupo Um, na Vila Helena e na Vila Linda; e o Chorão, no parque do Ipiranguinha.

---

### “Posses”

E de que maneira se comunicam? Através de uma rede, as “posses”, isto é, de boca em boca. Uma “banca” (membro) encontra-se com outra

“banca”, conversam e trocam informações e se obrigam a passá-las a outros companheiros e, assim, todos são informados de reuniões, de encontros, de shows, local, dia e horário<sup>32</sup>. Aproveitam todas as oportunidades para se apresentar, como nos projetos denominados Revolucionarte e Canja, que não são específicos do movimento hip-hop, mas projetos abertos para qualquer estilo – rock, blues, samba-rock e mesmo hip-hop. Esses espaços e as “posses” são importantes, não apenas para a veiculação de notícias, como também para a vendagem de CDs. Fábio Feter, do Sistema Racional, vendeu mais de mil exemplares em menos de um mês. “Posses” e “bancas” de Santo André, como as de outros municípios da região, se quiserem informações de outros Estados do Brasil, dirigem-se às galerias da rua 24 de Maio, em São Paulo. Essa rua funciona como uma feira de hip-hop, de dimensão nacional. Através dessas feiras, os Racionais conseguiram vender mais de um milhão de CDs, em curto prazo. O movimento funciona à margem das mídias (rádio e tv) comerciais, a maioria assume uma posição de crítica a elas. Esta é a diferença fundamental do movimento hip-hop americano. Este sucumbiu à mídia. Algumas redes de TV especializaram-se na comunicação com a comunidade negra. Divulgam-se cliques que mostram negras dançando e revelando suas partes pudendas, o que o movimento hip-hop nacional muito critica, pois desvirtua os objetivos do movimento. A classe média americana, formada na maioria de brancos, incorporou indumentárias típicas de negros, como correntões, bonés, botinas e jaquetões numa postura tipicamente consumista. Muitos rappers chegam a criticar as grandes corporações da indústria fonográfica porque, além de representar o sistema capitalista, obtêm muito lucro às custas do hip-hop. Agora, por exemplo, estimulam os grupos a adotar guitarras, baterias, baixos e outras tecnologias, afastando-os da raiz original. O hip-hop, no Brasil, resiste em sucumbir à mídia e funciona através de “posses”, um modelo simplificado de ação coletiva. Eles surgem nas comunidades periféricas e, por serem pobres, não têm sede. Reúnem-se na casa de um participante ou numa praça

32. A eficiência e a eficácia das “posses” revelam-se no show dos Racionais no último dia 8 de abril de 2003 no Parque da Juventude, promovido pela Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer de Santo André. Embora houvesse ampla propaganda, o que funcionou foram “as posses”, a ponto de atrair mais de 10 mil pessoas.

pública. Essas reuniões são importantes porque os presentes decidem sobre novas ações e refletem sobre a cultura de rua.

Anotei no meu diário de bordo: as “posses”, uma rede mínima de comunicação, poderia ser utilizada pelas escolas para divulgar suas atividades e programas, assim como as rádios comunitárias.

### *Mídia*

---

O *rap positivo*, que estimula a solidariedade e se propõe à elevação dos níveis de consciência dos moradores da periferia, crítica a mídia por exercer verdadeira ditadura, pois, procurando o lucro, impõe determinado estilo, o *gangster*, que apela à violência e ao consumo de tóxico. Crítica, sobretudo, a TV Globo. O grupo *Face da Morte* vem se destacando nesse sentido. A capa de um CD deles é um grafite que os representa sentados diante de um aparelho e, quando aparece o logotipo da Globo, atiram no aparelho. Alegam que ela só exibe o que lhe interessa, por lucro. “Não era o caso de usar de seu poder para o trabalho de conscientização?” – perguntam. Há uma dificuldade adicional: animadores de programas, sobretudo das rádios, cobram pela divulgação – o famoso “jabá”. Como o *rapper* é pobre, cobram das gravadoras, mas estas nem sempre estão dispostas a assumir essa despesa. Apenas a TV Cultura e a MTV não cobram, pois seus programas não são comerciais, são jornalísticos. Há um programa, *Yo ! MTV*, conduzido por um rapper, cuja finalidade é a divulgação do melhor que se produz.

É difícil sobreviver sem o auxílio da mídia. Por isto, este ponto é controverso. Embora reconheçam a ditadura dela, há rappers que defendem a aproximação, pois reconhecem que a mídia é fundamental para tornar suas obras conhecidas. Mas impõem limites: evitar programas glamourizados, tipo Xuxa. Nada de mandar beijinho para a mamãe, para o papai e para a namorada. Isso acentua a falsa consciência da classe média. O rap precisa assumir uma postura crítica e política. O rap argentino, mexicano e colombiano tem essa conotação, como o afegão (contra o Taliban). Aliás, recentemente, a TV Globo rendeu-se à evi-

dência do movimento hip-hop: o grupo Racionais vendeu mais de um milhão de CDs, motivo pelo qual o programa Globo Repórter realizou uma reportagem a respeito, seguindo a TV Cultura e a MTV, que já faziam. Uma TV internacional, a Discovery, fez uma reportagem sobre a Casa de Hip-Hop, de Diadema, a qual foi apresentada em inúmeros países. A propósito, a Casa de Hip-Hop, de Diadema, foi a primeira instalada pelo poder público no Brasil. Eles abandonaram as ruas para frequentá-la, diminuindo a exposição ao risco de vida e elevando a autoestima através de programas de conscientização. Essa Casa projetou Diadema no cenário nacional com essa forma de combate à violência.

### *Disc jockey*

---

DJ comanda a sonorização, faz os efeitos, manipulando o CD ou o disco de vinil. Ele também faz colagens de músicas, isto é, a junção simultânea de duas músicas. Exemplo: de Tim Maia e de Sandra Sá. Ou duas de Tim ou duas de Sandra. Há DJ's que dão aulas de formação. Um dos entrevistados chegou a ter 80 alunos, em aulas individuais ou em pequenos grupos. Cobram uma taxa mínima para a manutenção de equipamentos e consumo de luz, pois são ministradas em sua residência. Assim, retiram os jovens das ruas, submetidos às influências do traficante e do ladrão endinheirado que se locomovem em seus carros importados. Para muitos adolescentes, eles são as únicas referências e tendem a imitá-los. Além de técnicas de DJ, ensinam o trabalho solidário. A Secretaria da Cultura, Esporte e Lazer mantém oficinas de Rap nos centros comunitários.

### *MC*

---

O MC (mestre de cerimônia) é o que canta e faz a equalização e controla o volume. A considerar que, ainda hoje, há indústrias fonográficas de disco de vinil para abastecer o mercado de hip-hop, embora tendam a desaparecer, face à concorrência do CD e, agora, também do DVD.

## *O break*

---

O *Break* é uma dança, movimentada muito o corpo, faz malabarismos, faz o “pião”, giro de costas, e o moinho, giro no chão. À arte da dança acrescentam outra dimensão, a do exercício – necessário para o fortalecimento físico a fim de enfrentar as dificuldades do cotidiano. Aprendem o break nos centros comunitários ou na Casa de Hip-Hop. Conforme um entrevistado, break lembra corpos estilizados de soldados americanos feridos ou mortos na guerra do Vietnã. Partes estilizadas do corpo eram lançadas ao redor. Pião e moinho tentam imitar os corpos mutilados.

## *Grafite*

---

Quanto ao grafite, surgiu em oposição à pichação, uma das piores formas de vandalismo que emporcalha e enfeia a cidade. A Prefeitura de Santo André gastou, em 2001, cerca de R\$ 1 milhão com obras de reparo em prédios públicos. Para a maioria da população, não há outro remédio se não a aplicação rigorosa e imediata da lei com a devida sanção pecuniária e cadeia para os infratores. Ou seja, não pode haver qualquer tipo de perdão para quem suja e depreda bens públicos ou privados. É fácil pedir às administrações municipais redobrar esforços para acabar com as gangues de pichadores, praga que infesta o Grande ABC. O difícil é coibir, pois as pichações são realizadas na calada da noite e seus autores são protegidos pela escuridão. A considerar, ainda, que Santo André é uma cidade com 650 mil habitantes, dispersos por um extenso território. Não há como fiscalizar. A alternativa de solução está nas medidas educacionais que devem despertar a consciência cidadã nos jovens. Mas os resultados são lentos. Quais as medidas de curto prazo? O grafite. Os pichadores respeitam os grafites porque embelezam a cidade e a tornam mais agradável e porque dão colorido à paisagem cinzenta da cidade. Uma forma de devolver alegria aos moradores. Para os pichadores, o grafite se aureola de significações.

Muitos grafiteiros foram pichadores. Utilizavam-se desta linguagem, que depois condenaram, como forma de expressar-se, de divulgar o nome do grupo e de auto-afirmar-se. Quanto mais alto e perigoso o espaço do registro, maior a auto-afirmação. Primam pela irreverência e violentam o sagrado. Os entrevistados lembraram-se dos dois jovens que saíram de São Paulo para o Rio de Janeiro só para pichar o Cristo Redentor. Foram pegos e obrigados a limpar. O programa Fantástico, da TV Globo, fez uma reportagem sobre o incidente que indignou os brasileiros, mas satisfez os pichadores pela ousadia.

Grafites são desenhos com tintas spray. Não deixam a tinta escorrer. Fazem máscaras com papelão ou cartolina, jogam tintas que se fixam nos muros e nas paredes externas dos prédios. Submetem-se às intempéries e à poluição, por isso desbotam com o tempo e desaparecem. Há forma de perpetuá-los? Sim, através de vídeos e de fotografias. Enviam-nas à imprensa escrita, e que glória quando jornais e revistas especializadas as publicam! Guardam-nas – uma forma de perpetuação.

Há dois anos, a Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer de Santo André promoveu um encontro de grafiteiros nas imediações da estação ferroviária. Muros do próprio municipal e spray foram cedidos para executarem seus desenhos na presença de um representante da ONU. Alguns grafiteiros, que vivem em meio à violência, registraram seus desejos de uma cidade serena com pessoas caminhando pelas ruas sem preocupação. Um deles relatou que há alguns meses, ao abrir a porta do seu barraco, após ouvir estampidos de uma arma, tropeçou num cadáver que, possivelmente, queria refugiar-se na sua casa. Seu corpo estava crivado com três balas. Os moradores vivem o sentimento de impotência. Não conseguem sair da favela porque são pobres. Um dos grafiteiros entrevistados compensa sua frustração desenhando cidades serenas – sonhos que revelam conteúdos de uma utopia, a transformação da sua realidade. Os filhos, ainda crianças, gostam desses desenhos e reproduzem nos seus cadernos escolares.

Assim, explicam a violência: o assassinado é, geralmente, um assaltante de fora que vem tentar roubar um barraco. E os criminosos são

protetores da comunidade, motivo de não denunciarem. Mas este silêncio gera constrangimento e mal-estar.

### *Rap e seus estilos*

---

Sobre estilos de *rap*, existem vários. O *rap comercial* é aquele que emprega chavões e não acrescenta nada nem estimula a conscientização. Apenas procura a diversão e a vendagem de discos. Repete frases vazias de conteúdo, tipo “é nós na fita”. O *rap politizado* é aquele que apela às mudanças, pois a situação vigente é injusta, é aquele que estimula o compromisso com a verdade e com a justiça. É o que se rebela contra o político corrupto, denuncia o barato de rebolar, o sexo descomprometido. Há o *rap gangster* que estimula a violência, combate o sistema capitalista responsável pelas desigualdades sociais, denuncia a miséria do salário mínimo. O *rap gangster* se estabelece nos limites da ousadia, da denúncia e, por isso, açula a censura, provocando polêmica entre a censura e a liberdade de expressão. Um exemplo de letra: “sou ladrão mesmo / vou roubar / quero ver quem vai me segurar”. Há o *rap cristão* que também denuncia na perspectiva dessa religião, respaldada no livre arbítrio. Denuncia as igrejas que cobram o dízimo ostensivamente, inclusive dos pobres que não têm alimentos em casa. Há também o *rap positivo*, muito disseminado pelo Sistema Racional, à frente Fábio Feter. Prega a solidariedade, preocupa-se com o próximo, fala do amor. O *rap positivo* aproxima-se muito do *rap cristão*. Segundo um entrevistado, Fábio Feter parece um pastor de igreja conduzindo seu rebanho.

### *Rap gangster*

---

Dessas diversas modalidades de rap, a que mais provoca polêmica é o *gangster*. Pelo que consta, quase não se produz essa modalidade no ABC,

embora se faça muita denúncia ao sistema capitalista que provoca desigualdades sociais e injustiça.

O rap gangster é acusado de fazer apologia do crime, não obstante o Código Penal, através dos artigos 286 e 287, combater crimes contra a paz pública, respectivamente, “incitar publicamente a prática do crime” e “fazer, publicamente, a apologia do fato criminoso ou de autor de crime”.

Exemplo de uma letra de rap gangster são os “Versos Sangrentos” do Grupo Facção Central, vazado nos seguintes termos:

“É uma guerra onde só sobrevive quem atira  
Quem enquadra a mansão e trafica  
Infelizmente o livro não resolve  
O Brasil só me respeita com um revólver.  
O juiz ajoelha, o executivo chora  
Para não sentir o calibre da pistola.  
Se eu quero roupa e comida  
Alguém tem que sangrar.  
Vou enquadrar uma burguesa  
E vou atirar para matar.  
Vou fumar seus bens e ficar bem louco  
Seqüestrar alguém no caixa eletrônico.  
A minha quinta série só adianta  
Se eu sentir um refém com meu cano na garganta.  
A fome virou ódio  
E alguém tem que chorar.  
Não queria cela  
Nem o seu dinheiro  
Nem boy torturado no cativoiro.  
Eu queria um futuro com conforto

Esfaqueando alguém  
Pela corrente no pescoço.  
É o cofre versus a escola sem professor  
Se for pra ser mendigo, doutor!  
Eu prefiro uma clock com silenciador!  
Comer o seu lixo não é comigo, morô!  
Aqui é outro brasileiro  
Transformado em monstro  
Semi-analfabeto, armado e perigoso.  
Vai se foder! Descarrega essa PT!  
Mata o filho do boy,  
Como o Brasil quer ver.  
Esfrega na cara a sua panela vazia  
Exige seus direitos  
Com o sangue da vadia.  
É a lei da natureza  
Quem mata  
Na selva é o animal  
Na rua é o empresário.  
Aqui não é novela  
Não tem amor na tela  
A cena é triste  
É a solidão na cela  
Nem polícia pega boi  
Deita escrivão, abre a cela carcereiro,  
Liberta o ladrão!  
Boy, quem te protege  
Do oitão na cabeça?  
É só polícia no chão do DP, sem defesa.

Rezando pro ladrão ter pena  
 Que pena  
 Seu herói pede socorro nessa cena  
 Quer seu filho indo pra escola  
 E não voltando morto?  
 Então meta a mão no cofre  
 E ajude o nosso povo  
 Ou então veja sua mulher  
 Agonizando até morrer  
 Porque alguém precisava comer  
 Isto aqui é uma guerra”.<sup>33</sup>

O clipe e a música do grupo Facção Central foram enquadrados por um juiz nos artigos 286 e 287 do Código Penal, que combatem o crime contra a paz pública. Isso é um atentado contra a liberdade de expressão – defende-se o grupo – direito fundamental para a construção e a manutenção de uma democracia. Ainda segundo os membros do grupo, o juiz não entende nada de periferia, não entende o ponto de vista da favela. Faz a defesa do sistema social, insensível às desigualdades sociais, estas, sim, a origem da guerra. Eles são contra o crime – declaram – “o crime não compensa”. Tanto é verdade que nem a polícia está imune, tantos os assaltos às delegacias. É o que depreende dos seguintes versos: “Deita escrivão / abre a cela carcereiro / liberta o ladrão! (...) É só polícia no chão do DP, sem defesa”. Provam que a polícia é mal remunerada, não compensa arriscar-se por R\$ 800,00 de salário, perder a vida. Além de estar mal preparada, suas armas são antiquadas para proteger um cidadão, quanto mais guardar um preso.

Consideram-se vítimas da censura. Defendem-se da acusação de se valerem da liberdade de expressão para fazer a apologia ao crime. Mas não é isso que faz o programa televisivo Cidade Alerta? Mostra a vio-

---

33. Transcrito da revista *Rap Brasil*, n° 5, ano 1.

lência e não é recriminado. E o apresentador se diz “o olho do povo”. O grupo Fação Central se autoproclama porta-voz da periferia. O clipe que fizeram tem uma intenção humanitária, pois denuncia as mazelas da sociedade. 1) É preciso tomar medidas urgentes para que o garoto da periferia não se transforme num bandido, num assaltante. 2) E não adianta proteger-se num carro blindado ou na mansão com aparelhos ultrasofisticados de segurança ou num espaço cercado de muralhas inexpugnáveis de um condomínio, quando a “fome vira ódio, então, alguém tem que chorar”. “É a lei da natureza / quem tem fome mata / Na selva é o animal / Na rua é o empresário”. O sistema social vigente defende o poderoso contra os famintos, os desempregados, os injustiçados. Estes têm uma grande arma – a panela vazia. A vida na periferia é uma vida provisória, pois o morador sai de casa para trabalhar ou estudar, mas não sabe se volta com vida. “Sim”, proclama o Fação Central, “defendemos a liberdade de expressão, mas somos acusados de atentados contra a vida. Mas a vida nos é negada na periferia, por isto, precisamos da liberdade de expressão para defender a vida. Nosso desejo não é fazer a apologia ao crime, mas transformar a sociedade numa sociedade mais justa, de que resulta a paz social. A classe média é muito severa no julgamento de um criminoso quando este é morador da periferia” – afirmam. No entanto, é mais tolerante quando o crime é impetrado por alguém da classe média. E citam o bárbaro crime executado por um estudante de medicina em 1999, no interior de um cinema situado num shopping de São Paulo, matando três espectadores e ferindo outros cinco. No ABC, o rap gangster é alvo de muitas críticas, inclusive de outros rappers porque não apresenta solução para os problemas da periferia, tudo é negação, nada presta. São apocalípticos – comento. Não basta retratar a realidade, é preciso elevar os níveis de consciência. Na região, há poucos cultores do rap gangster, embora haja muitos afeiçoados, seduzidos pela linguagem desabusada, muito palavrão, incitação à violência e estímulo às drogas, numa postura contestatória ao sistema vigente, ao Estado policial e ao capitalismo explorador. Tanta contestação que a frequência aos *bailes gangster* está diminuindo porque terminam em briga.

*Rap positivo*

---

Em oposição ao rap gangster, está surgindo o *rap positivo*, desenvolvido pelo Sistema Racional, à frente Fábio Feter. Feter é o nome artístico e significa “Ter Fé”. Este nome já indica a positividade da orientação. Também critica o sistema porque não traz benefícios à periferia. Consideram-se vítimas. O hip-hop é a voz da periferia, reivindica melhores condições de vida, é mais forte do que a voz de partidos políticos. Seus membros, embora muitos desempregados, semi-alfabetizados, a quem falta o mínimo para sobreviver com dignidade, não se consideram vítimas do sistema, mas guerreiros, embora tenham assistido à morte ou à prisão de companheiros. Para seus membros, ser racional é ter consciência, é saber da importância da cultura e da educação no desenvolvimento pessoal e coletivo. O negro consciente e racional é aquele que sabe enfrentar as adversidades.

Estão livres, são de bem, sentem-se sementes que, um dia, frutificarão em benefício da comunidade. Desenvolvem trabalho comunitário. Dialogam com jovens drogados que chegam a roubar o secador de cabelos da irmã para vender na “boca” e sustentar o vício. É isso o que a sociedade quer – advertem. Estão sendo vítimas do sistema. Conversam sobre os perigos da prostituição com meninas de 15 anos, freqüentemente mal informadas que se entregam ao primeiro homem e ficam grávidas – “e o caminho é a prostituição para sustentar o filho”. Gostariam de instalar uma horta comunitária, mas é difícil porque não há espaço, são barracos sobre barracos, onde moram três, quatro famílias, pai, filhos e avós na maior promiscuidade. Reivindicam, junto à Prefeitura, construir um centro comunitário, onde possam desenvolver trabalhos sociais, como ensinar capoeira, fazer oficinas de hip-hop, grafite, break, rap, DJ e fazer reuniões com famílias para tratar de assuntos variados – contra drogas, prostituição e violência e em favor de uma organização comunitária para autogerir e fortalecer-se junto ao poder público.

Se alguns procedimentos e providências ficam no plano de intenções, em contrapartida, desenvolvem ações concretas como visitar garotos

internos da Febem, a quem ministram oficinas de grafite, break, rap e DJ. E também adultos presos nos sistemas penitenciários, a quem levam palavras de conforto e de solidariedade. Os que podem, levam bens materiais e alimentos para tirar jovens da senda do crime. E quando um grupo de hip-hop se apresenta num show e ganha uns trocados, destina parte às famílias desses jovens. Mas estão convencidos de que essas ações são assistencialistas, portanto, de alcance limitado. Querem oferecer mais, mas também são carentes e se empenham em oferecer seus únicos conhecimentos através de oficinas. Querem formar rappers, breakers, grafiteiros, DJ, MC, para jovens ganharem algum dinheiro, insuficiente é verdade, mas necessário para mais um dia de sobrevivência.

E os jovens do movimento hip-hop também fazem trabalho social. Um deles também é militante do MSTU – Movimento dos Sem-Terra Urbano – distribui 600 litros/semana de leite. Recebe-os da Secretaria de Estado da Agricultura. E vai buscar sobras de legumes, verduras e frutas, uma vez por semana, no Banco de Alimentos da CRAISA – Companhia Regional de Abastecimento Integrado de Santo André, e distribui aos moradores da favela do Jardim Santa Cristina. E o transporte das mercadorias? É solidário porque o dono de uma Kombi, também morador da favela, recebe seu quinhão. E se, porventura, estiver ocupado, o jovem aluga uma Kombi e a despesa com o transporte é cotizada, cabendo R\$ 0,50 a cada família. Mesmo que uma delas não tenha esse valor, recebe o alimento da mesma forma. O nome do coordenador é José Nerivaldo de Araújo, mais conhecido como Nerinho. Ele conseguiu 50 cestas básicas junto à Secretaria de Estado da Agricultura, quantidade insuficiente para os 5 mil moradores da favela. Enquanto não consegue uma cota maior, desmancha as cestas e distribui os alimentos às famílias mais carentes. Nerinho organizou uma comissão de moradores para pleitear um terreno no Jardim Jamaica junto à Prefeitura e material de construção junto à CDHU – Cia. de Desenvolvimento Habitacional Urbano, do Governo do Estado, para a construção em mutirão de 80 residências.

Outros jovens pronunciam palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis e chegaram a distribuir camisinhas. Frequentemente le-

vam padres e pastores para um trabalho espiritual. Um dia, convidaram um casal, sendo ele pastor e vereador em Santo André. Falaram sobre drogas e seus malefícios a um público de jovens, inclusive traficantes e drogados. O casal conseguiu empolgar os presentes, tanta a doçura nas palavras e criou-se um ambiente propício a confissões. Um dos jovens levantou-se – era o maior traficante da favela – e declarou que, antes de se dedicar ao crime, era evangélico. E a esposa do pastor pediu uma oração coletiva para o confessor, ele se ajoelhou, tirou os óculos e o boné e, num ato de contrição, abaixou a cabeça, apertou o peito e lágrimas rolaram sobre suas faces. Cena comovente. Sabia dos males que causava. Abandonou o tráfico? Não. O relógio bom, o carro bom, o prestígio e o poder falaram mais alto. Outro jovem presente confessou que abandonara a droga, que Deus lhe reserva um projeto importante, motivo pelo qual fez “uma limpeza por dentro”. Estava se entregando ao vício e, para sustentá-lo, chegou a desfazer e a vender objetos pessoais. Caminhava rapidamente para o precipício. Para evitá-lo, começou a ocupar-se de atividades mais sadias. Nesse momento, descobriu e identificou-se com o movimento hip-hop, sua salvação. Não chegou a importunar sua mãe. Ela nunca recebeu a visita de uma viatura da polícia para acusar seu filho de droga, furto e roubo. Hoje é uma referência para os moleques de 11/12 anos.

A despeito de muita pobreza e violência, na periferia viceja a solidariedade. Os membros do movimento hip-hop reclamam, sim, da má sorte, porém, mais do que isso, querem transformar a dura realidade. Uma dessas propostas é o rap positivo, desenvolvido pelo grupo Sistema Racional, à frente Fábio Feter. Seu mérito já é reconhecido, haja vista que está ganhando cada vez mais espaço na imprensa escrita, é convidado a apresentar shows em espaços importantes como SESC/São Caetano do Sul, no Teatro Municipal de Santo André e também na Concha Acústica, um espaço aberto na Praça do Carmo, por onde passam milhares de pessoas diariamente. Está conquistando um público jovem. Fábio Feter constrói seus versos a partir da dura realidade da periferia – a droga, a prostituição, o crime organizado, as igrejas que cobram dízimo sem levar em consideração a pobreza dos seus membros, as escolas ineficientes,

o desemprego... e propõe transformações sociais, a possibilidade de resgate de valores como a dignidade, a justiça, a solidariedade e a salvação. É o que se depreende da letra da música “O Segredo”, de Fábio Feter. Inicialmente, ele aponta a fealdade humana com muita clareza, feita de drogas e desespero. Em meio à desordem de sua vida, só via desgraças, não vislumbrava a própria salvação. Acontece-lhe um fato imprevisível, angustiante e, então, toma consciência dos absurdos da sua existência. Recupera, reconstrói-se e oferece uma visão esperançosa do homem e do mundo. A seguir, a letra:

### O Segredo

Eu caminhava na escuridão angustiado  
 Vivia com putas, cheirava, pipava,  
 Me alucinava, nas baladas bolava o baseado,  
 Diariamente nas ruas era enquadrado  
 Estava embaçado, os gambés não me deixavam em paz  
 Única coisa que respeitavam eram os meus reais  
 Há um tempo atrás, a minha paz era um cachimbo  
 Fumando, bebendo, cheirando, me gabando  
 Aos poucos me enterrando,  
 A morte me levando e eu continuando  
 A droga que me consumia  
 Me trazia sensação de calma  
 Queimava os neurônios  
 Envenenava a alma  
 Ninguém tirava, ninguém desrespeitava (sic)  
 Sem rumo, dizia que controlava o meu consumo.  
 Minha mãe aleijada, se desesperava, chorava  
 Enquanto eu não me encontrava.

Refrão

Preciso encontrar o sentido do meu viver,  
Preciso encontrar o segredo do meu ser.  
Minha mãe rezava:  
Oh, pai, libertai,  
Iluminai o meu filho perdido na escuridão.  
Além de traficante era ladrão  
Usava o crack e ao mesmo tempo vendia  
O estrelinha da farinha  
No outro dia, ao invés de obter lucro  
Ainda devia  
Desandei, me infiltrei, não posso sair  
O tráfico é como a morte não tem como fugir  
Não tem menos, mais esperto  
Senti que o mundo desabou  
Como um grito no deserto  
Lembrei de uma frase,  
Que um dia uma mulher na rua cantou  
Você colhe o que plantou!  
Deus preciso do senhor por favor  
Preciso encontrar o meu valor  
Estou perdido. O que fazer?  
Sentido não tenho para viver  
Preciso encontrar o segredo do meu ser.

Refrão (bis)

Esticava carreira,  
 Minha carreira encurtava  
 A viagem alucinante para bem longe me levava  
 Naquela noite bela, pela viela eu descia pra casa e lembrava  
 Que minha mãe dizia o quanto me amava  
 Num momento percebi, parecia que algo de mal se aproximava  
 O pânico começou. Um fulano apontou, segurou a minha vida na arma  
 Pois parecia que a morte estava ali dentro. E disse pra mim:  
 Mais um presunto eu lamento, meus sentimentos,  
 Continue de costas e se virar e olhar pra minha cara vai pra vala.  
 Engatilhou, apertou na minha coluna  
 Mas no oitão não havia bala nenhuma  
 Brincadeira de um truta sem graça  
 Depois desse fato no ato comecei a perceber, entender  
 Como era bom viver  
 Aos vinte e dois anos saí do labirinto  
 Larguei o cachimbo,  
 Me encontrei comigo,  
 Achei um sentido pra viver  
 Ficar sossegado, ignorar, esquecer  
 O que me atrasa um lado, pode crê  
 Oh Meu Senhor só tenho motivos para agradecer  
 Encontrei o segredo do meu ser.

Refrão – Bis – Bis

Outras letras de Fábio Feter seguem o mesmo diapasão, sempre no sentido da (re)construção do ser humano e das transformações do meio social. O movimento hip-hop, orientando-se pela positividade do Sistema

Racional, como acima citado, pode colaborar na elaboração de um novo paradigma de educação, da pedagogia apaixonada, visando reencantá-la para tornar a escola mais sedutora. O rap positivo visa ser a voz da juventude sem perspectivas da periferia, abrindo-a para novas possibilidades, como o apego à vida, o respeito, a cidadania, a religião. A preocupação concentra-se na formação dos jovens. Como todos os grupos do movimento hip-hop, o Sistema Racional, que prega o rap positivo, desenvolve uma cultura engajada, através da qual os jovens divertem e distraem a si e ao público e, ao mesmo tempo, se conscientizam e se politizam.

E a politização é visível na música e na letra de “Rap do Orçamento Participativo”, de Fábio Féter (Fábio Ferreira Menezes) e Dida (Adriano Gonçalves). Antes, uma explicação. Orçamento Participativo é um procedimento de gestão pública, adotado pela Prefeitura Municipal de Santo André, através do qual moradores da cidade elegem seus representantes e estes, em plenárias, decidem a destinação de verbas para atender a reivindicações da comunidade. O processo é democrático. É sobre o Orçamento Participativo que ambos construíram o seguinte rap:

### Rap do Orçamento Participativo

#### Refrão: Orçamento Participativo

Partilha de poder, resultado positivo  
 Acredite nessa política mais igual  
 Participe desse novo movimento social.

Chegou a hora, chegou a hora  
 Se você participa a Cidade melhora...

Rompendo com a forma tradicional  
 Orçamento participativo é fundamental  
 Na mudança da relação,

Na esperança, perspectiva da construção  
De uma nova democracia  
OP – OP é exercício de cidadania  
Onde o povo vai opinar  
Um novo método de governar  
Com a participação da população,  
Na discussão, na decisão pra Cidade ou sua região  
Condenamos a política autoritária  
Comunidade agora vamos à plenária  
Qual a sua proposta?  
Venha votar!  
Essa é a resposta, o que liga é reivindicar  
Chegou a hora, chegou a hora  
Se você participa a Cidade melhora.

Refrão: Orçamento Participativo

Partilha de poder, resultado positivo  
Acredite nessa política mais igual  
Participe desse novo movimento social.

Tome conta da sua Cidade  
– Vamos dar um “rolêzinho” Fábio Feter?  
– Onde?  
Na caravana das Prioridades  
Temos um longo caminho pela frente  
Com responsabilidade  
Fiscalizar a administração,  
Enfraquecendo assim a corrupção  
– Conselheiro Dida vou dizer

Se você aparecer, a Cidade vai acontecer  
Consolidando e avançando o processo  
Tudo a ver com “Ordem e Progresso”  
Orçamento Participativo já foi adotado em vários Estados  
Sua presença é positiva e traz resultados  
Sua presença é decisiva  
Na reunião (Informativa ou Deliberativa)  
População e Prefeitura construindo  
População e Prefeitura definindo  
Definindo juntos onde aplicar o nosso dinheiro  
Você pode se tornar um conselheiro  
Uma nova Cultura Política que socializa  
Uma nova Cultura Política se concretiza  
Rap positivo fortalece o Hip-Hop  
“Conseguiremos juntos conquistar com braços fortes”  
Chegou a hora, chegou a hora  
Se você participa a Cidade melhora.  
Refrão: Orçamento Participativo  
    Partilha de poder, resultado positivo  
    Acredite nessa política mais igual  
    Participe desse novo movimento social.

Fábio Feter concedeu a seguinte entrevista:

“Sistema Racional é uma arma educativa de resgate da essência ideológica do hip-hop. Canta a paz, a justiça. O grupo está ganhando visibilidade em nível nacional influenciando muitos adeptos. Sou rapper, produtor musical, arte-educador, instrutor de discotecagem, vocalista, compositor e líder do grupo Sistema Racional. Meu pseudônimo, Feter, é anagrama de ‘ter fé’. Iniciei e denominei o chamado rap positivo, está voltado para a auto-estima. Fui presidente de grêmio estudantil e, há 5

anos, trabalho pela conscientização da juventude, lecionando em oficinas de hip-hop. Assim, aponto alternativas para o futuro, influenciando na formação de novos grupos de rap e, atualmente, desenvolvo o mesmo projeto implantado nos centros comunitários, administrados pela Secretaria de Cultura. Sou conselheiro da minha região no Orçamento Participativo, membro da Coordenação do Conselho Municipal do Orçamento e representante do grupo coordenador do projeto Santo André Cidade Futuro. Em 2001, articulei a participação de outros jovens do segundo subdistrito de Santo André e foram eleitos representantes de suas regiões junto ao Orçamento Participativo. E uma jovem de 16 anos foi eleita conselheira da temática Combate à Violência Urbana. Mobilizaram-se mais de 90 jovens, vindos dos recantos mais distantes da periferia para as plenárias de cultura e combate à violência, realizadas no auditório do Teatro Municipal.”

“Vários grupos de rap, inclusive grupos do estilo gangster do ABC e de São Paulo, estão aderindo ao rap positivo a partir do lançamento do CD Demonstrativo do Sistema Racional. Aderiram ao rap positivo os seguintes grupos: Voz de Atitude, Das Prophecias, Homicídios, AR 15, Nérinho, Canto B, Colapso Verba, Aliança Periférica, Radical Black, Guerrilha Frontal, ABC Cia, Sobreviventes de Rua, Ideologia Positiva, Súcia, Contra Ideologia, Feminil, Raio X da Periferia, Estudantina, todos de Santo André. Aderiram também Consistência de MCS e Mente Negra, de Mauá; Grupo Teoria, de Ribeirão Pires; Linguagem Nociva, Filhos da Revolta e outros 15 grupos de São Bernardo do Campo; E.R.U. 10. E o Filosofia de Rua; e também o COT, a Fusão, de Diadema. E o grupo Linguagem Nociva, de Heliópolis, São Paulo. E, finalmente, o grupo feminino, Originais do Rap, de Curitiba, Paraná”.

“Diferentemente dos raps que pregam a violência e fazem apologia das drogas, as músicas e as letras do rap positivo são mais pacíficas e procuram não só rimar o problema, mas também, e sobretudo, a solução dos problemas. Oferecemos a melhor arma para combater a violência: o rap positivo. O grupo Sistema Racional colabora e se aproxima da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer de Santo André para a difusão da

cultura de rua, no caso o movimento hip-hop, para desenvolver cultura, tendo por objetivos a educação e a inclusão social”.

Feter reconhece a importância das lideranças. No palco, quem canta é um líder que influencia muita gente. Empenha-se em lutas pelo respeito aos direitos humanos. Por isso, compôs e escreveu a letra Os Direitos Humanos são Violados, a seguir:

### Os Direitos Humanos são Violados

Aê sou narrador  
Enquanto o povo sofre  
O Presidente de rolê no exterior  
Aqui não é o Playcenter falô?  
Na favela que acontece a verdadeira noite do terror  
Cidade violenta, calada sangrenta  
Chacina a toda hora, aqui ninguém agüenta  
O Brasil é lindo, é o país do futuro  
Mas ignoram o outro lado do muro  
O lado obscuro da periferia  
“Brasil 500 anos de patifaria”  
Observe a minha previsão sombria  
São Paulo não é novela, é guerra fria  
Aqui é um campo de guerra infernal  
Mais um viciado mutilado no matagal  
Sem piedade, crueldade  
Essa é a terra da justiça covarde  
Não me engano, tá tudo errado  
Cotidiano desumano quem vive tá ligado  
Que os Direitos Humanos são violados  
Já tomei tapa na cara de gambé folgado

Refrão:

São tantos mortos, aniquilados  
Os Direitos Humanos são violados  
São tantos mortos, aniquilados  
Assistimos a tudo de braços cruzados  
São tantos mortos aniquilados  
Os Direitos Humanos são violados  
São tantos mortos, aniquilados  
Até parece que não somos nós os prejudicados

Direito à vida, à liberdade  
“Todos nascem iguais em dignidade”  
Declaração da Carta dos Direitos Humanos definiu  
Mas na prática não existiu  
O deputado comédia defende a pena de morte  
A juventude mostra a força do Hip-Hop  
No ataque, ataque, rimando consciência  
No combate, combate, combate à violência  
Ah, ah que vida? Que liberdade?  
O que se tem é corrupção e impunidade  
Segurança é o anseio da população  
Esperança de mudança, de transformação  
Quero viver [www.sem medo](http://www.sem medo)  
O jovem da periferia precisa do primeiro emprego  
Arromba.povo sem saúde  
Arromba.governo sem atitude  
Como eu quero teclar, conectar  
Como eu quero apertar a violência e deletar  
Chega de “ra-ta-ta”. É assim que tem que ser

Rap Positivo vai prevalecer.

Refrão:

São tantos mortos, aniquilados

Os Direitos Humanos são violados

São tantos mortos, aniquilados

Assistimos a tudo de braços cruzados

São tantos mortos aniquilados

Os Direitos Humanos são violados

São tantos mortos, aniquilados

Até parece que não somos nós os prejudicados

Paz...

Arte-educador que é, formado nas pelejas da vida, Fábio Feter incorpora conteúdos existenciais em suas músicas. Nelas, se refere a experiências de vida, aos estados do ser, aos valores espirituais, à necessidade de superar-se, de participar da confraternização universal através da solidariedade e de encantar o mundo. A luta pelos direitos humanos atravessa séculos e está presente em todas as sociedades e culturas. Por isso, o Sistema Racional, que ele cordena, merece ser introduzido no cotidiano escolar. Não somente o Sistema, mas todos os grupos do movimento hip-hop que lutam pela cultura da paz.



## *Preconceitos: contradições*

### Conceito

---

A despeito de jovens do movimento hip-hop combaterem preconceitos, eles também os têm sob diversas formas.

Preconceito é aqui entendido como “uma atitude negativa, desfavorável, para com um grupo ou seus componentes individuais”<sup>34</sup>. Caracteriza-se por crenças estereotipadas. E o estereótipos são convicções pré-concebidas sobre indivíduos, grupos e raças, de que resultam idéias, opiniões ou sentimento desfavoráveis, formados *a priori*, sem análise: “são atitudes de natureza hostil, resultante da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio”<sup>35</sup>. Do preconceito desfavorável resultam a intolerância e discriminação nas relações. Estabelece-se, então, a distância social entre duas ou mais categorias, grupos ou raças.

Historicamente, no Brasil, os brancos dominadores submeteram os negros escravos e os índios através de medidas discriminatórias com vistas à preservação de seus privilégios e em prejuízo dos dominados. Seus descendentes, os afro-brasileiros, ainda se sentem discriminados, vitimizados, ressentidos, e a maioria se rebela em busca de auto-afirmação: “sou negro, logo sou belo”. Querem impor seu padrão de beleza. E exigem respeito. A maioria branca não sabe lidar com esse jovem negro orgulhoso. Consideram-no arrogante, petulante e criador de casos. O

---

34. Silva, Benedicto (Coordenador). *Dicionário de Ciências Sociais*. Editora Fundação Getúlio Vargas, RJ, 1986.

35. Houaiss, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva, 2001.

que os brancos não entendem é que eles querem conquistar seu espaço, ser respeitados como afro-brasileiros, gostam da negritude da pele, criticam a tendência ao embranquecimento da raça.

O embranquecimento é uma questão contraditória. De um lado, criticam a tendência ao embranquecimento e, por isso, assumem a negritude. De outro, há jovens pardos, que raspam o cabelo para ocultar a origem negra. Isso acontece com muitos jovens universitários. Segundo eles próprios, têm cabelo “ruim”. Assim conseguem passar por brancos. É uma atitude de rejeição da raça. Isso revela um conflito psicológico, senão preconceito. Um desses universitários foi recenseador em 2000 e notou que, quando um entrevistado era negro, declarava-se negro. Mas, quando era mulato, se dizia branco, renegando a origem afro. Esse comportamento é visível em mulatos da classe média. Ele notou também que pardos e mulatos do movimento hip-hop, pobres e semi-alfabetizados não renegam a raça, ao contrário, supervalorizam as raízes africanas. E chamam a atenção para o Guga (Gustavo Kuerten, o tenista), cujos cabelos longos e loiros são trançados à maneira dos negros, criticando os repórteres da televisão por não chamarem a atenção para o fato. Não admitem o caso de Michael Jackson, hoje totalmente “branco”. Dizem que é uma doença, mas deu só nele? Estranha essa doença. Jackson deveria assumir a raça, principalmente pela fama que tem e pelo músico que é; ele traiu, entregou-se ao sistema dominante criado pelos brancos. Seu preconceito com o negro levou-o a se embranquecer. No entanto, sua dança lembra muito o break. Ainda em relação ao branco, um dos entrevistados declarou que tem um irmão loiro. Nunca teve interesse de saber da própria mãe sobre a mistura de raça na família. Seu pai abandonou-a e ela teve de viver sua vida, juntou-se com um branco como estratégia de sobrevivência. Não questiona sua mãe, pois isso é freqüente nas favelas.

Rejeitam o preconceito, mas jovens negros, mesmo do movimento hip-hop, o mantêm em relação ao branco e a outras etnias. Um verso de um rap é significativo: “Boy não presta, tem que apanhar”. O boy é o jovem branco da classe média. O preconceito é revelado no depoimento de um jovem branco universitário, simpatizante do movimento hip-hop.

Segundo ele, em 1995, realizou-se o congresso da UNE. Uma das pautas era a questão racial. No plenário só havia estudantes negros. Interessado, quis participar, entrou no recinto, mas, imediatamente, foi convidado a se retirar, pois não podia ouvir o que estavam discutindo, uma vez que não iria entender, porquanto sua cultura é de brancos, burguesa e européia. Um outro caso: Eric, ainda que membro do movimento hip-hop, foi vítima de preconceito. Ele é considerado pela maioria um excelente DJ, o melhor do Brasil. No concurso realizado em 1999 por uma gravadora e pela MTV, ele ganhou o maior prêmio. No concurso de 2000, reconhecidamente o melhor, classificou-se em quarto lugar. Motivo? Não é negro. Seu erro: ser descendente de japoneses. E justificam: “os japoneses estão cada dia mais ricos, dominam tudo”. Eles que se consideram vítimas, também discriminam. Outro caso. Alguns membros do movimento discriminam um morador da favela só porque não é um dos seus. E se ostenta algum sinal de posse – uma roupa melhor, um telefone celular – aumenta a discriminação. E quando o vêem andando com um branco, declaram: “tá vendo, esqueceu dos pobres”. Essa discriminação é combatida pelos membros do movimento mais lúcidos: “esses preconceituosos não levam em consideração que a vítima, se apresenta sinais de posses, é porque trabalha. O preconceito não resolve nada, só piora. É preciso conscientizar o morador da periferia a respeito” – afirma um integrante do hip-hop.

Há uma questão de gênero. As jovens negras sofrem duplo preconceito: dos brancos e de muitos negros. Basta compulsar revistas a eles destinadas: muitos declaram que não gostam de negras, só casam com loiras. Muitos se deixam levar pelo modismo, a “loira do tchan”, por exemplo. O inverso também é verdadeiro: há jovens negras que preferem brancos. Só casam com negros se por amor. Não se vendem por interesses materiais. No entanto, muitas avós e mães estimulam a filha ou a neta a se casarem com branco para melhorar a condição de vida. O negro não tem oportunidade na sociedade de brancos. As próprias novelas da TV revelam isso. Os negros são apenas serviçais – motorista, se homem; cozinheira ou faxineira, se mulher. Se a moça for bonita, clara, mas de origem africana, ela oculta e, se for descoberta, tem medo

de ser enxovalhada. Os rapazes toleram as moças que tingem o cabelo ou usam lentes claras nos olhos porque elas são vaidosas. O importante é que não neguem sua origem. “Ninguém pode ser o que não é” – filosofam. E em relação às moças no movimento hip-hop, também há preconceito. No máximo, admitem como “backing vocal”, mesmo assim, em grupos mistos, dificilmente como solistas. As moças entrevistadas afirmam que isso é uma contradição: o movimento se pretende emancipador e, no entanto, segrega. Denunciam o machismo do movimento. Por isso, empenham-se em formar conjuntos, só de moças, apesar do medo de não serem aceitas. Nas reuniões que realizam, discutem várias questões, desde a questão feminina até religião, passando por questões sociais.

### *Preconceito da classe média*

---

Pergunto: a classe média mantém preconceitos em relação à periferia? E eles: “Sim, mas nem todos, é verdade. Mas os que nutrem consideram os moradores da periferia maus, ladrões, assaltantes e bandidos. Há, sim, gente perigosa, como há em todos os lugares. Só porque uns tantos não prestam, todos não prestam? Os membros do movimento hip-hop que denunciam as mazelas e querem transformar a sua dura realidade e promovem solidariedade, também são assim julgados por força de preconceitos. É verdade, alguns do movimento são culpados porque, em suas letras, declaram que o boy não presta e, por isso, precisa apanhar. Isso provoca medo. Aliás, é bom que se diga: a classe média é, naturalmente, medrosa porque tem bens materiais a defender. A mídia também é responsável pela disseminação do preconceito. A maioria dos moradores da periferia é gente boa, honesta, levanta muito cedo, vai ao trabalho, ganha dinheiro suado para sustentar a família. Um bandido rouba e mata. A mídia divulga e os espectadores, que não conhecem a realidade, consideram que todos os moradores não prestam. É um estigma. Essas notícias fortalecem o preconceito. A classe média tem falsa consciência a nosso respeito. Dificilmente quem mora num bairro de

classe média, como o bairro Jardim, em Santo André, vai convidar um moleque da favela para ir à sua casa, nadar na piscina”. Isso acontece apenas quando a mãe, empregada doméstica, leva seu filho ao local de trabalho. O filho da empregada não vai avançar nos estudos, muitos abandonam no meio do caminho. Um dos entrevistados cita o próprio caso: “não tenho o primeiro grau completo. Isso é normal?” – pergunta. “Hoje, com 25 anos de idade, não encontro trabalho. Tive de inscrever-me no programa Frente de Trabalho, da Prefeitura de Santo André. Consegui uma vaga por apenas um ano. E depois?” Um deles aborda outra faceta: “a classe média é individualista, só pensa em si, podia ajudar sem precisar tirar dinheiro de seu bolso, basta aplicar seus conhecimentos especializados – engenheiros, médicos, advogados, artistas – tantas são as nossas carências, precisamos de todos eles; basta dedicar algumas horas semanais e os resultados serão positivos para a comunidade”.

E em relação à justiça – pergunto. “Não acreditamos na justiça” – foi a resposta. As sentenças freqüentemente são contra os moradores da periferia. Os que têm posse podem contratar um advogado particular. Acontece que somos pobres. É verdade, há a assistência judiciária proporcionada pelo convênio entre o Estado e a OAB através da subsecção das comarcas. Sucedem que o Estado paga mal e demora o pagamento, motivo pelo qual só advogados recém-formados e sem muita prática se propõem a prestar assistência judiciária, muitas vezes precária. O pobre é penalizado. Duas conseqüências. Primeira, a população carcerária compõe-se, na sua maioria, de gente sem posses e de origem afro. Segunda, a justiça é feita com as próprias mãos.

Elustrou, contando o seguinte fato: “Um jovem casado morava no interior do Estado do Paraná com a sua família – esposa e um filho. Trabalhava como operário, consertando tubos de esgoto e, por não ter recebido salário, cometeu um furto com um menor e foi preso por seis meses. O que aprendeu na cadeia? Como preparar a cocaína, o crack, como se faz o tráfico. Só lições ruins. Ao cabo de seis meses, foi libertado. O irmão dele não teve a mesma sorte. Assaltou uma padaria, foi preso e, depois, enviado à penitenciária do Carandiru. No Dia das Mães,

teve o beneplácito de visitá-la. Tinha de retornar ao Carandiru. Ciente de que podia ser morto por outros presos, só por ter recebido o beneplácito, preferiu uma colônia penal. Recebeu a assistência judiciária, mas o advogado, ainda inexperiente, não soube representá-lo e o irmão foi tido como fugitivo, pois não voltou à penitenciária. Ficou pelas ruas e engraçou-se com a viúva de um traficante que correspondeu. Um amigo do traficante morto tomou as dores e o matou. A vítima era seu cunhado. Ao receber a notícia, foi ao IML para reconhecer o corpo e constatou que, de um olho dele, escorria uma lágrima de sangue”. Baseado neste fato real, compôs uma música, a seguir transcrita:

“Na capital do real

Não consigo entender como acontecem certas coisas

Sede de poder, materialismo, morte à toa.

Sua cara de mal será que vai trazer respeito.

Ouçã este relato e pense direito

Todo mundo quer dinheiro, disso eu bem sei.

Mas não quero fazer como fez meu mano Nei

Acelerou demais nas idéias, dava um trampo sossegado

Colava sempre nas festas, pano de marca ele sempre usava.

As minas crescia os olhos chegava e conversava.

Jogava um xaveco e depois abraçavam

Estilo Dom Juan, mal ele sabia o que viria no amanhã

Uma pá de vez a gente curtiu junto

Quem diria que um dia eu veria seu sepulcro

Surpresa do destino, morava na minha quebrada desde menino

Umás idéias sinistras, mudou de vez

Fez correria com maluco vulgo “japonês”

Qual será desse esquema e armadilha do diabo, jogada do sistema

Nerinho sou eu, miliano de rap, cronista da rua

Dizendo o que acontece com aqueles que se dobram pelo dinheiro, pelo dinheiro

O Tempo fecha, perde seu respeito na captura do real, você tomar nos peito

refrão

Alucinação sem miséria papel servido, cachimbo com pedra os furtos continuavam não tinha comédia, sangue no olho corda no pescoço, a sombra da morte se aproximando, mas ele não vai querer ser tirado pelos manos, aparência sempre fala mais alto, fantoche do sistema assim é o dilema de um povo pobre sem importância, não interessa o preço pago pela ganância, um dia a casa cai e aí como vai dar a volta por cima, segura sua firma ? o tempo fechou pro lado do meu truta, a justiça o pegou de calça curta, caiu no Dakar de Vila Palmares e o sonho se desfez foi pelos ares, logo mais transferido pro Carandiru, respeitado por todos mafiosos e pum, fumava um na cara dos tira, tô fumando sim, olha aqui dona polícia, dia das mães chegou pegou saidinha não deu uma de trouxa, cumpriu seu papel não quis mais voltar, pois o xadrez não é hotel chegou em casa sua mãe abraçou e perguntou: meu filho o que você faz por aqui ? Tô fora da prisão o meu lugar é aqui, junto à minha mãe que sempre me ajudou nas minhas correrias sempre me auxiliou, estou na minha área graças a Deus meu coração encarcerado sofreu e no bar da tiazinha, lembrou que pendurou segurou a bronca e tal o mano. Nei foi firmeza na captura do real, depois ele saiu de quebrada cumprimentando toda a rapa. Beijando as mina, dando a mão pros cara pegou um papel de cocaína e entupi de pó sua narina, à vonts na quebrada Jardim Santa Cristina esquecendo a trajetória de sua vida sofrida segunda-feira o dia começa Nei se levanta e chama a sua mãe, não queria voltar pro Carandiru casa de detenção, quem não tá lembrado 111 presos foram massacrados, isso é o que consta na lista do Estado, o diabo já estava em sua vida o transformou, se pá pro inferno o carregou. Desesperado, pegou o calibre pesado sozinho sem nenhum aliado, seu fim estava próximo mal ele sabia que três tiros levaria de uma treta das antigas, não faça como ele, não antecipe seu funeral, saiba fazer a sua captura do real.”

A letra e a música são do Nerinho (José Nerivaldo de Araújo). Ele mesmo reconhece a necessidade de reformular a letra, pois os versos são longos. O que lhe interessa é enfatizar o drama da periferia. O infortúnio recaiu sobre sua família.

### *Relações com a mídia*

---

E apesar de muitos criticarem a participação do movimento em programas de TV, alguns são favoráveis para divulgar a filosofia do hip-hop, seus objetivos, suas estratégias. Quando o grupo Racionais vendeu mais de 1 milhão de CDs, chamou a atenção da mídia, particularmente da televisão. Xuxa e Luciano Huck chegaram a convidar esse grupo e outros, mas todos recusaram porque consideraram esses programas opostos ao que se propõem. O hip-hop não é simples entretenimento, um bem de consumo, mas uma filosofia que visa a redenção da periferia. O movimento é visto como “coisa” de negros, mas não é, pois há muitos brancos adeptos. Propõe-se a conquistar novos espaços. O hip-hop, que é cultura de rua, precisa conquistar os palcos de teatro e também os auditórios das universidades.

### *Relações com a polícia*

---

Todos os entrevistados fizeram referências à polícia. Basta um membro do movimento andar de calça larga, jaqueta, boné ou gorro de pescador – que é o jeito de eles se vestirem – para ser abordado, quando não agredido com palavras. A relação nunca foi boa. A polícia usa e abusa da sua autoridade. Isso é denunciado nas músicas de rap. A própria TV, a toda hora, denuncia policiais que batem, matam e agredem, mas não são julgados. Além disso, existe o corporativismo, um acoberta o outro. Exemplo? Uma vítima vai à delegacia reclamar. E o que ouve?

“Você tem sorte de estar vivo, tem família, não tem? Então esquece”. Desrespeitam o jovem, o negro, o cidadão trabalhador. E quando se defrontam com um bandido com metralhadora AR15 e eles portam apenas um revólver 38, murcham e se afastam. Enfrentar por quê? Para deixar a esposa viúva e os filhos órfãos? – raciocinam. Ganham pouco para tanto sacrifício, não vale a pena.

Diversos fatos são citados. Têm medo de “trombar” com uma viatura à noite. Um deles contou o seguinte incidente. Voltava do trabalho num bingo, caminhava pela avenida São Bernardo numa boa, quando se deparou com uma viatura. Um policial abordou-o: “levanta a blusa”. O policial estava transtornado, violento, por motivos ignorados. Pediu para virar as costas, levantar as mãos e, sem mais sem menos, dá um tapa na cara. “Não fiz nada” – comentou. “Vocês precisam apanhar para nos respeitar” – foi a resposta. E foi liberado. Pegou o número da viatura para reclamar do abuso da autoridade. Na delegacia, foi induzido a não reclamar. É o corporativismo. E finalizando: “tenho medo da polícia, não de ladrão”.

No entanto, um dos entrevistados aponta uma contradição. Muitos membros do movimento hip-hop afirmam que todo policial é mau. Há bons profissionais, mas a maioria é violenta, corrupta e preconceituosa com o movimento. Haja vista que implica com a roupa que o pessoal usa. Precisa respeitar a cultura dos jovens. Os policiais não estão preparados para isso. Já conversou a respeito com um dos capitães, responsável pelo combate à violência em Santo André, e ele concorda. O pensamento desse capitão é muito interessante: quer combater a violência através de cultura, esporte e lazer e gerando postos de trabalho. “Muitos integrantes do hip-hop metem o pau na polícia, mas quando bandidos roubam suas casas ou abusam da mãe, da irmã ou da esposa, telefonam para 190”. Se não existisse polícia, seria pior. Esta é a contradição.

Fábio Feter, do Sistema Racional, contou o seguinte incidente:

“Fomos à Rádio Planeta FM, situada na pracinha da Vila Humaitá, Santo André, de madrugada, para uma entrevista. Batemos à porta, o estúdio ficava nos fundos de uma clínica dentária, ninguém nos aten-

deu, talvez em virtude do som alto. Fomos ao orelhão para telefonar, ninguém nos atendeu, por isso, voltamos para a porta da Rádio. Nesse momento, passa uma viatura, três policiais descem e indagam: ‘o que estão fazendo aqui nessa hora?’ Respondemos: ‘viemos dar uma entrevista na rádio’. E eles: ‘que rádio, aqui é uma clínica dentária, vocês vieram roubar’. E um deles foi até a viatura, pegou uma arma, uma PT cromada, que brilhava mesmo sendo noite, outro revistou-nos, não pediu documento, engatilhou a arma, apontou para a primeira vítima – eu era o terceiro – o outro policial colocou a mão no ouvido. Imploramos para não nos matarem e de repente, num ato de desespero, lembrei-me que estava com uma camiseta debaixo da blusa com a imagem de Nossa Senhora Aparecida e um crucifixo na correntinha; abri a blusa como última alternativa de salvação e mostrei a imagem e o crucifixo. Um deles perguntou: ‘você é da igreja?’ ‘Sim, freqüento’. E ele: ‘então recite o Salmo 23’. Deu-me uma amnésia, apesar de ser o mais conhecido. E eu num esforço desesperado: ‘O Senhor é meu pastor, nada me faltará’. E ordenou: ‘vão correndo para o carro antes que a gente atire pelas costas’. E corremos como uns loucos”.

À pergunta sobre o policial ser evangélico, Fábio Feter respondeu: “Não sei. Apenas observei que ficou olhando o crucifixo e a imagem. Se não foi um milagre, foi o respeito pela Nossa Senhora Aparecida e por Jesus Cristo”.

A polícia provoca não apenas a violência física, como também a psicológica. O soldado é um ser humano e, devido às características de sua personalidade, pode tender a ser mais afetivo ou mais racional. Como se envolve em situação de violência, tende ao endurecimento emocional. Mas há situações em que a dimensão afetiva fala mais alto, como no caso da imagem e do santinho de Cristo. Daí o apelo à religião católica, evangélica ou umbanda, para pedir a proteção divina e a ajuda na eliminação de seu rancor que o corrói por dentro, deseja a limpeza interior. O soldado é também um ser humano. E muitos deles moram na periferia e entendem e compartilham o drama de seus moradores. Na verdade, estes reconhecem o papel importante da polícia. Quando uma mulher está em trabalho de parto, não chama a ambulância, chama a

polícia. Se ela apanha do companheiro, não chama a assistente social, chama a polícia.

Os moradores vivem uma situação de ambigüidade em relação à polícia. Seriam eles adversários ou colaboradores? “A política pública de segurança deveria refletir melhor essa questão” – concluem.

A pesquisa constatou um fato, no mínimo, curioso. Comerciantes de favela são coniventes com o furto de um pacote de arroz, de feijão, de uma garrafa de refrigerante, mas não toleram roubo de dinheiro ou seqüestro para exigir resgate. Por mais paradoxal que pareça, eles chegam a dar emprego às donas de barracos que lhes furtaram algo. Furtaram porque precisavam – reconhecem. É elevado o grau de tolerância com esses furtos. Por isso a favela os protege. Seus moradores não admitem que estranhos venham roubar seus comerciantes. Um dia, roubaram a padaria. Uma funcionária subiu a rua, gritando que o estabelecimento acabara de ser assaltado e os moradores perseguiram e prenderam os autores – um rapaz e uma moça – e os levaram à padaria para o reconhecimento. O dono reconheceu-os. Onde residem? – perguntaram. E a resposta: na favela do Sítio dos Vianas. Um dos perseguidores ligou para um líder conhecido, residente no mencionado sítio e este desmentiu. Resultado: levaram os assaltantes a um matagal e os mataram. E os jornais do dia seguinte noticiaram. A polícia, que foi mobilizada, anunciou: a moça estava grávida. Que ironia: os favelados entristeceram-se com a informação, pois protegem muito suas crianças.

### *Relações com traficantes*

---

Na visão de vocês, qual é a causa fundamental do ingresso do jovem no mundo do crime? – pergunto.

– “A desigualdade social, visível em toda a sociedade. Na escola, o excluído tem colega com relógio bom, blusa boa, tênis de qualidade. E ele só tem sapato estourado. É faminto, vê propaganda de produtos, objetos de cobiça, mas não tem como adquiri-los. É seduzido, mas fica

frustrado, por não poder satisfazer seu desejo. Por isso, ingressa no mundo do crime, ganha dinheiro maldito para satisfazer um capricho. Conheço um casal com 8 filhos, um dos quais, de 7 anos, já fala em seqüestrar um cachorro de estimação de alguém rico e cobrar resgate. E os pais nem ligam. Este menino já está psicologicamente preparado para entrar no mundo do crime, o que fará quando tiver 14 ou 15 anos de idade”.

Você é evangélico e leva muito em consideração o livre arbítrio. Como este princípio entra na jogada ao ter de escolher entre o bem e o mal?

– “É preciso ter personalidade forte, decidida, para não cair na tentação. Eu não caí, embora houvesse muitas oportunidades. Fui convidado para ser testa de ferro, para cuidar de uma boca de fumo. Recusei. Tudo induz ao caminho do crime. Até policiais se envolvem para ganhar dinheiro fácil, como aconteceu com os policiais da Cracolândia, em São Paulo, que os canais de televisão exibiram por semanas, recentemente. Não entro no crime e nem por isso os traficantes deixam de me respeitar. Sou respeitado porque distribuo leite e organizo a favela para buscar legumes, verduras e frutas na CRAISA. Sou solidário. Eu respeito os traficantes, eles me respeitam”.

– Na medida em que eles os respeitam e os protegem, e vocês não os denunciam, não estariam fazendo o jogo deles?

– “Sim, conspiramos silenciosamente, pois temos de estabelecer uma boa relação com eles para podermos sobreviver lá dentro. Recebemos propostas interessantes e, mesmo que as rejeitemos, respeitam. Um dia, por exemplo, recebi uma proposta para gravar um videoclipe de uma música que falava de criminalidade, não aceitei. E nem por isso viraram a cara para mim. Em outra oportunidade, animei uma festa na casa de um traficante, embora não concordasse com o que ele fazia. Depois disso, convidou-me para trabalhar no salão de festas dele, fui e fiz meu trabalho sem envolver-me com o que eles fazem. Toquei sem me envolver nos negócios deles. Ao contrário, meu companheiro envolveu-se e hoje está preso. Outro dia, recebi, desse amigo, lembranças por intermédio de sua mãe que foi visitá-lo. Se tivesse ouvido minhas recomendações, de não entrar no tráfico, não estaria pensando na prisão. Arrependeu-se”.

“Gostaria de contar outra estória: eu sou disc jockey, *DJ*, não só de rap, e fui a um baile no aniversário do filho de um traficante, na minha vila, para onde levei minha aparelhagem. Na festa tinha traficante de tudo que é lado do ABC e, como não tinha mesa, coloquei a aparelhagem em cima da cama da mãe do traficante. O pessoal curtindo o maior som – rap, samba, rock, pagode – e um traficante, que é um dos donos da boca de fumo do Jardim Elba, gostou de mim e precisava de um DJ para tocar num salão que estava montando em Sapopemba. Neste dia, quebrou meu mixer e ele se prontificou a pegar o dele em sua casa; conversou comigo e me convidou dizendo que lá no salão teria show com Zeca Pagodinho, Beth Carvalho, Racionais. Fui conhecer o salão com eles, num Passat Pointer, dirigido muito bem por um membro do grupo, como se fosse um piloto de assalto e de fuga. Fomos à casa dele, verdadeira mansão dentro da favela, Rottweiler protegendo, umas três mulheres muito lindas, quase 2 mil discos de rap importados. Fiquei encantado com a quantidade porque nunca pude comprar nada disso; autorizaram-me a tocar e fiquei ali de fone no ouvido, enquanto eles fumavam e cheiravam. Ofereceram-me, recusei e percebi que me olharam de forma estranha; um deles tentou contemporizar a situação, dizendo que mais tarde eu aceitaria. Visitei o salão e acertei o pagamento pelo trabalho a realizar, tudo certinho. Na volta para minha casa, já no carro, um dos manda-chuvas disse que me respeitava por eu ter ficado na minha, numa boa, respeitando a todos e sem abaixar a cabeça e, nesse exato momento, tive certeza de que eles têm um código de ética, de respeito, se você respeita. Fui respeitado porque recusei a maconha. A partir desse fato, o pessoal de tráfico me ajuda, fazendo segurança quando necessário, como no baile, porque eles também precisam de lazer e de diversão. É isso que falta na sociedade, o respeito”.

Mas há também violência contra membros do hip-hop.

–“Sim, quando se sentem prejudicados. Foi o que aconteceu com o Gilmar, meu amigo: hoje foi assassinado. A namorada, que estava com ele, recebeu vários tiros, está no hospital. Motivo? Tinha um programa na rádio comunitária, denunciava o tráfico de drogas, motivo pelo qual já havia recebido diversas ameaças. Ele continuou e hoje foi surpreen-

dido por um carro, dentro do qual havia pessoas encapuzadas que o mataram. Estou preocupado com a minha sorte – será este também o meu destino? – pois também combato a violência através do rap positivo, peço para as pessoas não entrarem no caminho do crime. Luto por uma sociedade mais justa. Não quero ser um guerreiro morto, como Gilmar, ele era rapper responsável pelo programa Alvos da Lei, fazia trabalho social. Pedia para os garotos não consumirem droga. Era progressista, propositivo, informativo. Posso ser alvo de alguém por pregar que a sociedade se organize contra as drogas. O tráfico é um sistema bem organizado. O verdadeiro traficante não é o passador de maconha, de cocaína, de crack que atua nas favelas, este é um coitado, está sendo usado, matando entre si, não quer que a molecada saia das drogas, fonte de lucro deles. O verdadeiro traficante, o ‘big brother’ que tudo controla, está no cais do porto, de gravata, atrás de uma mesa, caneta ou telefone na mão, comandando tudo e ordenando a matança de quem o prejudica, quer lucro, só lucro”.

Então vocês que fazem o rap positivo, que prega a solidariedade, têm como adversários não apenas a polícia, como também os traficantes?

–“Sim, estamos entre fogos cruzados – o assassinato de Gilmar revela isso. Pregamos a não-violência e, por isso, provocamos a violência. Contraditório, não? A morte de Gilmar me causa enorme angústia porque me identifico com ele e com suas lutas. Que sua morte não seja em vão. Que sua morte atormente a consciência da sociedade. Mas ele foi um obscuro lutador, um anônimo, só conhecido pelos moradores da favela, a quem servia. Não importa. Será lembrado pelas mães de jovens cujas vidas defendia. Ele que pregava a não-violência foi vítima da violência. Fazia resistência desarmada, à maneira de Luther King, foi vítima de uma arma. O que me atormenta, na morte do Gilmar, tanto quanto a brutalidade dos assassinos, é o silêncio, a omissão de ‘cidadãos’, entre aspas, dos indivíduos moderados, dos amigos da ordem que nada fazem, embora desabe o mundo. São partidários da ordem e não amigos da justiça. Se fossem amigos da justiça, estariam chorando a morte do Gilmar, meu irmão em rap positivo. Hoje, sinto-me só, desesperadamente só. Meu desespero é uma energia. Então me pergunto: o que fa-

zer para acabar com o silêncio e a omissão dos indiferentes? Como engajar os estudantes e os professores na luta contra a violência? Remeto estas perguntas aos professores. As respostas a estas perguntas são tão importantes quanto o conhecimento da física... qual o nome... que aprendi no segundo grau?... a física quântica. Por isso, o movimento hip-hop prega a elevação do nível de consciência”.

### *Raízes africanas*

---

O *Diário do Grande ABC*,<sup>36</sup> trouxe uma reportagem sobre o livro *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre. A reportagem estampava 7 ilustrações. Expliquei aos meus entrevistados o conteúdo daquela obra: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Foi lançado em 1933 e teve sucessivas edições. Um dos marcos do estudo da realidade brasileira. O autor fez a reabilitação do africano e do mestiço branco-negro e do negro-índio, ao lado do branco ibérico, fundamentais na formação étnica e cultural do povo brasileiro.

Mostrei as 7 ilustrações e pedi para analisarem. Queria saber até que ponto as raízes africanas ainda estavam presentes no inconsciente coletivo deles. O resultado foi surpreendente, como se tivessem lido a obra. Expliquei que a casa grande era a residência dos brancos proprietários de terras e a senzala era o local onde moravam os escravos. Pedi a cada um deles para selecionar três ilustrações e explicar por que as escolheu. A escolha recaiu sobre os instrumentos usados contra os escravos. E explicaram:

– “Aqui, os escravos estão amarrados, amordaçados e espancados. Foram colocadas máscaras de metal no rosto, impedindo-os de ver, falar e mesmo respirar. Só não morriam asfixiados porque havia pequenos orifícios, por onde penetrava o ar. A máscara representava também a proibição de falar, o escravo não tinha o direito de usar suas próprias

---

36. *Diário do Grande ABC*, 16.7.2001, Caderno Cultura e Lazer, pg.1

palavras. Infelizmente, o silêncio ainda nos é imposto – é de extrema atualidade. Instituímos 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra, dia da morte de Zumbi, um dos grandes guerreiros da nação negra. Estamos desenvolvendo um projeto: realizar o Segundo Encontro de Consciência Negra através do movimento hip-hop. Uma das finalidades é arrecadar alimentos para distribuí-los às famílias pobres. Pode parecer um movimento assistencialista e por isso seremos criticados. Somos contra o assistencialismo porque gera dependência, mas ele é necessário, senão os pobres morrerão. É uma contradição. Entre dois opostos, temos de optar pela vida. Mas, voltando às ilustrações, temos de conhecer a história de nossos antepassados. Gostamos de saber de nossas raízes, que se perdem na noite dos tempos. O senhor, que é professor universitário, bem que poderia nos falar de *Casa Grande e Senzala* e, mais do que isso, contar a história da África, de onde vieram nossos antepassados. Há, no fundo do movimento hip-hop, raízes africanas. Nossos lamentos e nossas revoltas provam isso. Conhecendo nossas raízes, poderemos compor melhor. Ocultaram a nossa história e queremos desocultá-la. Essas ilustrações nos atingem em cheio porque retratam a nossa vida de excluídos. O negro ainda é amordaçado, tem muito a falar, mas não fala. Não temos vez nem voz. Dificilmente se vê um negro advogado ou médico. O negro é visto como traficante, ladrão. A mídia nunca passa a informação correta de que o negro é lindo e não deveria ter vergonha da sua cor. Devíamos ter orgulho das nossas tradições, da maneira de trançarmos o cabelo, de as mulheres amarrarem o lenço na cabeça. O Guga, jogador de tênis, por exemplo, quando entra na quadra, tem seu cabelo loiro cheio de tranças e tranças são da cultura negra. A mídia destaca o trançado de seus cabelos, mas não diz que esse trançado é de origem afro. Uma apropriação indébita. Mas, quando o negro assalta, rouba ou seqüestra o filho de um empresário, aí a mídia destaca que ele é negro e o policial diz: negro safado, sem-vergonha, ódio negro. Dissemos que o negro não tem vez nem voz. Mas é isso o que o movimento hip-hop ensina: o negro precisa aprender a dizer suas próprias palavras, manifestar seu pensamento, expressar emoções. Assim conseguirá a auto-estima e a auto-afirmação. Sim, somos amorda-

çados, mas, ainda bem, não tanto como no tempo da escravidão, como revelam essas ilustrações. Aliás, o que desejamos é a paz entre negros e brancos a partir da junção carnal, como ilustra este outro desenho: o branco e a mulher negra na rede, desde que ela não seja obrigada à cópula apenas para satisfazer a vontade do homem branco e que seja também a expressão de desejo dela. Na época, esse desejo era difícil, pois a mulher negra era subjugada, aliás, como os escravos homens”.

“Essa outra ilustração revela isso: um garoto branco sentado sobre as costas do menino negro, vibrando um chicote, como se o negrinho fosse um animal de carga. O preconceito nega a democracia brasileira, desmente o Brasil multirracial e interétnico. O referencial é o branco, preferencialmente alourado – o euro-americanizado. ‘Nós sentimos isso em nosso cotidiano’ – comentou uma aluna negra, do curso de Pedagogia. A ilustração do branco e da negra na rede é uma farsa, a união das raças, mostrando que todos somos irmãos, independentemente da cor e da raça, como na música “Olhe para si mesmo”, ainda não gravada. Um dos versos diz: “independente de cor ou de raça, o que vale realmente é o teu amor”. O autor: Fábio Feter.

Mais de 100 anos são passados, o preconceito racial ainda permanece, só mudaram as formas. O rap é a expressão do protesto, de reivindicação e denúncia. Já vi selos provocativos, afixados no carro: “100% branco”. E quando o negro responde com outro selo, “100% negro”, ele é taxado de negro orgulhoso. “Eu prefiro” diz Feter, “ser 100% humano, porque aí você respeita o branco, o negro e o amarelo”. “Sou extremamente religioso”, diz outro rapper. “Minha família participou da comunidade eclesial de base, fundada na teologia da libertação. Um dia, minha mãe veio com uma novidade: a teologia do cativo. Disse que precisamos nos libertar do cativo, da opressão. E citou o título de um livro, *Jesus Cristo Libertador*, mas não se lembrava do nome do autor. O importante é ressaltar que o negro está a caminho da libertação”.



## *Preconceito: um estudo de caso*

### *O caso*

---

Sou secretário-adjunto de Cultura, Esporte e Lazer do Município de Santo André. Compete-me elaborar, com minha equipe, uma política cultural a ser executada pelo Departamento de Cultura através de Gerências de Teatro e Auditório, Casa do Olhar, Casa da Palavra, Museu, Escola Livre de Teatro, Escola Livre de Cinema e Vídeo, de Difusão Cultural e EMIA's – Escolas Municipais de Iniciação Artística.

No ano de 2001, a Prefeitura abriu outra edição da Frente de Trabalho, com duração de 1 ano, para 500 excluídos – pais de família, desempregados, sem nenhuma renda, moradores de periferia, analfabetos ou semi-alfabetizados. A Prefeitura, além de pagar salário-mínimo, oferece transporte para o trabalho, cesta básica, assistência médica e assistência social para as famílias.

Um jovem de 25 anos, casado, pai de quatro filhos, aguardando o quinto – chamemo-lo Nelson – conseguiu uma das vagas da Frente de Trabalho. Foi alocado no DPAV – Departamento de Parques e Áreas Verdes, com a função de auxiliar na limpeza pública. Conhecemo-nos há dois anos através do movimento hip-hop, de que é membro ativo e com liderança. Há três meses, Nelson me procurou, informando-me de que gostaria de transferir-se para a Secretaria de Cultura, com a qual mais se identifica. Consegui a transferência, convencido de que Nelson

poderia ser útil no apoio a diversas ações culturais. Foi alocado na Gerência de Teatro e de Auditórios.

Algumas semanas depois, recebo reclamações dos responsáveis por aquela Gerência que, em virtude da gravidade das acusações, não o queriam mais e o colocaram à disposição do Gabinete da Secretaria de Cultura.

As acusações: 1) Apagar a luz da platéia do Teatro Municipal antes do início de um espetáculo, sem a autorização do iluminador da peça; 2) Abandonar o trabalho 3 dias inteiros e 8 oito vezes no meio do expediente de forma indisciplinada e irresponsável; 3) Ser desvairado, falar sozinho, utilizar-se de muitas gírias; 4) Ser procurado por pessoas “esquisitas”, mal vestidas e com palavreado de “baixa categoria”; 5) Vender produtos de origem desconhecida, possivelmente roubados, a preços menores que os do mercado, pois um colega comprou dele uma agenda eletrônica ao preço de R\$ 10,00.

Acusações graves que mereciam investigação. Registrei-as por escrito e li para corrigir possíveis distorções. Concordaram com os termos: não havia distorção. Disse que iria averiguar, tomaria decisões e daria respostas apenas duas semanas depois. Pedi para aguardar.

Alguns dias depois, recebi outra denúncia contra Nelson. Agora, da Guarda Municipal, através de um documento denominado R.O. – Registro de Ocorrência, vazado nos seguintes termos:

“Informo que, no dia do ocorrido, estávamos pela Casa da Palavra, quando a responsável solicitou-nos a acompanhar o fechamento das atividades, pois lá estava um funcionário incumbido de ligar um som para um evento que não houve e o mesmo des (sic) da manhã com o som em alto volume e sempre se dirigindo a todos em tom arrogante e desafiador; então às 17h, a funcionária fechou a porta e avisou ao citado que estava encerrando. Quando o citado funcionário (vulgo Nelsinho) abriu a porta e esbravejou, gritando que só encerraria às 18h. Esta guarnição interferiu, pedindo respeito e

cumprimento ao pedido da funcionária; e o mesmo começou a desmontar o som, porém questionou a autoridade da Guarnição e usando palavras de baixo calão nos desacatou; foi dito ao mesmo pela Guarnição que se insistisse, terminaríamos o fato no Depol; adentrou ao recinto um cidadão em defesa do elemento e, ao indagarmos, identificou-se como deputado estadual, explicando o fato ao mesmo e demos o fato como encerrado, já que foi cumprida a determinação pela responsável da Casa da Palavra”.

Com este R.O., agravou-se a situação de Nelson. O Secretário de Cultura (titular), que já sabia dos fatos ocorridos no Teatro Municipal, orientou-me a colocá-lo à disposição do setor responsável pela Frente de Trabalho. Eu temia que Nelson perdesse o trabalho, o que agravaria a situação da sua família. Este incidente fez-me lembrar que na minha adolescência, ao tempo da minha exclusão social, fui vítima de acusações semelhantes. Não discuti e me pus a refletir. Não admitia ter errado tanto na avaliação do jovem, quando da transferência de outro setor.

Evoquei minhas experiências profissionais em recrutamento e seleção, primeiro como gerente e depois como superintendente de grandes empresas, inclusive multinacionais. Fazia questão de participar da seleção de candidatos a cargos mais elevados, de gerência para cima, por demandar mais cuidados. Lia atentamente os curriculuns e, com o gerente, meu subordinado, selecionava cinco deles. Meu critério era selecionar o homem com certa experiência e não um simples profissional. O profissional forma-se com programas de treinamento, enquanto o homem demora mais e é mais difícil. Fazia perguntas de rotina – sobre as experiências anteriores, formação universitária, estado civil... Além disso, indagava sobre livros que lera nos dois últimos anos, sobre filmes a que assistira, criava situações simuladas de trabalho, no lazer, na empresa e na casa. Com estas perguntas, queria identificar a visão de mundo deles, a presteza com que reagiam a um estímulo, o que faziam para ter domínio de uma situação complexa, se sabiam analisar um proble-

ma, se eram capazes de identificar um problema potencial a manifestar-se no futuro, com tendência ao agravamento. Seleccionava o candidato a partir das informações coletadas. Nunca errei.

Como podia ter errado no caso de transferência do Nelson, um caso até relativamente simples? Não admitia. Havia algo oculto. Precisava desocultá-lo. Mas como? Precisava conhecer a vida pregressa do Nelson e o contexto sócio-psicológico em que se desenvolvera: a periferia.

### *Maniqueísmo, preconceito e fagocitose social*

---

A classe média não sabe lidar com a periferia. Nutre preconceitos: tem medo dela. Diálogo de mudos. Novidades? Não. É uma das expressões contemporâneas do maniqueísmo: o bem e o mal; céu e inferno; Deus e o Diabo, de que resultam preconceito, conflito e ressentimentos. Não se escreveu uma história do maniqueísmo, mas ele se inscreve na história da humanidade desde os albores da civilização, presente no imaginário e no inconsciente coletivos, segundo uma expressão de Jung. Maniqueísmo e preconceito parecem-me palavras-chave para o entendimento do caso Nelson.

Mas o que é maniqueísmo? O que é preconceito? Consulto o Houaiss.

*“Maniqueísmo: 1 - dualismo religioso sincretista que se originou na Pérsia e foi amplamente difundido no Império Romano (séc.III e IV dC), cuja doutrina consistia basicamente em afirmar a existência de um conflito cósmico entre o reino da luz (o Bem) e o das sombras (o Mal) ... e em afirmar que aos homens se impunha o dever de ajudar a vitória do Bem por meio de práticas ascéticas, especialmente evitando a procriação e os alimentos de origem animal; 2 – qualquer visão do mundo que o divide em poderes opostos e incompatíveis (admitir que os bons sejam bons e os maus sempre maus. Etimologia: Maniqueu + ismo...”*<sup>37</sup>

37. Houaiss, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva, RJ, 2001.

“Preconceito: 1 - *qualquer opinião ou sentimento, quer favorável, quer desfavorável, concebido sem exame crítico. 1.1 – idéia, opinião ou sentimento desfavorável tomado a priori, sem maior conhecimento, ponderação ou razão; 2 – atitude, sentimento ou parecer insensato, especialmente de natureza hostil, assumido em conseqüência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância (preconceito contra um grupo religioso, nacional ou racial). Estereótipo (padrão fixo, idéia ou convicção); 3 – conjunto de tais atitudes (combater o preconceito); 4 – qualquer atitude étnica que preencha uma função irracional específica, para seu portador (preconceito alimentado pelo inconsciente individual). Etimologia: pré + conceito. Antepaixão, cisma, implicância, prejuízo, preconceito, prenoção, xenofobia, ver também sinonímia de repulsão”.*

“Repulsão: *ação de repelir, de resistir, de rebater com força, abominação, antipatia, asco, aversão, desamor, desgosto, desprezo, dificuldade, enfeitamento, enjôo, execração, ódio... recusa... rejeição... repúdio...*”.

Do termo maniqueísmo retiro o termo Dualismo: etimologicamente, dual + ismo, que significa: dois, um par de entidades isoláveis que podem ter, ou não, correspondência: esquerda e direita, por exemplo, têm correspondência. No caso de maniqueísmo, não há correspondência, ao contrário, oposição entre dois princípios básicos, antagônicos. Exemplo: a oposição entre o bem e o mal, o reino da luz (o Bem) que deve vencer o reino das sombras (o Mal). A oposição tem o sentido de guerra que se revela no termo, *vitória* do bem contra o mal. Os bons serão sempre bons e os maus sempre maus, de que resultam dois grupos antagônicos. Entre estes dois grupos, estabelece-se o preconceito – opinião ou sentimento, concebido sem exame crítico e a priori, que gera hostilidade, confronto entre duas entidades: nós somos bons, vocês são maus. E a tendência é a generalização do preconceito. Nós, da classe média, que moramos nas policentralidades, somos bons, vocês que moram na periferia são maus. E esse prejuízo se fixa, tornando-se estereótipos (não muda o julgamento). O preconceito e

o estereótipo alimentam a repulsa e seus sentidos cognatos – abominação, recusa, rejeição, repúdio. E repulsa gera ressentimentos.

Um sente repulsa pelo outro, tende a destruir o outro simbolicamente e, nos casos mais radicais, chegam à destruição física. Repulsa lembra-me um termo da biologia – fagocitose – que significa, segundo Houaiss, “processo de ingestão e destruição de partículas sólidas, como bactérias ou pedaços de tecido necrosado, por células amebóides chamadas fagócitos. A fagocitose tem, como uma das funções, a proteção do organismo contra infecções”.

Poderia, por analogia, estender o sentido desse fenômeno biológico às ciências sociais, agregando a esse termo o adjetivo “social” – fagocitose social – que visa a expulsão, ou mesmo destruição, de um elemento invasor que causa necrose, isto é, desgaste, desgosto, desprezo, dificuldade.

Não seria o caso de expelir Nelson?

Considerarei “fagocitose social” rica em significados.

Essa prática vem desde os tempos imemoriais. Fagocitose social resulta de maniqueísmo, de preconceito, de estereótipo e de repulsa e, nos casos extremos, de eliminação física. A fagocitose social se inscreve na história da humanidade. Está na mitologia, nas religiões.

Fagocitose social - Alguns exemplos - Antígona

Testo o conceito de fagocitose social, aplicando-o à mitologia grega. Pinço a tragédia de Antígona, de Sófocles. Sozinha, a personagem se opõe ao seu próprio país, às leis de seu país, ao chefe de Estado e, por isso, será condenada à morte. Ela é filha de Édipo Rei e tem dois irmãos, Polínice e Etéocles. Com a morte do pai, ambos disputam o trono. Etéocles expulsa o irmão e se torna rei. Polínice se exila e consegue o apoio de um exército estrangeiro para voltar à sua cidade, Tebas, a fim de conquistar o poder. Há uma grande batalha e a vitória é de Etéocles.

O exército estrangeiro foge e os irmãos se engalfinham numa luta fatal: ambos morrem. Creonte, o tio, torna-se rei. Decide que os dois cadáveres terão tratamentos diferentes. Por defender a cidade, Etéocles será enterrado com todas as honras. Polínice, considerado traidor, será

execrado. Seu corpo será insepulto, entregue aos animais e aos corvos. Para os gregos, não havia desgraça pior e humilhação maior do que ser assim tratado depois de morto.

O rei anuncia sua decisão aos habitantes da cidade: que ninguém ouse sepultar o cadáver maldito. Será condenado à morte. Antígona não admite que Polinice seja pasto para abutres. Fica dividida entre duas fidelidades: fidelidade à pátria vitoriosa ou fidelidade ao irmão. Ela não hesita, opta pelo irmão em oposição aos habitantes da cidade que consideram Polinice traidor. Enterra o cadáver. Esse gesto é tido como solidariedade a um traidor da pátria e um ato de desobediência ao Estado. Antígona é conduzida a uma caverna, cujas portas são muradas. Nas trevas e sem oxigênio, morre.

### *Satanismo*

---

E na religião? Javeh dos judeus, diz o Velho Testamento, é bom para os que lhe são bons, mas também tem o seu lado vingativo. Vítimas dos persas, dos babilônios e dos mesopotâmios, o território dos estrangeiros, por ser desconhecido, constitui permanente ameaça. O território desconhecido do povo ameaçador denomina-se, em hebraico, terra de satã; satã, substantivo comum, torna-se Satã no Novo Testamento – uma personagem, um nome próprio. Nele, concentram-se as forças do Mal. A partir do século V, com Teodósio, o cristianismo torna-se religião oficial do Império Romano. Por isso, a religião cristã, com sede em Roma, ganha dimensão católica no sentido de universal. Obriga os bárbaros à conversão. Impõe suas regras e persegue as práticas pagãs, como as festas rurais da primavera, tidas como culto à fecundidade e à natureza. A tradição cultural grega não ficou imune ao vandalismo. Pensa-se, erradamente, que braços e narizes quebrados das esculturas humanas foram desgastes do tempo. Não, foram depredações de cristãos que entendiam as esculturas como elementos do paganismo. Por isso, foram destruídos os braços de Apolo de Belvedere, Vênus de Milo, Hércules e

o Touro de Creta e Hermes (Mercúrio) com Dionísio (Baco), criança...

Mas, o maniqueísmo cristão não se limita à destruição desses bens culturais. Vai além. Satã precisa ser combatido. Adquire outro nome, Demônio, que vem do grego *Daimon*, com uma diferença fundamental: o Daimon grego é uma entidade espiritual, ao mesmo tempo interior e superior ao ser humano, sem nenhuma ligação com o maniqueísmo. Nos primeiros séculos da era cristã, altera-se o sentido: Demônio se liga ao Mal. Ele trai a Deus, deixa o mundo da Luz para habitar o mundo das Sombras, entre os homens. É o perigo, é o adversário. A luz é o dia, momento da presença divina. A noite é a presença demoníaca, em que o mal desencadeia a sua potência destruidora. Santo Tomás de Aquino inventa uma ciência para combater o Demônio: a demonologia. Estabelecem-se regras para identificar as personagens do Mal, que só pode ser combatido com o ascetismo cristão. Satã vira uma obsessão. Não é mais um Satã, mas uma legião de Satãs. Qualquer um, sobretudo mulheres, pode ser vítima. Estabelece-se a Inquisição para combater as bruxas e os hereges – aqueles que divergem da Igreja. Os deficientes físicos são deficientes espirituais e abandonados por Deus. Os ruivos têm a cor dos cabelos que lembram fogo do inferno. Ambos, deficientes e ruivos, têm pacto com Satanás, por isso, precisam ser perseguidos.

Em ambos os casos, na tragédia de Antígona como na religião cristã, vemos a formação de grupos antagonísticos e que se repulsam. No cristianismo, o antagonismo se agrava. O fenômeno da fagocitose social é visível. Bruxas e hereges são tecidos necrosados que precisam ser expelidos da sociedade, antes que a deteriore ainda mais. Satanás é o adversário que precisa ser combatido. Este é o pano de fundo da Inquisição.

### *O retorno ao caso Nelson*

---

Não estaria Nelson, por analogia, sendo vítima de fagocitose social? Precisava investigar. Estou mentalmente turbinado, quero entender o caso. Preciso construir uma ou duas hipóteses e construir minha pesqui-

sa-ção a partir delas. Convoco minhas leituras sobre o negro escravo, cujos descendentes compõem na maioria, os habitantes da periferia – negros, mulatos e pardos. Lá está na obra máxima de Joaquim Nabuco – *Minha Formação*: “custou à elite dominante entender que o problema não era o negro, mas o chicote e o pelourinho. Se o negro fugia das fazendas, não era porque era vagabundo e não queria trabalhar, mas porque era vítima de violência do senhor”. Não é preciso ir longe e, com vistas a situar a minha pesquisa no ABC, cito uma obra do professor José de Souza Martins, da USP<sup>38</sup>, na qual revela que os negros fugidos das cercanias de São Paulo montavam quilombos na Serra do Mar, nas proximidades do território que, hoje, constitui a nossa região. A ação de fugir era, na verdade, uma reação à violência imposta pelo branco. Fixo-me na última afirmação: a ação de fugir era uma reação...

A ação é uma reação a uma ação anterior, e assim se estabelece o círculo de ação/reação, agravando o problema que é inculcado, cujo núcleo central é o sofrimento e o ressentimento. Redijo a hipótese: a ação é uma reação a um estímulo desagradável exterior e anterior, cujo núcleo central é sofrimento e ressentimento.

Testo mentalmente a hipótese. Lembro-me de um caso que me fora relatado por um membro do movimento hip-hop durante a pesquisa de campo.

“Uma classe de ensino fundamental. Nela, estudam duas crianças, um neguinho e um branquinho (expressões do próprio entrevistado). O neguinho está na sua carteira, aplicado no seu estudo: escreve no caderno. Aparece o branquinho, rabisca o caderno do neguinho, este reage, gerando tumulto. A professora, que escrevia no quadro-negro, vira no instante em que o neguinho dava um safanão. A professora, ao invés de indagar e ouvir as partes, aplica uma penalidade no neguinho”.

---

38. Martins, José de Souza. *A Escravidão em São Bernardo, na Colônia e no Império*. Revista CEDI, 1988.

O branquinho age, o neguinho reage e é penalizado. Ressente-se o neguinho com a ação do colega e da professora. O depoente está irritado ao relatar-me, lembro-me bem. Indago: por quê? E a resposta: “Eu sou o neguinho”. E continua, coadjuvado por outros entrevistados: “assim é a nossa vida, vítimas de preconceitos, e o ressentimento vai se acumulando, a ponto de não suportarmos e explodirmos freqüentemente de forma inadequada. E somos tachados de violentos. É isso que os professores e os policiais não entendem: nossas ações são reações a provocações”. Não era isso que tinha acontecido com o Nelson? Eu devia averiguar. Chamo-o à minha sala. E ele:

“Tomei a iniciativa de promover um debate no dia 19 de outubro, às 16h, na Casa da Palavra, sobre Política no Movimento Hip-Hop ou Hip-Hop na Política. Convidei o ex-prefeito de Diadema, Gilson Menezes, o deputado federal Luizinho e o estadual Alberto. Eu e um amigo chegamos às 9h para montar os equipamentos de som. Os convidados chegaram às 16h, quando era para iniciar o debate. Sucede que na Concha Acústica (em frente à Casa da Palavra) realizava-se um show de rock, organizado por um grupo que desconhecia. Era para terminar às 16h, mas estendeu-se para depois das 17h, de sorte que os freqüentadores da Igreja do Carmo (atrás da Concha Acústica), que assistiam à missa, reclamaram do som do rock, muito alto.

A prorrogação do show prejudicou o debate, e o ex-prefeito de Diadema e o deputado federal se retiraram. Os poucos membros do hip-hop que iam ao debate decidiram assistir ao rock. Por volta das 16h50, um jovem de nome Adriano, residente em Mauá, chegou e pediu autorização para o uso do banheiro da Casa da Palavra, o que foi negado pela Guarda Municipal. Intercedi em favor do amigo, o que foi recusado. Estranhei, pois o guarda municipal me vira montar os aparelhos de som desde cedo. Alguns minutos depois, pedi autorização para entrar a fim de desmontar os equipamentos de som; novamente fui impedido. Motivo: a funcionária em plantão avisou que o expediente tinha se encerrado e ninguém podia entrar a partir das 17h. Pedi para ele conversar com a funcionária e ele se recusou. Declarei ser membro da Frente de Traba-

Iho a serviço da Secretaria da Cultura. Não adiantou. Irritei-me, elevei a voz, o que não devia ter feito; errei, reconheço. Pedi autorização para pegar minha mochila que deixara sobre a mesa e fui outra vez desautorizado. Estabeleceu-se altercação em altos brados, o que provocou intervenção da funcionária em plantão. Consegui entrar. Nessa altura, havia três guardas. E um senhor. O guarda colocou-se ao meu lado enquanto desmontava os equipamentos. Está me atrapalhando – reclamei. Qual o seu nome? – me perguntou. Não disse. Elevou-se o tom da altercação. A funcionária exigiu que eu parasse a discussão. O guarda reforçou o pedido, exigiu respeito a ela porque eu tinha pronunciado um palavrão. O guarda ameaçou prender-me. Um senhor, que até então permanecera em silêncio, assumiu a minha defesa. E o guarda interpelou quem era e qual o cargo. Sou Alberto, deputado estadual, convidado a participar do debate; “você não está usando o crachá de identificação. O seu nome?” – pergunta o deputado. O guarda ignorava a realização do debate e deu por encerrado o incidente. Terminada a desmontagem, peguei a mochila. O deputado ofereceu-me carona até a praça Adhemar de Barros, em frente ao McDonald’s. E fui a pé até minha casa.

Reconheço que errei por ter me irritado, elevado a voz e recusado ter dado o meu nome ao guarda. E elevado o volume de som a ponto de importunar a funcionária em plantão. Reagi de maneira inadequada pelo fato de o guarda ter impedido meu colega de usar o banheiro e ter-me impedido de entrar para desmontar os aparelhos de som e retirar minha mochila. Quando sou desautorizado a executar uma ação, por mais simples que seja, o sangue sobe à cabeça, me deixa cego e surdo. Reajo com agressividade e, por causa dessa agressividade, sou marginalizado”.

Pergunto se isso acontece com os jovens da periferia. “Sim, por isso, somos mal compreendidos. É uma carga pesada que herdamos do passado. Esses fatos aumentam nosso ressentimento”.

E, tendo Nelson se retirado da minha sala após o depoimento, lembrei-me da afirmação de Joaquim Nabuco. O problema não era o negro, mas o chicote e o pelourinho. Lembrei-me também do caso do neguinho

que teve o seu caderno rabiscado pelo branquinho e a professora aplicou-lhe uma penalidade, sendo ele a vítima.

A minha hipótese foi confirmada: a ação é uma reação a um estímulo desagradável exterior e anterior, cujo núcleo central é o sofrimento e o ressentimento. A desautorização é uma carga historicamente pesada. Essa carga herdada do passado os torna vítimas e agressivos.

Em relação às acusações da Gerência do Teatro Municipal e Auditórios contra Nelson, culminando com o pedido de colocá-lo à disposição do gabinete da Secretaria, entrevistei todos os envolvidos. A seguir, comentários sobre o relatório:

*“Quanto ao apagar a luz da platéia antes do início do espetáculo.”* Destaco que esse erro é resultante da falta de treinamento e orientação. Afinal, ele é recém-admitido. Concordaram. Sugeri que fizessem um plano de treinamento e pusessem em execução.

*“Abandonou o trabalho por três dias inteiros e oito vezes por meio expediente. Um indisciplinado, um irresponsável.”* Pergunto se o Nelson pedira autorização para sair. Sim, pedira. E eles autorizaram. Então, não há motivo para acusar. Restava apenas saber para onde ia nas suas ausências. Nelson mesmo me esclarecera: “Sou coordenador do Movimento Sem-Teto Urbano de Santo André. Lutamos por moradia. Há tempos, reunimo-nos com as autoridades da Prefeitura de Santo André e conseguimos um terreno de aproximadamente 4.000 m<sup>2</sup> para construir 80 casas em mutirão com os interessados. Não temos dinheiro para construir. Por isso, recorremos ao CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano – para a obtenção de recursos. Dentro de alguns dias, vamos assinar o contrato MSTU, Prefeitura e CDHU. Além disso, sou responsável pela distribuição de leite para centenas de famílias da minha favela, Santa Cristina. De vez em quando, tenho reuniões com os doadores para organizar algumas campanhas, como por exemplo contra a AIDS, por assistência jurídica, educação etc.” Meu comentário: Nelson é um exemplo dos membros do movimento hip-hop, que trabalham em favor da inserção social dos excluídos, de combate à violência e à marginalidade. Por esses motivos, não podia ser penalizado

*“Fala sozinho, utilizando-se de muitas gírias, um desvairado.”* A psicologia revela que um indivíduo desautorizado de uma ação se irrita e recalca, provocando a interiorização. Daí a tendência do ressentido ao monólogo interior. Nelson não é desvairado e, se fala sozinho, é por necessidade psicológica. Antes assim do que agredir os outros. E se utiliza gírias é porque é a linguagem corrente do seu meio social, pouco afeita à norma culta, uma forma de preconceito lingüístico. Os responsáveis pelo teatro e auditórios entenderam a explicação.

*“Pessoas ‘esquisitas’ o procuram, mal vestidas e com palavreado de baixa categoria.”* Nelson me explica. Pelo fato de ser coordenador do Movimento Sem-Teto Urbano, os interessados pela moradia o procuraram no local de trabalho, para pedir informações sobre a assinatura do contrato, sobre recursos financeiros necessários e sobre a organização de mutirão. Mas são pessoas honestas, trabalhadoras. “Como a visita deles atrapalha o meu serviço, orientei os interessados a evitarem procurar-me no local de trabalho”.

*“Nelson vende produtos, de origem desconhecida, possivelmente roubados, a preços menores que os do mercado. Um colega comprou dele uma agenda eletrônica ao preço de R\$ 10,00.”* Acusação delicada, não podia informar que soubera por um funcionário do teatro. Utilizei de uma astúcia: declarei que soubera dessa acusação por intermédio de um funcionário lotado em outra secretaria, cujo nome me recusei a dar. Explicação dele: “o sub-gerente de teatro dera-me sucata de metais – cobre, ferro, latão... para apurar um dinheirinho, mas com a condição de retirá-la urgentemente. Como o volume só podia ser transportado em carro, pedi a um amigo, montador de móveis de um estabelecimento comercial, para ajudar-me. Foi este amigo, e não eu, que vendeu a agenda eletrônica”, o que foi confirmado pelo comprador.

O Secretário de Cultura tinha conhecimento das acusações. No momento do despacho, dei meu parecer: Nelson foi vítima de preconceito e fagocitose social dos colegas, núcleo central das acusações que eu destruí, uma a uma. Nelson errou ao alterar-se com o guarda municipal, ao recusar-se a dar seu nome e elevar o som dos equipamentos

instalados na Casa da Palavra para um debate, o que prejudicou o trabalho da funcionária em plantão. Seriam motivos para colocá-lo à disposição do Setor da Frente de Trabalho? Sim. Sucede que também houve erros de outro lado: dos funcionários que foram movidos por preconceitos e do guarda municipal por ter insistido nas desautorizações, o que provocou ressentimentos no Nelson. E como este tem ressentimentos acumulados de negações anteriores, explodiu-se de forma inadequada. E, finalmente, expus meu parecer: como houve erros das pessoas envolvidas, menos da funcionária em plantão da Casa da Palavra, afirmei que seria injusto devolver o Nelson ao setor de Frente de Trabalho, mesmo porque correria o risco de perder a vaga. E não podia compactuar com essa injustiça. O Secretário, meu amigo particular há 51 anos, conhecedor do meu passado de lutas em favor dos humilhados e ofendidos e contra qualquer tipo de opressão, concordou. Mantenha-se o Nelson na Gerência de Teatro e Auditório. O Secretário perguntou-me sobre quais procedimentos a adotar para mantê-lo. Disse que já tinha me reunido com os responsáveis: Nelson permanece, mas sob a orientação dos gerentes e minha. Como o assunto é grave e complexo, decidimos realizar reuniões conjuntas, mesmo porque os responsáveis precisavam ser orientados para evitar atitudes maniqueístas e preconceituosas.

Este caso esclareceu-me o processo ação/desautorização/ressentimento/ reação. Tal processo funda-se no maniqueísmo e preconceito, de que resulta o fenômeno da fagocitose social – a expulsão de alguém de um contexto, semelhante a muitos casos, inclusive mitológicos e históricos. Pretendo acompanhar Nelson nas suas relações com seus colegas de trabalho com vistas à sua inserção social. Daí valer-me da pesquisa-ação. Nelson quase foi vítima de apartação social.

Quanto ao Nelson, oito meses decorridos após o caso, trabalha bem e é respeitado e elogiado pelos colegas, inclusive pelos seus superiores. Daqui a um mês vai vencer seu contrato com a Frente de Trabalho. Os próprios chefes, que o denunciaram, pediram-me que eu interviesse, junto à Frente, no sentido de Nelson ter o contrato prorrogado. Consegui a prorrogação.

Considero o caso Nelson extremamente significativo para esta obra por me esclarecer os mecanismos psicológicos de reação de um morador da periferia à desautorização.

Que lições tirar deste estudo de caso em relação à subjetividade? Nas primeiras páginas deste trabalho, apresentei-me como ser apaixonado, visceral e vulcânico – expressões da minha subjetividade. Confessei também o meu temor de que a subjetividade constituísse um risco a esta obra, pois os cânones acadêmicos recomendam a isenção emocional. Não obstante, decidi transgredir, adotando o método autobiográfico. Ao término deste estudo de caso, reconheço que a pilotei sem comprometimento. Um risco assumido: podia prejudicar esta obra. Em contrapartida, sendo exitoso, podia demonstrar que a subjetividade, bem colocada, pode tornar-se de extrema relevância e contribuir para o processo reflexivo.



## *Relações entre a Escola e a Periferia*

### *A escola na perspectiva da periferia*

---

“A criança vê a escola como uma coisa chata, o professor é agressivo, não procura saber por que ela não entende a aula. Chama-a de burra, destrói a auto-estima. Resultado: o aluno torna-se violento contra a própria escola. Se a escola despertasse o interesse, se os professores tivessem preparo adequado para dar aula na periferia, ela se tornaria mais atrativa. Introduzir o movimento hip-hop, por exemplo. Um fato: crianças que nunca entraram na escola do bairro Cata Preta e só permaneciam ao redor, entraram pela primeira vez e ficaram o dia inteiro com os alunos e outros amigos da favela, quando da realização de hip-hop, ouvindo o rap, vendo o break e fazendo grafite. Foi uma festa e, naquele dia, não ocorreu um ato de violência na favela. Era só alegria. O hip-hop despertou interesse, encantou a escola”. O entrevistado, que me relatou este fato, levou-o ao Primeiro Congresso de Crianças e Adolescentes, realizado em 2000, no Teatro Municipal, pela Secretaria de Educação de Santo André. Defendeu o projeto de que as escolas deveriam promover oficinas do movimento hip-hop e que os professores e os diretores deveriam entender esse movimento para se comunicarem melhor com a periferia. Esse entrevistado confessou:

“Tenho auto-estima, sou uma referência na minha comunidade, conhecido, não apenas pelos jovens, como pelos adultos, pois tive um programa na rádio comunitária. Divulgava as notícias, avisava as donas de casa da distribuição de leite oferecido pela Secretaria de Estado da Agricultura, da verdura oferecida pela CRAISA, Companhia Regional

Integrada de Alimentos de Santo André, recomendava evitar o uso de drogas, dizia dos perigos da prostituição, da violência contra as mulheres, contra as crianças, dos perigos da bebida. Funcionários, professores e diretores deviam ouvir as rádios comunitárias. Desempenhamos funções educacionais e eles ignoram. Se sabem, não utilizam as rádios comunitárias. Ao contrário, desprezam. No entanto, ela é muito ouvida, mais do que as rádios comerciais, de grande alcance. É porque os programas tratam de assuntos da comunidade. Claro, tudo isso intercalado com notícias do hip-hop e rap, sobretudo. Utilizava a linguagem da favela, por isso me entendiam. Assim iniciava: ‘Aí, mano, é o programa Black Total que tá no ar e vamos rolar só pauleira para ouvir. Falou, mina? Falou, mano?’ O poder público deveria estimular a criação de novas rádios comunitárias na periferia. E se os professores e os diretores de escolas utilizassem, dariam uma abrangência maior à sua ação educativa”.

Outro entrevistado não teve a mesma sorte porque o dono de outra rádio comunitária tinha preconceito contra o rap por falar da realidade da periferia. Ele queria uma rádio para a “sociedade”. Começou a ditar regras, a exigir o pagamento da hora do programa. Não tendo como pagar, o locutor abandonou o programa.

“Ainda sobre escola” – confirma outro entrevistado – “ela está tão ruim que os jovens não sabem porque são obrigados a freqüentar. Perda de tempo. O movimento hip-hop poderia colaborar, mas os professores têm medo da periferia. Por medo de perder o controle, diretores e professores impedem o movimento no cotidiano das escolas; grêmios estudantil ou qualquer forma de organização estudantil não tem vez. São desestimulados. E, no entanto, querem que os jovens e seus pais pintem o prédio, façam a limpeza. Não é contraditório? Sim, os jovens precisam da escola, mas a escola precisa dos alunos. Professores e diretores não entendem essa relação solidária. Agem autoritariamente, não sabem dialogar. Não entendem por que bombas explodem nos banheiros e nas salas de aula. São protestos contra o autoritarismo. Não é possível que todos os professores sejam insensíveis” – acrescenta. “Deve haver quem entenda o movimento. Sim, há, mas são poucos. Devia haver mais”. Cita a coordenadora pedagógica Sonia Silvério Pereira, da E.E. Carline Caçapava de Mello e a diretora Liberaci Maria de Oliveira da E.E.

Aristides Greve e o diretor José Dagmar, da E.E. Visconde de Taunay e a diretora Maria José do Socorro, da E.E. Rubens Moreira da Rocha, “ela canta rap. Um dia, subiu no palco, cantou um rap, valorizando a escola: ‘você que cola e pensa que vai sair da escola, tá errado mano...’ Foi muito aplaudida, os alunos identificaram-se com ela. Excelente diretora. O Dinho estuda com ela. Citei apenas profissionais de ensino das escolas onde estudei. Deve haver outros. Eles se distinguem de outros professores. A maioria só declara que ganha mal e, por isso, não se empenha no magistério. São poucos os que afirmam que se dedicam por amor”.

Então a escola não significa muito para o jovem da periferia? – pergunto. “Estudar para quê, para ganhar dois salários mínimos? Que incentivo tem para o estudo o aluno que vê o ladrão descendo da favela, de Omega, o traficante com moto nova. Ganham dinheiro fácil, rápido, vendendo droga. Então, ir à escola para quê? Gastar condução, lanche, se tem a alternativa de ser traficante, olheiro, ter mulheres. Acordar às 6 horas da manhã, ter meia hora de almoço, comer comida fria na marmita, voltar às 8 ou 10 horas da noite, tomar banho, comer (caso tenha comida) e dormir. Além disso, a escola não sabe dialogar com a comunidade. Só falam em globalização, internet, a que a periferia não tem acesso. Não se preocupam com a linguagem do jovem. O professor obriga o aluno a ficar sentado, quietinho, e o jovem não quer nada imposto, não quer ser tratado como mais um dentro da sala de aula; quando quer participar é tesourado, quando quer montar o grêmio é impedido. Só há proibições, espaço pequeno de movimento e de pensamento. Irritado, se manifesta, jogando bomba no banheiro, quebrando carteira. É preciso rever a metodologia de ensino. Querem dobrar o jovem da periferia, fazê-lo obedecer. Na base do autoritarismo, não conseguirão. O jovem é rebelde por natureza, independentemente da classe social. O hip-hop é uma proposta pedagógica assentada no movimento, na liberdade, na alegria, na informação, na história e na arte. Sabemos construir versos, compor músicas, dançar. Nossos versos não têm rima, mas têm ritmo, cadência, expressam som e pensamento, vêm lá do fundo da alma, das nossas experiências, carregadas de negatividade, como nas palavras frequentemente usadas, como luto, tumba, túmulo, defunto, moribundo” (observem a frequência da vogal u nas palavras que lembram a

morte). “Mas aspiramos a libertação e esta só é possível através do entusiasmo, da alegria, da esperança que supõe também a anarquia. Sim, nossos versos são anárquicos, carregados de um profundo sentido que busca a vida, embora falemos muito da morte e da opressão. Apelamos ao contraste, vida e morte, alegria e tristeza, liberdade e opressão. Pena que os professores não percebam o significado dos nossos versos. Eles foram superados pela rua, pela história. Estão ainda naquela de que a educação só se dá no interior das escolas. Bobagem. A educação está nas ruas, nas praças e até nos bares, onde não apenas se bebe, mas também se compõem versos e músicas. Preconceituosos, os professores só vem vandalismo no hip-hop, mas o movimento tem conteúdo, responsabilidade, tanto é verdade que ensinamos aos jovens o rap, o break, o grafite, o DJ, o MC e, através desses ensinamentos, queremos elevar os níveis de consciência da garotada. Quando a escola vai sensibilizar-se pela nossa causa? Ao menos mantemos bom diálogo com os produtores culturais, os animadores culturais. Recebemos apoio da Secretaria de Cultura de Santo André. A escola precisa ser espaço de convivência, onde os moradores marquem presença. Mas não, os professores rejeitam o modo de falar da periferia e, então, reprimem. São cegos e surdos, pois 70% dos alunos apreciam o movimento hip-hop. Dão aula fora da realidade. Exemplo: Maria ganha de seu pai cerca de R\$ 10,00 para comprar merenda na escola. Gastou R\$ 8,00. Quanto sobrou? No moleque que passa necessidade, porque os pais estão desempregados e sem dinheiro, e não pode comprar, isso gera mal-estar, revolta. Cai no contrabando, no tráfico, vende crack, cocaína. E, então, surgem facções perigosas na escola como o PCE – Primeiro Comando Escolar, à maneira do PCC – Primeiro Comando da Capital, que age nas penitenciárias. O PCE é composto de estudantes, quer o domínio da escola, ali o líder é o rei, manda e desmanda. Enfrentam o professor, o diretor e a polícia, quando esta vai lá, e têm apoio de muitos colegas porque vendem drogas na escola. A escola não me significa nada, sou muito rebelde, fui expulso de escolas umas quatro vezes. Primeiro, do Casquel, no Jardim do Estádio; depois do Carvalho Terra; do Adib Chamas; e agora estou no Pignatari”. E comenta: “O PCE é um perigo, está se impondo em algumas escolas de São Paulo. É preciso combater, antes que se estendam suas raízes. Não gosto de estudar. Mas quero que meus filhos estudem. Vale a pena?”

*Entrevistas com professores*

---

Paradoxalmente, tive dificuldades em entrevistar professores da periferia, da rede estadual, a respeito da violência. Inicialmente, a recusa: “Sinto-me desmotivada para falar do assunto, estou cansada, vivo penosamente na escola, indisciplina dos alunos, quando não a violência. Quero esquecer”. Ou: “Cumpro minha tarefa, terminada a aula, adeus escola. Amanhã, outro suplício, não suporto mais o meu trabalho”. Ou: “Tenho problemas de relacionamento com a diretora, com os colegas e, para coroar a minha frustração, os alunos são indisciplinados”. Ou: “Baixo salário, péssimas condições de trabalho, não vale a pena ser professora”. Ou: “A escola é a vala comum, onde a sociedade despeja seus lixos sociais – a violência, o desemprego, a fome, a baixa auto-estima. Muita crise”.

Surpreendido com estes comentários, não sabia o que dizer. A que atribuir as causas da recusa? – pensei. E murmurei, baixinho, para mim mesmo: a síndrome de burnout.<sup>39</sup> “O quê?”, perguntou a última professora. Só então percebi que tinha murmurado em tom audível – a síndrome de burnout. E expliquei: a síndrome de burnout atinge o trabalhador, quando ele perde o sentido da sua relação com o trabalho, todo esforço lhe parece inútil. Essa síndrome atinge, sobretudo, profissionais da área de serviços, particularmente, os profissionais de ensino e da polícia. “Como assim?” – perguntou-me. É a falta de envolvimento pessoal no trabalho, decorrente da exaustão emocional. O professor percebe esgotada a sua energia para o trabalho, sente-se incapaz de dar de si mesmo aos seus alunos. “É sinônimo de *stress*?” É mais do que isso, é um sentimento de impotência, de incapacidade pessoal para realizar um trabalho com o qual tanto sonhou. Este perde o sentido.

Como aos outros professores, entreguei meu cartão de visita a esta professora. Alguns dias depois, toca o telefone. Era ela: “Lembra-se de mim? Sou aquela professora, a quem o senhor explicou a síndrome de burnout. Falei com minhas colegas a respeito e mostraram-se interessadas. Poderia receber-nos?” Marcamos o local, dia e horário. E lá estávamos conforme combinado. Vieram 5 professoras. Todas estavam infor-

---

39. Codo, Wanderley (coordenador). *Educação: Carinho e Trabalho*. Conte/UMB/ Psicologia do Trabalho, Editora Vozes, 1995, pg. 237 e segs.

madras da minha pesquisa sobre o movimento hip-hop. Tive o cuidado de levar meu exemplar do livro *Educação: Carinho e Trabalho*. Inicialmente, expliquei-lhes a síndrome de burnout e suas conseqüências negativas sobre a educação. A seguir, como numa polifonia a cinco vozes, deram-me a seguinte entrevista:

–“A educação está em crise. Isso é visível nos prédios escolares. Paredes com pichações, muros e janelas detonadas, salas de aula imundas, carteiras em péssimo estado de conservação, equipamentos audiovisuais roubados, automóveis de professores riscados, pneus furados, sacos de merenda escolar furados e alimentos esparramados pela despensa, vasos sanitários estourados com bombas caseiras. Sinais de vandalismo por todos os lados. Prédios assim degradados convidam para mais atos de violência. Alunos, professores e funcionários sucumbem a estas dilapidações e têm baixa auto-estima. Gangues juvenis invadem o pátio, fazem narcotráfico, alunos formam bandos, freqüentemente rivais, brigam entre si, trazendo transtornos. Usam o banheiro para fumar maconha. Ambiente de degradação. Ninguém se sente seguro. A imprensa noticia diariamente atos de violência em diversos municípios da Grande São Paulo. Em Santo André, quase morre uma professora, Aparecida Maria dos Santos, baleada nas costas, em sala de aula. E na E.E. João Batista Martins, no Jardim Represa, também em Santo André, três professoras foram assaltadas na porta da escola por um aluno matriculado. Não há segurança, os portões estão permanentemente abertos e sem funcionários para vigiar. Alunos entram e saem, cabulam aulas e se envolvem com pessoas indesejáveis que exercem má-influência. Casos de desacato a professores são freqüentes. Alunos portam armas de fogo. Pequenos desentendimentos provocam atos violentos. Não se dialoga, trocam-se tapas. A palavra é substituída por gestos de agressão. Naturalizamos a violência a ponto de banalizá-la, o que impede a prática de solidariedade”.

Pergunto: desde quando, a escola tornou-se violenta?

–“Desde quando ingressei no magistério, há 15 anos, já havia. Mas o problema agravou-se nestes últimos 6 ou 7 anos, quando a Secretaria de Estado da Educação empreendeu a divisão entre os estudantes de 1ª a 4ª séries e de 5ª a 8ª séries. Alunos de bairros diferentes matricularam-se em todas as escolas, sem vínculo com a comunidade. Essa mistura ge-

rou conflitos. Outro fato que agravou o problema foi a extinção do Baneser (Banespa S.A. Serviços Técnicos), que permitia a contratação simplificada de inspetores e de agentes de segurança para as escolas. Com a extinção do Baneser deixou de existir a figura do segurança”.

Mas há estatísticas para provar a escalada da violência nas escolas? – pergunto.

– “Existe, só que é feita pela Secretaria de Estado de Segurança Pública. Mas o número não é confiável, pois a Secretaria de Estado da Educação proíbe divulgar os casos policiais. Por causa dessa proibição, uma colega minha que teve o carro depredado não fez o registro de BO – Boletim de Ocorrência, optando por chorar. Há um sentimento generalizado de impotência. Bobagem a proibição. Há de se reconhecer, objetivamente, a existência de violência nas escolas. A partir desse reconhecimento, será possível tomar medidas objetivas. Sim, reconhecemos que há um mal-estar em relação à escola vigente”.

Ótimo – eu comento. O reconhecimento desse mal-estar tem duas qualidades: a primeira, de assumirmos o mal-estar em vez de postergá-lo; a segunda, é um chamamento ao exercício do magistério com responsabilidade. Assim sendo, proponho a seguinte questão: os moradores da periferia denunciam os professores por não estarem preparados para o magistério na periferia.

“Especifique melhor essa crítica. É muito vaga” – comenta uma professora.

Dou o seguinte exemplo exposto por um membro do movimento hip-hop. Maria ganhou, de seu pai, R\$ 10,00 para comprar merenda na escola. Gastou R\$ 8,00. Quanto sobrou? O moleque da periferia, que passa necessidade porque os pais estão desempregados e sem dinheiro, sofre um mal-estar diante da questão proposta.

– “É verdade, a coordenadora pedagógica já nos orientou para evitar questões semelhantes. Humilha o pobre e gera uma situação de mal-estar, frustra. Adolescente pode cair no contrabando, no narcotráfico para ganhar dinheiro. É possível construir outros exemplos mais felizes de cálculo”.

Outro exemplo. Uma classe de ensino fundamental. Nela, estudam duas crianças, um negrinho e um branquinho. O negrinho está na sua carteira,

aplicado no seu estudo: escreve no caderno. Aparece o branquinho, rabisca o caderno do negrinho, este reage, gerando tumulto. A professora que estava de costas, escrevendo no quadro-negro, vira no instante em que o negrinho dava um safanão. Qual foi a ação da professora?

Os cinco professores, presentes à reunião, discutem. “A professora penalizou o negrinho porque este foi flagrado dando um safanão. Mas ela estaria certa? Não. Deveria antes saber dos antecedentes! Mas nós agimos assim, instintivamente. Não temos o hábito de investigação. Falta-nos a racionalidade nessas situações. Quantas vezes nossos pais agiram assim diante da briga com nossos irmãos. E se éramos penalizados, quando a culpa era do irmão, ficávamos furibundas com nossos pais, acusando-os de injustos. E o que mais irritava era o riso cínico do meu irmão. Qual foi a ação da professora?” – pergunta uma professora.

A professora, ao invés de indagar sobre os antecedentes e ouvir as partes, aplica uma penalidade no negrinho. O branquinho age, o negrinho reage e é penalizado. É verdade o que disse a professora em relação ao incidente envolvendo os pais e os irmãos. Mas, no caso da escola, há outro componente: a negritude. A professora podia não ter preconceito de cor, mas foi dessa maneira que o negrinho entendeu. Como sei? Porque entrevistei esse negrinho outro dia, já moço. E ele declarou: “assim é a nossa vida, vítimas de preconceito, e isso gera ressentimento e o ressentimento vai se acumulando ao longo da vida, a ponto de não suportarmos e explodirmos de forma inadequada. E somos tachados de violentos. É isso que os professores e os policiais não entendem: nossas ações são reações a provocações”.

Os moradores da periferia, geralmente negros, mulatos e pardos, acusam os professores de manter preconceito em relação a eles. E isso gera baixa auto-estima, comento.

–“Mas eles mesmos mantêm preconceito entre eles. A mulher negra é duplamente vítima de preconceito. Por ser mulher e por ser negra. Daí a preferência por namorar rapazes brancos. Esta, então, é tida como traidora da raça. E nos acusam de preconceituosos! Somos duras com os alunos indisciplinados, independentemente da cor e do gênero. Por que,

então, nos acusam de preconceito? São cheios de suscetibilidades. Magoam-se facilmente, embora não confessem. É difícil nos relacionarmos com eles, mesmo porque muitos deles têm preconceito contra brancos, contra professores, consideram-nos uns ‘chatos de galocha’, só porque temos de cumprir o programa de ensino”.

Mas eles mesmos afirmam que não basta aprender a ler, a escrever e a contar. Por que vocês não ensinam solidariedade? – indago.

– “Mas eles são solidários com a gente, com os colegas? A gente cansa de pedir silêncio, disciplina, eles atendem? Formam grupinhos em sala durante a aula, saem a hora que querem para o pátio na maior liberdade, atendendo alguém que chama, mesmo que não seja aluno do colégio. As alunas também já aderiram a esse *fuzuê*, bem como alunos brancos. Como é possível ser solidário com eles? O sistema de avaliação é falho – a tal aprovação automática. A recuperação é uma farsa. Você dá prova, ele entende? Lê palavras, mas entende o sentido? Sabe fazer a inteligência de texto? Não se nega, há alunos bons, querem aprender, dão alegria, mas é uma minoria. A maioria não se interessa, cansa. É elevado o nível de violência. Se advertimos, se penalizamos, ameaçam-nos. O carro é a grande vítima, riscam, furam pneus. Chegam a jogar carteira no carro, para não dizer pedras. Silenciamos muitas vezes para não agravar a situação. Esse é o mal, temos medo. Entregamos os pontos. É aquilo que o senhor chama síndrome de burnout, a síndrome da desistência do educador que pode levar à falência da educação. O que fazer?”

Sim, o que fazer? – pergunto.

– “Implantar a cultura de paz e não-violência proposta pela UNESCO” – há uma ponta de ironia na voz da professora. “Belo discurso, solene – como tudo que vem da ONU. Quais os princípios? Aprendemos numa reunião de coordenação pedagógica. Quais os princípios? Citam: respeitar a vida; rejeitar a violência; ser generoso; ouvir para compreender; redescobrir a solidariedade. Falta mais um princípio, (e todas, num esforço de recordação): preservar o planeta. Belo, belo, parece manual de escoteiro. Mas como implantar? Não nos ensinaram. É um trabalho hercúleo, sinto-me impotente. Estamos num mato sem cachorro.”

Silêncio prolongado.

Arrisco a seguinte análise. Vocês lembraram: ouvir para compreender. O que significa este princípio? A defesa da liberdade de expressão e o respeito à diversidade cultural, à diferença, privilegiando a escuta e o diálogo. E o diálogo se faz com palavras. E sabe o que é a violência? É o resultado da palavra enclausurada. Portanto, o combate à violência passa, necessariamente, pelo uso inadequado da palavra. Daí a importância do diálogo. E o diálogo, segundo Mikhail Bakhtin<sup>40</sup>, é uma polifonia, isto é, um conjunto de diferentes vozes instauradas num discurso. Essas vozes polemizam entre si, se completam ou respondem umas às outras. Na polifonia, a fala de um pressupõe a fala do outro. Paulo Freire construiu uma frase lapidar a respeito: “É preciso aprender a dizer suas próprias palavras”. Para Jacques Lacan, a cura está nas palavras.

“O problema é que não fomos educados para escutar.”

E nem para olhar. Realizou-se, na França, uma pesquisa, há alguns anos, que revelou: 83% da aprendizagem se faz através do olhar e do escutar. Portanto, o olhar e o escutar são importantes para a educação. Ambos os sentidos, como os demais, exigem a abertura holística. E abertura holística significa entrar na relação com a totalidade do outro. Significa, também, respeito e sensibilidade para com o outro-que-escuta. A escuta sensível é mais do que a audição, é mais do que a soma dos cinco sentidos. É estar em repouso, é o equilíbrio do corpo e do espírito. É uma presença meditativa, segundo René Barbier.<sup>41</sup> Para chegarmos a este estágio de desenvolvimento, é preciso nos livrarmos do entulho interior – preconceitos, estereótipos e etnocentrismos que nos conduzem à discriminação, à fagocitose social, ao conflito. O resultado, depois dessa limpeza interior, é a realização da unidade do ser, de que resulta a serenidade diante das tormentas da existência. É possível alcançar esse estágio de desenvolvimento? Sim, eu alcancei. Foi dessa maneira que superei a minha síndrome de burnout.

–“Mas como é possível desenvolver a escuta sensível nas escolas se estas são dominadas cada vez mais pelas tecnologias midiáticas?” –

40. Bakhtin, Mikhail – *Marxismo e Filosofia da Linguagem* – Editora Hucitec, SP, 1999.

41. Barbier, René. *A Escuta Sensível na Abordagem Transversal*, in Barbosa, Joaquim Gonçalves (Organizador). *Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação*. Editora UFSCAR, 1998, pg. 168 e segs.

pergunta uma das professoras.

Você levantou uma questão fundamental da atualidade educacional. Por enquanto a simples introdução dos meios e das tecnologias midiáticas na escola não garante sua eficiência, ao contrário, pode ser uma forma enganosa de ocultar problemas de fundo sob o manto da modernização tecnológica. Por isso, estamos atentos para um novo campo de intervenção: a educomunicação.<sup>42</sup> Mas quais os problemas de fundo? A ética, o interculturalismo e os temas locais... Eles constituem os temas transversais sugeridos pelos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais. A ética procura responder à pergunta: como agir perante outros? Os temas locais se referem a temas específicos de uma realidade, de uma região, de uma cidade ou de uma escola. O multiculturalismo é o reconhecimento da existência de diversos grupos étnicos e culturais que não querem desfazer-se de suas raízes, de suas origens. É a pluralidade de vozes desses grupos. O interculturalismo defende a diversidade cultural como uma forma de ampliar o acervo de conhecimentos da humanidade. O interculturalismo, quando distante do etnocentrismo, ensina a empatia, a capacidade de ver uma realidade com os olhos do outro, reconhecer o outro em si mesmo e de reconhecer a si mesmo no outro, mas sem perder o direito à diferença.

–“Então, o interculturalismo é uma condição (pano de fundo) para superar o preconceito, o estereótipo, a discriminação?” – uma professora indaga.

Não só, mas também. A ele devem agregar-se a ética, a autonomia do indivíduo aprendente e a pedagogia institucional através da qual se explicitem normas e regras autonômicas, portanto, que não sejam heteronomicamente impostas. A pedagogia institucional, não visa a mera obediência, a submissão a uma autoridade, mas a percepção de que segui-las é uma forma de respeito ao coletivo e de exercício de liberdade, visando ao bem comum.

–“É, temos muito a aprender. Visto dessa maneira, da perspectiva da

---

42. Soares, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: As perspectivas do Reconhecimento de um Novo Campo de Intervenção Social*. Revista Científica do Centro Universitário Nove de Julho Eccos, 2000, pg. 61 e segs.

ética, do interculturalismo, da autonomia e da empatia” – confessa uma professora – “não sei lidar com a periferia”. E outra complementa: “os moradores da periferia também não”. E ainda outra complementa: “é preciso buscar a terceira via”.

Em que consistiria essa terceira via? – pergunto.

–“Não sei. Como disse o poeta Antonio Machado: o caminho se faz ao caminhar. Dizem que o movimento hip-hop é um caminho, porque prega a solidariedade” – foi uma das respostas.

Então se estabeleceu a polêmica:

–“Que nada, vi alunos depredando a própria escola, fazendo arruaças, passando fumo, fumando. Não sei se pertencem ao movimento. Além disso, exaltam a violência, o narcotráfico. Têm preconceito com meninas no movimento. Convivem com os traficantes, gente perigosa”.

Vocês conhecem o movimento hip-hop? – pergunto. Suas linguagens? Seus objetivos? Os estilos de rap?

“Não” – foi a resposta. “Só ouvi dizer”. E outra: “uma vez, eu vi e ouvi o movimento na E.E. Aristides Greve. Aliás, Takara, você estava lá. Agora me lembro, fomos apresentados há uns 4 anos. Você está bem? Eu estou, e você?” (gargalhadas). E outra professora diz: “o rap não me diz nada. Prefiro o rock.”

Se não conhecem, estão prejudgando, o que é um erro. É necessário primeiro conhecer para depois julgar. Querem ouvir? “Sim”. E contei, resumidamente, a história da minha pesquisa, desde como me aproximei do objeto até o estágio atual da pesquisa com ênfase ao estilo rap positivo, que prega a solidariedade, não apenas através de discurso, mas também, e sobretudo, de ações, até chegar ao assassinato do Gilmar, vítima do narcotráfico só porque, no seu programa da rádio comunitária, orientava os jovens a evitar o consumo e o tráfico de narcóticos. E os adeptos do rap positivo estão com medo de ser mortos. Quantos de nós nos expomos ao perigo por uma causa? Eles não merecem nosso apoio? Rousseau, muito citado nos livros sobre desobediência civil e da não-violência, afirma: “Todo homem dispõe do direito de arriscar sua própria vida para conservá-la”.

–“Não apenas eles devem conservar a vida, mas também nossos alunos.

É possível convidar membros de um grupo de rap positivo a apresentar-se em nossa escola?” Sim, é possível. Mas uma professora, prudentemente, advertiu que é necessário pedir autorização da diretora. E eu fiquei de consultar o Fábio Feter, do Sistema Racional, se aceitaria o convite.

### *Entrevistas com diretores*

---

Entrevistei 3 diretoras de unidades escolares diferentes, situadas na periferia, da rede estadual, conjuntamente, de modo que uma complementasse a informação de outra. Aconteceu na sala de trabalho de uma delas. Houve resistências iniciais em virtude de tratarem, diariamente, de casos de violência. Mas aquiesceram em conceder entrevista na esperança de troca de experiências. Estavam chocadas com o assassinato de uma colega de uma unidade situada em São Paulo pelo fato de ela ter se oposto a uma gangue que desejava continuar a fazer narcotráfico no interior da sua escola e de cobrar pedágio de alunos na rua.

–“Hoje, ser diretora é assumir risco, pois recebemos muitas ameaças” – informa uma diretora. “A taxa de violência está se agravando desde a década dos 80 e assumindo diversas formas, desde a depredação do patrimônio público, passando pela violência simbólica, até chegar à eliminação física. Estamos com medo. Antes, pensávamos que esses atos eram praticados por elementos estranhos, moradores do bairro, sem qualquer vínculo com a unidade escolar. Hoje, nossos próprios alunos agridem. Não há proteção policial. Queremos a gestão democrática, uma escola mais aberta e menos autoritária. Chegamos a abrir a escola para a comunidade até em fins de semana e o problema se agravou. Não temos funcionários e professores dispostos a colaborar. Voluntários? Não apareceu um. A escola tornou-se espaço do crime organizado. É um problema de segurança pública. Mas as Secretarias de Educação e de Segurança não se entendem. Somos criticadas como autoritárias, mas como deixar de ser? E nos acusam de estimular agressões. Não sabemos o que fazer, a violência está presente tanto nas escolas tidas como rígidas, como naquelas tidas como permissivas. A escola tornou-se re-

fém do crime organizado e espaço de disputa entre grupos rivais. É uma minoria, é bom que se diga, mas que prejuízo traz à educação! Os pais de alunos sentem-se impotentes e ameaçados e, por residirem no bairro, têm medo desses bandidos. Professores, alunos e funcionários vivem tensão diante da banalização da violência. Daí a evasão escolar.”

Indago se a segurança pública, com presença de policiais, seria a solução.

–“Ajudaria, mas não seria suficiente. Temos problemas internos, com o cenário de depredação e de sujeira e, por mais que se faça a manutenção do prédio e o seu entorno, sempre acontecem pichações. Entregue o prédio, pintado, no início deste ano, já no dia seguinte havia pichações. O que fazer? Além disso, há agressões físicas e violência simbólica, verbal, tanto da parte dos alunos como dos funcionários e dos professores, estabelecendo um círculo vicioso. A verdade é que a violência escolar é um reflexo da violência social, visível em toda a sociedade. O problema se agrava quando faltam professores. Tentamos distribuir os alunos por diversas salas, mas eles se recusam a assistir à aula, preferem ficar nos corredores e nos pátios, fazendo algazarras, o que contamina os alunos em aula. E, à noite, quando há o apagão, isto é, a interrupção de fornecimento de energia elétrica, a escola vira um pandemônio.”

Mas não há formas de sociabilidade como sinais de esperança?

–“Há, sim, da parte dos alunos interessados pelo aprendizado, pela identidade pessoal. Tentam organizar festas, eventos, visando a aproximação como forma de sociabilidade, tão típica da adolescência e como um contraponto à onda de agressões. Mas acontece a invasão de baderneiros que põem tudo a perder. Então se estabelece uma relação maniqueísta, os bons de um lado, os maus de outro. Essa justaposição não leva a nada, ao contrário, é uma fonte permanente de tensões. A verdade é que ‘os bons’ se calam, se afastam, visando evitar conflitos, e ‘os maus’ ampliam seus domínios. Precisamos de uma terceira via que conduza os alunos à aproximação, para superar a onda de violência.”

Em que consistiria essa terceira via?

–“Os PCN propõem a terceira via quando se referem a temas transversais, sendo a violência um deles. Orientam para a consecução da participação, igualdade de direitos, dignidade da pessoa humana, a co-

responsabilidade pela vida social. Tudo lindo enquanto proposta teórica. Mas como alcançá-las? Este é o problema: como? O Estado não oferece condições. Tudo é moroso, excesso de burocracia. Estamos convencidos de que as disciplinas tradicionais – Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências – não são suficientes para gerar no aluno o sentido da justiça, da generosidade e da solidariedade. Daí os temas transversais. Aquelas disciplinas não abordam os temas da violência, de preconceitos, de etnocentrismo, de pluralidade cultural. O problema da violência é extremamente complexo e ousado afirmar que a escola não muda a sociedade, ela sozinha. Ela pode e deve partilhar de um projeto mais amplo, envolvendo toda a sociedade e o poder público, através de esforços da educação, segurança, inclusão social, desenvolvimento econômico, desenvolvimento urbano, da cultura, esportes e lazer em níveis da União, do Estado e do Município. Educar é um ato político, visando à democracia. Para isso, é preciso compreendermos e fazermos a crítica da realidade, ao invés de tratá-la abstratamente. Sabemos também que erradicar a violência escolar não é uma tarefa fácil, mecânica, pelo simples fato de a criatura humana ser imprevisível, complexa e mutante. É uma urgência social a redução da violência escolar. Resta o problema: o que fazer para superar?”

Do que expuseram, concluo que há o enclausuramento dos gestos e das palavras.

–“Sim, a começar pelo silêncio imposto, para não dizer proibição, pela Secretaria de Estado de Educação em não divulgar os atos de violência contra o patrimônio e contra pessoas. Por isso, neste terreno pantanoso, temos de administrar com muita cautela os desejos de denúncia e de divulgação. Nós e os alunos enclausuramos palavras, substituindo-as por gestos de incivildade. Incivildade é aqui concebida como uma série de práticas cotidianas expressas nos pequenos delitos, na falta de polidez, nas agressões verbais, na violência simbólica, na desordem que se opõe ao processo civilizatório.”

– Vocês, respondendo a uma pergunta, afirmaram que há formas de sociabilidade como sinais de esperança. Conhecem o movimento hip-hop?

–“Vagamente. O movimento é polêmico: há quem afirme que ele exalta

o narcotráfico e a criminalidade e outros que dizem que ele prega a justiça e a solidariedade. Sei de diretores, coordenadores e professores que ousaram apresentar show de hip-hop nas escolas que dirigem. Para uns, deu resultado positivo; para outros, não.

– Diante da polêmica estabelecida, por que não realizar uma experiência, permitindo que os membros do movimento hip-hop se apresentem no pátio de suas escolas?

Ficaram receosas. Precisam consultar as autoridades superiores. Afirmei que o movimento hip-hop, estilo positivo, prega a solidariedade, o diálogo, o respeito mútuo e a justiça – valores constantes do PCN, relativos a temas transversais.

Ficaram de estudar.

Antes de terminar a entrevista, uma das diretoras frisou que “o problema da violência se aninha na própria sociedade e a escola é apenas um reflexo do problema. E este problema não é apenas brasileiro, é mundial. Haja vista o que acontece nos Estados Unidos, onde alguns matam colegas e professores”.

–“De qualquer forma, há a necessidade de requalificação dos professores face ao problema da violência” – acrescenta outra diretora. E não deve fixar-se apenas ao conteúdo, ênfase à gramática normativa, às leis da física e às fórmulas da química, à memorização de datas e nomes de personagens históricas. Uma iniciativa elogiada foi a implantação da rede Parceiros do Futuro: escolas são abertas para atividades esportivas, lazer, curso de informática, palestras sobre drogas, violência, gravidez. Mas essa rede é pequena e naufraga na imensidão dos problemas”.

Outra diretora reconhece que “há um problema grave no ensino público: muitos estudantes não compreendem o que lêem. Este problema é antigo, mas agravou-se com o sistema de progressão continuada, segundo o qual, o professor é obrigado a aprovar alunos incapazes para inteligência de textos que só podem ser retidos na 4ª e 8ª séries. Essa incapacidade reduz a auto-estima, o que provoca a evasão escolar e a exclusão social”.

## *Analisando o ponto fulcral*

Chegamos ao ponto fulcral desta obra. Pelo exposto nas páginas anteriores, nota-se que o movimento hip-hop se funda numa contradição. Ao mesmo tempo, em que respeita as diferenças e a alteridade – a capacidade de reconhecer o outro em si e de se reconhecer no outro, mantém preconceitos em relação aos boys brancos, às mulheres e às escolas. Nem todos os membros do movimento. Os mais lúcidos alertam e combatem esse preconceito. Colocada nestes termos, o respeito às diferenças é amortecedora de conflitos numa sociedade de classes, marcadamente caracterizada por desigualdades sociais.

Entrevistei também professoras e diretoras de escolas da rede estadual, estabelecidas na periferia. Muitas percepções diferentes, outras contraditórias, sobre a ação educacional. Confesso que estou com dificuldades de analisar, submetido à pressão de duas idéias contrárias e ambas me parecem verdadeiras. Estou naquela situação descrita por Edgar Morin no seu livro autobiográfico: “tenho, ao mesmo tempo, o sentimento de irredutibilidade da contradição e o sentimento de complementaridade dos contrários”.<sup>43</sup>

### *A irredutibilidade das contradições*

---

Consideremos, primeiro, a irredutibilidade das contradições. Os jo-

---

43. Morin, Edgar. *Meus Demônios*. Bertrand Brasil, 1997, pg.47.

vens da periferia e as professoras (e as diretoras) se vêem antagonicamente. Os jovens vêem a escola como uma coisa chata, o professor é agressivo a ponto de destruir a auto-estima dos alunos. A escola não desperta interesse; os professores são despreparados. O tempo de aula é um tempo perdido. Só há restrições ao espaço de vida. Sua palavra é reprimida. São autoritários, não sabem dialogar. As bombas detonadas nos banheiros são protestos contra o autoritarismo (desconexão). O discurso vai nesse diapasão. Paro aqui a fim de evitar a repetição.

Por sua vez, professoras e diretoras acusam os jovens de picharem a escola, de estourarem vasos sanitários, riscarem seus carros, entrarem e saírem da sala de aula a todo momento, apontam gangues juvenis (formadas também por alunos), narcotráfico, porte de armas. São indisciplinados. A escola tornou-se refém do crime organizado e espaço de disputa entre grupos rivais. Não compreendem o que lêem. Não dialogam, trocam tapas. Ser professor ou diretor é correr riscos. E não há proteção policial. Tudo isso provoca a síndrome de burnout.

São antagonicos os depoimentos. Enquanto as partes permanecerem irredutíveis em seus pontos de vista, não resolverão os problemas, ao contrário, agravarão, pois seus julgamentos estão sedimentados, senão enrijecidos pela repetição. E as escolas estão petrificadas na sua estrutura formal e no funcionamento. É um diálogo de surdos (desconexões).

É possível mudar essa realidade? Sim, desde que haja um certo grau de permeabilidade. O pensamento complexo nos alerta que devemos considerar todos os ângulos de um problema. E, no caso escola/periferia, há esse grau de permeabilidade? Sim, basta reler as entrevistas e analisar atentamente.

Consideremos, agora, a complementaridade dos contrários.

### *A complementaridade dos contrários*

---

Da parte dos jovens do movimento hip-hop há o desejo de colaborar na

valorização da escola e no combate à violência. Gostariam de apresentar o movimento no pátio das escolas, convencidos de que a arte e a cultura são caminhos alternativos para a solução, se conjugadas à educação. Os jovens precisam da escola e a escola, dos jovens. Citaram, nominalmente, professores, coordenadores e diretores, de diversas escolas, de quem os alunos se aproximam através do movimento. Entendem-se.

Da parte das professoras e das diretoras, o simples fato de concederem entrevistas já é um sinal significativo de abertura. Sentem a necessidade de mudanças, convencidas de que há algo errado no alunado e no corpo docente. Reconhecem que há um mal-estar na escola. Tal reconhecimento tem duas qualidades: a primeira, de assumir esse mal-estar em vez de postergá-lo; a segunda, é o chamamento ao exercício do magistério com responsabilidade. Reconhecem não apenas a existência de problemas, mas que também são partes integrantes dos problemas. Admitem que enclausuram a palavra dos estudantes, mas eles também enclausuram as suas. Querem uma gestão democrática, uma escola mais aberta e menos autoritária. Chegaram a abrir escolas em fins de semana, mas o problema se agravou. Por quê? – perguntam. Ao menos tentaram. Consideram que a violência é um lixo social que a sociedade lança nas escolas. Têm a clara percepção de que disciplinas tradicionais – Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências – são insuficientes para gerar nos alunos o sentido de justiça, de generosidade e de solidariedade. Daí a importância de temas transversais, como a violência, preconceito, etnocentrismo e pluralidade cultural e interculturalidade. Reconhecem que há uma tendência de profissionais de ensino se colocarem à parte dos problemas e não como partes integrantes dos mesmos. Admitem gestos de incivildade, tanto da parte dos professores como dos alunos. E incivildade é uma série de práticas cotidianas expressas através de pequenos delitos, da falta de polidez, de agressões verbais e da violência simbólica. Esses reconhecimentos são sinais de possibilidade de conexões.

## *Processo de mudança*

---

Da perspectiva da complementaridade dos contrários, notamos, nos alunos, nas professoras e nas diretoras, a vontade de corrigir, o que é sinal de esperança. É o início do processo de *descongelamento* de padrões arraigados. Esse termo, *descongelamento*, é emprestado da *teoria de campo*, elaborada por Kurt Lewin,<sup>44</sup> e significa *autorizar-se* a elaborar críticas à organização e a si mesmo enquanto atores envolvidos. Durante o descongelamento, identificam os pontos fracos e os pontos fortes no campo de forças. Há duas forças: a *positiva*, que se pretende introduzir, e a *negativa*, que se pretende superar. Estrategicamente, há três possibilidades de alteração: 1) aumentar as forças positivas; 2) diminuir as forças negativas e 3) combinar as duas possibilidades anteriores. A mudança ocorrerá quando acontecer o descongelamento das forças e as positivas prevalecerem sobre as negativas. A opção pela introdução de forças positivas é mais sedutora. Sucede que experiências com teorias de campo revelam que a introdução de forças positivas não é das mais eficazes pelo simples fato de aumentarem, simultaneamente, as forças negativas, no caso, resistências à mudança. A alternativa usual tem sido a 3, isto é, enfraquecer as forças negativas e aumentar as positivas, simultaneamente.

No caso em tela, qual é a força positiva e qual é a negativa? A força positiva é a introdução do movimento hip-hop no cotidiano das escolas, pois este é o desejo de seus cultores, e a negativa, da perspectiva do alunado, obedecer às normas da pedagogia institucional. Eles precisam convencer-se de que obedecer às normas é um respeito ao bem-estar coletivo, que, uma vez conquistado, ensinará o exercício da liberdade e a livre expressão de pensamento dentro de certos limites, limites estes, determinados pelas normas autonômicas, isto é, elaboradas e aceitas por todos os envolvidos – alunos, funcionários, professores e diretor. Não é fácil. Haverá muitas resistências decorrentes da desconfiança, da incerteza e da perda de tempo. Deflagrado o processo, muitas reuniões serão necessárias, em que haverá trocas de infor-

---

44. Lewin, Kurt. *Problemas de Dinâmica de Grupo*. Editora Cultrix, SP, 1970.

mações, experiências e opiniões. Os envolvidos terão de ser dotados de persistência e flexibilidade.

O mesmo sucede com as professoras e as diretoras. Há a energia negativa – a resistência a mudanças e, ao mesmo tempo, a energia positiva – o desejo de mudança.

O que fazer? No processo de mudanças, ambas as energias devem ser consideradas, simultaneamente: na medida em que as forças positivas vão sendo introduzidas, as negativas tendem a diminuir e a serem superadas. Isso é o que propõe também Edgar Morin.

É neste ponto que entra a solidariedade. Precisamos educar para ela. Se cada um lutar por si, ainda que a intenção seja das melhores, a escola irá mal e todos perderão. Todos terão de ser solidários – é um imperativo ético porque, no bojo da solidariedade, existe um elemento fundamental: a interdependência. Um exemplo para clarificar a interdependência solidária: Um barco à deriva, dois sujeitos nele. Um furo no casco, por onde penetra a água. O sujeito mais distante do furo diz: “Vire-se, o problema é seu, você está mais próximo dele”. O que acontecerá? O barco afundará e os dois se afogarão. Este exemplo foi retirado do livro de Jung Mo Sung.<sup>45</sup>

Enfatizo dois termos utilizados pelos entrevistados ou subentendidos: ansiedade e percepção.

### *Ansiedade e percepção*

---

O termo *ansiedade* é aqui aplicado no sentido de relativo desconforto psíquico que abala o frágil equilíbrio emocional – misto de insegurança e ameaças. Ela é benéfica por abalar padrões rígidos de julgamento. Ou pode ser maléfica se for muito forte, de modo a impedir a disrupção de comportamentos mudancistas. Para mudar, há a necessidade de uma dose de ansiedade, desde que não seja pouca, que torna impotente a vontade de

<sup>45</sup>. Sung, Jung Mo. *Conhecimento e Solidariedade*. Coleção Viva Voz, Editora Salesiana, SP, 2002, pg.46

mudança e não pode ser excessivamente forte, de modo a desmobilizar.

Quanto à *percepção*, tenho insistido na sua importância ao longo desta obra. Não se muda se não houver mudança na percepção. *Não basta perceber que há um problema, é importante perceber-se nele como parte. Colocar-se à margem dele é não reconhecer-se envolvido, como se fosse um simples espectador que tudo observa, sem compromisso. “Não tenho nada a ver com isso” ou “isso não me interessa”. É uma forma de conformismo.* Esta foi a postura da maioria dos alemães quando da implantação do Nazismo na década dos 30. O conformismo fê-los não perceber os perigos do novo regime. Terminada a guerra e reveladas as atrocidades cometidas, os alemães se indagaram: “como permitimos que isso acontecesse?” Já era tarde: 6 milhões de judeus tinham sido exterminados. Ainda hoje, o povo alemão carrega essa culpa histórica.<sup>46</sup> Por analogia, não é isto que estaria acontecendo com a escola e a periferia? Não é isto que estaria acontecendo, quando afirmam que o problema da violência é um problema do Estado, são apenas possíveis vítimas?

*O conformismo é um jogo de cegos: faz de conta que nada está acontecendo. É uma forma de resistência à mudança. Se resiste é porque a mudança é percebida como uma ameaça ao que foi instituído, ao que foi estruturado e ao que foi acostumado. A mudança significa renunciar ao conhecido e assumir o desconhecido, ainda que desejável. Se não houver mudança na percepção, nada ocorrerá.*

### *Elementos de mudança*

---

Muitos estudos sobre mudanças e resistências a mudanças foram realizados pela Psicologia, Sociologia Rural, Antropologia Cultural, Medicina e por empresas. E esses estudos revelaram quatro elementos: *a*

<sup>46</sup>. Vide o filme de Verhoeven, Michael – Uma Cidade sem Passado - sobre um fato real - Globo Vídeo.

*inovação*, sua *comunicação* através do *tempo* num sistema social.<sup>47</sup>

Uma *inovação* é uma idéia percebida como *nova* por um indivíduo, mesmo que seja “velha”. O fundamental é que ela pareça nova para o indivíduo. *Comunicação* é aqui empregada no seu sentido etimológico – tornar comum a ação de adotar uma idéia por uma ou mais pessoas. O *tempo* refere-se ao tempo de adoção que pode ser rápida ou demorada. *Sistema social* é aqui entendido como uma entidade, integrada de pessoas, que serve à realização de ações de interesse social.

A adoção de uma mudança é mais rápida quanto mais *vantagem relativa*, mais *compatibilidade*, mais *divisibilidade* e mais *comunicabilidade* apresentar. E menos complexidade. Expliquemos esses termos.

Por *vantagem relativa* entende-se o grau pelo qual uma proposta de mudança é considerada superior à realidade vigente. Por exemplo, a adoção do movimento hip-hop pela escola será mais rápida, na visão dos membros do movimento, porque apresenta mais vantagem relativa, como animação, ritmo, alegria e quebra da monotonia do ensino.

*Compatibilidade* é o grau pelo qual uma proposta de mudança é conciliável com os valores e as experiências anteriores de um sistema social. Uma proposta que não for compatível, ou desconhecida, terá mais dificuldade de ser adotada. Retomemos o exemplo anterior: a adoção do movimento hip-hop pelos jovens da periferia será mais rápida porque é mais compatível com suas experiências e seus valores. Já as professoras e as diretoras terão mais dificuldade de adotar porque desconhecem ou vêem incompatibilidade do movimento com as funções da escola, precipuamente, ensinar a ler, a escrever e a calcular. Algumas profissionais de ensino entrevistadas afirmaram ter ouvido falar vagamente do movimento e outras se limitam a renegá-lo.

*Divisibilidade* é o grau pelo qual uma proposta pode ser experimentada parcialmente. Mudanças parciais são mais facilmente adotadas, mas sem perder de vista o todo. Exemplo: o movimento tem diversas lingua-

---

47. Whiting, Gordon e Guimarães, Lytton. *Comunicação de Idéias Novas*. Editora Financeira, RJ, 1969, p.26.

gens: break, rap, grafite e DJ. Ao invés de elas serem introduzidas ao mesmo tempo, faz-se por etapas: primeiro, o break, depois o rap e assim sucessivamente, até o movimento ser todo incorporado, no caso, também pelas professoras e diretoras.

*Comunicabilidade* é o grau pelo qual os resultados de uma mudança adotada são percebidos. Quando disse às professoras que os jovens do movimento são dotados de justiça e movidos pela solidariedade, elas fizeram sinais de descrédito porque sempre os viram agressivos e baderneiros. Propus visitas a alguma favela em dia de distribuição de alimentos trazidos da CRAISA – Companhia Regional Integrada de Alimentos de Santo André e distribuídos ao preço de apenas R\$ 0,50, destinados ao pagamento de transporte. A proposta de visita teve a finalidade de mostrar às professoras o trabalho comunitário desenvolvido pelos jovens para conferir o grau de comunicabilidade de suas ações. Propus também fazer experiência com o uso de uma rádio comunitária: divulgar uma mensagem qualquer e colher os resultados no dia seguinte – quantos alunos teriam ouvido a mensagem. E também seus familiares.

*Complexidade* é o grau de dificuldade de adoção. Uma proposta de mudança pode ser ótima, mas pode ser rejeitada em virtude do seu grau de complexidade. Ou lentamente adotada. A introdução do movimento no cotidiano da escola apresenta um grau de dificuldade porque vai depender de autorização de instâncias superiores. A autorização, aprovada ou negada, pode demorar, quando não, perder-se nos escaninhos da burocracia. O pedido tem de ser bem fundamentado. Os jovens queixam-se da irrealidade do ensino, porque há professores que falam da globalização, da internet, da imagem virtual – temas que não fazem parte do cotidiano deles. Deveriam construir suas aulas a partir da realidade deles. Por exemplo, as letras do rap poderiam ser utilizadas nas aulas de linguagem, ainda que não obedecam à norma culta. Outro: dar aulas sobre justiça, generosidade e solidariedade através de temas transversais, utilizando-se dos exemplos da própria favela. Ou dar aulas sobre saúde a partir das carências familiares.

## *Índice de adoção*

---

Precisamos dar um passo à frente uma vez dominados os termos. Podemos introduzir o conceito de *índice de adoção*: é a velocidade relativa com a qual uma inovação é adotada. Em termos gerais, “as inovações com índices mais rápidos de adoção são percebidas por seus adotantes como possuindo mais vantagem relativa, mais compatibilidade, mais divisibilidade, maior comunicabilidade e menos complexidade”.<sup>48</sup>

Muitas vezes, uma proposta de mudança pode apresentar um elevado nível de inovabilidade e, no entanto, tropeçar num indicador, a complexidade, frequentemente. Um exemplo: os sete municípios (do Grande ABC), através do Consórcio Intermunicipal do Grande ABC que os congrega, implantaram o projeto *Criança Prioridade 1*. Os resultados da pesquisa foram impressos e enviados à Febem – Fundação para o Bem-Estar do Menor. Do relatório constam duas alternativas de propostas elaboradas por uma equipe técnica: 1) internação em novos espaços, com preocupações educacionais, mas de *acolhimento provisório*; 2) adoção de medidas em *meio aberto*, com liberdade assistida e prestação de serviços à comunidade. Essas medidas foram contestadas e criticadas por um grande segmento da sociedade<sup>49</sup>. Por quê? As pessoas não aceitam a idéia de ver um infrator livre. Querem-no preso numa instituição fechada, a que Erving Goffman deu o nome de *instituições totais*<sup>50</sup>. As prisões são um exemplo. A sociedade quer indivíduos perigosos trancafiados para proteger-se deles. Mas procedem as duas propostas do projeto Criança Prioridade 1. Michel Foucault mostrou que as prisões do século XVIII tornavam os prisioneiros mais ferozes. Eram trancafiados em celas isoladas, escuras, com um pequeno orifício, por onde era introduzido o alimento. Esse isolamento prolongado tinha um objetivo piedoso: nessas condições, o prisioneiro podia aproximar-se de Deus e pedir perdão pelos erros cometidos.

---

48. Whiting, Gordon. 1969, p.28.

49. *Diário do Grande ABC*. Caderno Setecidades – Arte e Esporte “Driblam” Violência – Edição de 5.5.2002, pgs. 1 e 3.

50. Goffman, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. Editora Perspectiva, SP, 1974, pgs.16 e 17.

Resultado: ficavam mais desumanos<sup>51</sup>.

Consulto um livro de minha autoria, um quase diário. Lá está cravado no dia 26 de outubro de 1999:

“Fato escabroso durante a rebelião da Febem Imigrantes (ABC). Além de dezenas de feridos, quatro mortes. Foi uma guerra de internos contra internos. Um deles teve morte estúpida: seu desafeto queima-lhe o corpo e decepa-lhe a cabeça. O vencedor exhibe triunfalmente o troféu.

– Arrependeu-se? – perguntam-lhe.

– Não – foi a resposta. – Ou eu, ou ele.

A lei da selva. Retrato de um modelo falido de uma instituição que se propõe à recuperação de adolescentes...”<sup>52</sup>

Voltando à resistência às propostas de: 1) acolhimento provisório; e 2) regime aberto com liberdade assistida e prestação de serviços à comunidade. Diz a psicóloga Marlene Zola, coordenadora-executiva do projeto Criança Prioridade 1: “essas propostas apontam soluções, porque a reincidência foi insignificante”.

E uma pergunta se impõe: como facilitar a mudança? Uma forma é a *persuasão* que consiste em apresentar uma proposta de mudança a quem vai realizá-la. Vão surgir muitas dúvidas e objeções que precisam ser esclarecidas e respondidas. A pessoa pode ser persuadida das vantagens relativas da mudança, mas precisará de um *tempo* para decidir: participa, ou não, do processo de mudança? Ainda que decida por não participar, a persuasão trouxe benefícios: não resistirá à mudança, aliás, poderá até colaborar na eliminação de bloqueios (de outros). Se decidir por participar, então, colaborará na implantação da mudança, envolver-se-á e assumirá a co-responsabilidade – todo processo de mudança é coletivo.

51. *Diário do Grande ABC*. Caderno Setecidades – Arte e Esporte “Driblam” Violência – Edição de 5.5.2002, pgs. 1 e 3.

52. Takara, Alexandre. *Além da Prosaica Realidade*. Alpharrabio Edições, 2001, pg. 156.

Em situação de grupo, pode haver divergências, incertezas e conflitos. Nesse caso, o coordenador do programa de mudanças deverá mostrar suas habilidades, ser, ao mesmo tempo, flexível e persuasivo, para manter a unidade do grupo sem perder de vista os objetivos da mudança. As pessoas envolvidas não devem desconsiderar: a) as razões da mudança (no caso da escola da periferia, resgatar o relativo bem-estar coletivo para que ela, a escola, desempenhe bem seu papel); b) o sentido e o valor da mudança (combater a violência contra o patrimônio e contra a pessoa); c) antecipação dos resultados positivos (evitar as incivildades e resgatar a percepção de que seguir regras, elaboradas e aceitas por todos os agentes envolvidos, é fundamental, pois significa o respeito ao coletivo, visando ao bem-estar comum). O resultado será o clima de confiança, de franqueza, de espontaneidade e reduzirá as defesas psicológicas, de modo que a adoção de mudanças sofrerá menos resistência.

As pessoas envolvidas precisam de tempo para decidir se adotam ou rejeitam a mudança. Algumas adotam rapidamente, outras demoram mais e outras ainda nem adotam. A partir dessa constatação, criou-se um *índice de inovabilidade*, uma variável temporal de adoção. E a adoção segue etapas: a) conhecimento da nova idéia; b) interesse pela obtenção de informações sobre o que se pretende; c) avaliação da mudança proposta, se favorável ou desfavorável; d) adoção em pequena escala, experimentalmente; e) tomada de decisão (de adoção, se favorável; de rejeição, se desfavorável).<sup>53</sup>

Algumas palavras sobre os *líderes de opinião*, fundamentais num processo de mudança. São pessoas que influenciam outras, porque são dotadas de experiências e informações acumuladas a respeito de um determinado assunto. São consultadas e, por isso, importantes para conquistar adesões. Mas há uma condição relevante: não manipulá-las sob pena de comprometer a proposta de mudança. Não custa alertar: a transparência é sempre necessária.

---

53. Whiting, Gordon – opus cit.

## *Comunicação interpessoal e comunicação de massa*

---

Uma observação a respeito da comunicação interpessoal e comunicação de massa. Elas têm funções diferentes. A comunicação de massa tem a função de *divulgar* e a comunicação interpessoal de *convencer*. Nem sempre essa distinção é visível. Um exemplo: a Secretaria de Estado da Educação promoveu, no primeiro semestre de 2002, uma festa de arte e de cultura a cargo de milhares de alunos de centenas de escolas da rede, envolvendo a poesia, a dança, a música, performances teatrais, circo, grafites etc., com a finalidade de promover a auto-estima, consolidar a autoafirmação e combater a violência. Foi uma bela festa com excelentes objetivos. Houve cobertura pela TV durante alguns dias. Todos foram informados, mas não passou de um evento – evento no sentido etimológico do termo – algo que desaparece ao sabor do vento. Foi o que aconteceu. Algumas semanas depois, ninguém mais se lembrava. O que faltou? Planejamento, comunicação interpessoal de convencimento nas escolas. E a seqüência? O desenvolvimento de mudanças por etapas. A intenção foi das melhores – evitar que o problema da violência nas escolas se agrave ainda mais e fuja do controle. A festa, através dos canais de televisão, era divulgar o projeto. Mas e a seqüência? Deveria acontecer nas unidades escolares, onde se dá a comunicação interpessoal através da qual é possível convencer e alcançar os objetivos de forma efetiva. As mudanças ocorrem em unidades menores desde que bem planejadas e executadas, seguidas de análises críticas. Mas as professoras e as diretoras confessaram-se despreparadas e não realizaram nas suas unidades escolares.

## *Jovens resistentes e jovens vulneráveis à violência*

---

Há uma outra questão a abordar: por que jovens da periferia, no caso os membros do movimento hip-hop, não aderem à violência, enquanto outros sucumbem, tornando-se narcotraficantes, bandidos e cafetões?

Os primeiros cometem, sim, atos de incivilidade (pequenos delitos),

mas não aderem ao crime. Ao contrário, são dotados de espírito coletivo, promovem justiça – o mínimo ético – transcendem-na com gestos de generosidade e de solidariedade. Fazem trabalhos voluntários, lutam por mudanças sociais, cientes das carências da periferia, provocam a participação social. Os grupos são informais e incipientemente hierarquizados, são abertos, livres. Não obstante, esses jovens apresentam uma contrapartida: têm dificuldades em viver num ambiente que impõe disciplina e organização, como a escola, cuja hierarquia é fortemente formalizada e cujos métodos de ensino estão centrados no professor. Incivilidades decorrem dessas dificuldades. Eles recusam obedecer à pedagogia institucional que não visa à mera submissão a uma autoridade. Precisam convencer-se de que respeitá-la é respeitar o coletivo, de que resulta o bem comum. A hierarquia tem de ser menos heteronômica, evitar a anomia e provocar a autonomia (normas elaboradas e aceitas por todos os envolvidos). Para administrar segundo essas normas autonômicas, a hierarquia tem de ser, ao mesmo tempo, firme e flexível. O fundamental é que os jovens aprendam, segundo Paulo Freire, a “dizer suas próprias palavras”, a manifestar seus pensamentos e a expressar suas emoções. Assim, elevarão a auto-estima e a auto-afirmação. Como diz Lacan, a terapia está nas palavras. Desse modo, o sistema escolar estará colaborando no combate à violência. Esta se aninhou profundamente no corpo da sociedade. O verbo *colaborar* é o verbo correto porque, sozinha, a escola não muda a sociedade. A erradicação da violência depende do concurso de todas as instituições – a igreja, a polícia, as empresas, os partidos políticos, os clubes, os centros comunitários e, evidentemente, a escola.

Temos de abordar a outra questão: por que há jovens que sucumbem à violência? São jovens de 13 a 25 anos, moradores da periferia, desempregados, analfabetos ou semi-alfabetizados, dependentes de pais, com renda familiar até o máximo de R\$ 750,00, segundo estatísticas da Polícia Civil. Vivem em regiões de elevado risco de contágio pela violência urbana. A considerar que a adolescência e a juventude são períodos de vida muito turbulentos, o que os torna mais vulneráveis à contaminação. É preciso criar um *índice de vulnerabilidade juvenil*, a partir de indicadores sociais, como a faixa etária, local de residência, desemprego, renda familiar, nível

de escolaridade. Os objetivos deste índice são: medir o risco de envolvimento de jovens com o crime e orientar políticas públicas de combate à violência a partir de identificação de bairros mais violentos. Muitos jovens morrem no acerto de contas entre traficantes e alguns prevêm o próprio destino – serem assassinados. Nutrem a falsa consciência de solidariedade: “se eu morrer, meus companheiros me vingarão”. Há, ainda, a questão de gênero. As meninas, embora menos visadas pelo crime violento, correm o risco de gravidez precoce e, então, coloca-se o seguinte problema: como criar e educar o filho? Frequentemente o caminho é a prostituição.

### *Combate à violência: problema complexo*

---

As considerações acima demonstram que o problema da violência não se restringe apenas às relações entre a escola e a periferia. É mais amplo e complexo, atinge todo o corpo da sociedade, cuja vida é tecida com os fios da diversidade. Daí termos adotado o paradigma ecológico/complexo nos termos de Capra e Morin. A ecologia tem de ser antropocêntrica no sentido de colocar o ser humano no centro das preocupações com o ambiente. E o pensamento complexo foi adotado para evitar reducionismo. Por isso, considere as contradições entre centro e periferia, riqueza e pobreza, alunos e professoras (diretoras), grupos de jovens resistentes à violência e grupos de jovens vulneráveis à violência. E culminei com a sugestão de criar um *índice de vulnerabilidade juvenil*, visando a orientar as políticas públicas de combate à violência. Meu empenho, com esta obra, é abrir caminhos para a inclusão social através de uma educação emancipadora e do combate à violência.

A pesquisa revela alguns procedimentos que, ligados, confluirão para alguns resultados, no caso, a educação inclusiva e emancipadora. Esses procedimentos precisam ser melhor explicitados, como o domínio da linguagem, escuta sensível, arte-educação, posses, rap positivo, autoestima, o imaginário coletivo, educomunicação, superação de apertação cultural e pluralidade cultural, sobre quê passaremos a comentar.

## *Dez Premissas e Algumas Propostas*

Neste capítulo, são resgatadas dez afirmações anteriores sobre as quais se assentam algumas propostas para a educação emancipadora e inclusiva.

1. Propomos a conexão entre o que está isolado e desunido. Esta é condição fundamental para uma educação emancipadora e inclusiva. O elemento fundador é a empatia que pode ser expressa nos seguintes termos: eu e você. Eu sou eu e você é você. Eu me reconheço em você e você se reconhece em mim. Mas, empatia não significa que eu seja igual a você e você igual a mim. Ao contrário, ressalta o direito de ser diferente. Ou, segundo a expressão de Terena, líder indígena: “eu posso ser quem você é, sem eu deixar de ser quem sou.”

2. Sejamos realistas. Não é fácil estabelecer conexões. Muitos professores e muitos alunos não sabem olhar nem ouvir o apelo do outro. O que fazer? Alterar a percepção de um sobre o outro, descobrir o outro. Mas não é fácil porque estão travados pelos condicionamentos arcaicos, recolhidos nas prisões psicológicas e obscurecidos pela opacidade existencial. São estranhos, não percebem os outros nem a si mesmos. É a crise da subjetividade. É a esquizofrenia que significa literalmente, em grego, mente dividida. É o drama da solidão e da incomunicabilidade. É preciso desatar esses nós existenciais para construir um mundo solidário. E, repetindo, isso só é possível mudando a percepção de um sobre o outro.

3. As relações entre professores e alunos revelam crise, esgotamento e colapso. São problemas intrapsíquicos, portanto da alçada da psicolo-

gia clínica, mas não só: há um conteúdo social e político. Historicamente, a psicologia clínica procurava reajustar as psicodinâmicas interiores. O paciente precisava realinhar-se intimamente. Agora, a psicologia clínica dá outro avanço: não quer restringir-se apenas ao intra e ao intersubjetivo. Quer ampliar-se, alcançar dimensões políticas. Recusa o discurso da separação entre a política e a subjetividade. Félix Guattari afirmava que a intervenção clínica deve fazer-se também no plano coletivo, no processo histórico, social e cultural. E concluía que não haverá mudança político-social se não houver mudança na subjetividade e nas percepções. E essa mudança pressupõe a alteridade – alter, em latim, o outro com quem estabelecemos conexões.

4. Nada é superior e mais digno do que a existência humana. O bem-estar do homem é o grande critério. E essa questão passa pela questão de virtude – virtude no sentido de realizações das potencialidades exclusivas do homem. É a realização da *autopoiese*, a produção de si mesmo. E quem é o homem virtuoso? É aquele que expande suas virtudes, fundadas na alteridade. A autopoiese é mesmo processo de individuação, segundo Jung, e significa também *ser o que ainda não é*, mas *virá a ser*. Nesse processo, são fundamentais o autoconhecimento, o diálogo, a liberdade, a criatividade, a responsabilidade e a afetividade.

5. A empatia é a base da generosidade. Ser generoso é mais do que ser justo. Ser justo é o mínimo ético e significa dar ao outro o que é dele, enquanto ser generoso significa dar ao outro o que não tem e empenhar-se em colaborar para que o outro consiga. A generosidade é fundamento da solidariedade. Ser solidário é estar *in solido*, como diziam os antigos romanos. É apoiar-se no outro, é unir-se ao outro, fortalecendo-se. Daí, a *solidez* das relações e de solidez deriva a palavra *solidariedade*. A justiça, a generosidade e a solidariedade são elementos da conexão. A essência da natureza humana é a solidariedade e seus correlatos. A vida cotidiana, tecida dos mesmos gestos, dos mesmos ritos e das mesmas regularidades, não é suficiente. É preciso mais: criar uma argamassa capaz de cimentar as relações sem massacrar as individualidades e azeitá-las com os sentidos de companheirismo.

6. **Companheirismo.** Vem do latim *cum + panis* e significa aquele que compartilha do mesmo pão ao redor da mesma *mesa*; mesa é uma bela palavra, que lembra *altar*. O companheiro é aquele ao lado de quem caminhamos. E, ao caminarmos, desvelamo-nos. A respeito, Danilo Di Manno de Almeida cunhou um belo pensamento: “a essência não está na verdade do caminho, mas na experiência dos caminhantes”. E Antonio Machado: “o caminho se faz ao caminhar”. E, ao caminharem, os companheiros estabelecem a polifonia, em que a fala de um pressupõe e se impregna da fala de outro. E, por estarem dialogando, estabelecem a intersubjetividade – o encontro existencial entre sujeitos humanos. É ela que dá sentido e densidade à vida. Por isto, Felix Guattari enfatiza a importância da produção de subjetividade.

7. O termo *subjetividade* tem, aqui, o sentido do esteio antropológico para enfrentar as oscilações da sociedade e para superar as crises. Ela é fundamental para atingirmos a maturidade consciente. Nossa vida caracteriza-se pela alternância entre momentos de equilíbrio e desequilíbrio. Na medida em que nos equilibramos/desequilibramos/reequilibramos, vamos atingindo níveis progressivamente superiores de maturação. Assim, enriquecemos nossas experiências, pensamentos e sentimentos. A subjetividade se revela através da logicidade, liberdade, criatividade, responsabilidade e afetividade. E desse modo a vida vai se engravidando desses gestos e suas significações. A subjetividade é o núcleo do ser humano.

8. Há um mal-estar na civilização, segundo Freud. Esse mal-estar decorre do descuido, do descaso e do abandono, segundo Leonardo Boff. Por isto, cuidado ganha dimensão ética. Cuidado com o semelhante e cuidado com o planeta Terra. *Cuidado* é uma palavra latina que deriva de *cura*. E cura significa relações de amor e de amizade. Cuidado expressa desvelo com a pessoa amada. Cuidamos de quem tem importância para nós. Continua Leonardo Boff, precisamos ter “cuidado com a Terra, com a sociedade sustentável, com o corpo, com o espírito, com a grande travessia, com a morte”. Nesse sentido, aproxima-se de Fritjof Capra, quando este se refere à “teia da vida”, e de Edgar Morin, quando

este afirma a necessidade de aperfeiçoar o nosso planeta, mesmo sabendo que nunca será o melhor dos mundos.

9. O homem é um ser de totalidade, composto de emoções e de razão. Razão sem emoção é capenga e emoção sem razão é cega. Razão sem emoção é uma razão incompleta. Razão com emoção permite-nos raciocinar melhor. Daí, o famoso verso de Fernando Pessoa: “o que em mim sente ‘stá pensando”. O cânone positivista impunha o distanciamento entre o sujeito que observa e o objeto que é observado. O método autobiográfico, ao contrário, declara que o sujeito está no objeto e o objeto está no sujeito. Por isto, epistemologicamente, todo conhecimento é autoconhecimento. Ambos, conhecimento e autoconhecimento se acumulam através do processo formativo. E este pressupõe o ser de totalidade.

10. As relações entre muitos professores e muitos alunos estão eivadas de preconceitos. E preconceito é qualquer opinião ou sentimento, favorável ou desfavorável, concebido sem exame crítico e, por isso, conduz à intolerância e esta à repulsão. Um sente repulsa pelo outro e tende a destruir o outro simbolicamente e, nos casos extremos, chega à destruição física. Em biologia, esse fenômeno é conhecido como fagocitose que consiste em eliminar o elemento invasor para proteger o organismo contra infecções. Por analogia, fagocitose social significa a expulsão de uma pessoa, tida como indesejável, de um meio social. É preciso combater o preconceito através do respeito à diferença e da empatia.

Das 10 afirmações referendadas, são pinçados os seguintes conceitos, fundamentais para as propostas de uma educação emancipadora e inclusiva: conexão, linguagem, mudanças de percepção, símbolos, subjetividade, intervenção no plano coletivo (política), alteridade, empatia, autopoiese, solidariedade, justiça, companheirismo, polifonia, liberdade, cuidado, homem = ser de totalidade, combate ao preconceito. Eles estão subjacentes nas propostas, a seguir.

## *Propostas*

### *Domínio da linguagem*

---

Ao longo desta investigação, algumas questões nodais foram identificadas. Uma delas foi expressa por uma das professoras: “alunos não dialogam, trocam tapas”. A violência surge, quando a linguagem fracassa.

Esta afirmação revela-me uma íntima relação entre dificuldades de linguagem e violência, de que resulta a crise de convivência. Basta uma incivilidade, explicitada através de agressões verbais, olhar enviesado, pequenos delitos, para que a violência irrompa. A incivilidade opõe-se ao processo civilizatório. A palavra aprisionada é um problema, prende-se na garganta e libera os braços.

A palavra enclausurada impede a expansão do movimento livre pelo espaço psicossocial e compromete o desenvolvimento de um ambiente cooperativo. A violência é a expressão de uma norma particular que se pretende impor a outros. E como estes reagem violentamente, o que é também sua norma particular, estabelece-se a incomunicabilidade. E, em torno deles, por amizade, surgem grupos rivais. O aprisionamento da palavra gera um sistema de tensões nas pessoas e, ao mesmo tempo, no grupo. Assim, a palavra enclausurada põe em risco a função da escola, de socializar novas gerações, uma vez que provoca o desrespeito a diferenças, o não-reconhecimento do outro. E a alteridade, fundamento da ética humanista, esvai-se.

Assim, é fundamental que a escola se empenhe no desenvolvimento da linguagem, tanto a leitura e a escrita, como a falada. Não é isso que ocorre com a progressão continuada, sistema adotado em 1998 pela Secretaria de Estado de Educação (*Folha de São Paulo – Aluno Analfabeto põe a Avaliação em Xeque*, edição de 16.04.2002). Este sistema permite que alunos deficientes concluam o ciclo 1, correspondente ao ensino de 1ª a 4ª séries, e o ciclo 2, correspondente ao ensino de 5ª a 8ª séries, sem saber ler e escrever e, conseqüentemente, falar. A progressão significa aprovação automática. Só não podem ser reprovados nas séries terminais – a 4ª e a

8ª. O aluno só pode ser retido uma única vez na mesma série. Há casos de pais solicitarem que seus filhos sejam reprovados. Deveria haver aulas de reforço, sucede que não são ministradas ou são mal ministradas. A progressão continuada agrava o problema de linguagem.

Há de se desenvolver, portanto, a competência e a habilidade do aluno em relação à linguagem, instrumento de conexão, para resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e ampliar a visão do mundo.

Mundo, produto exclusivamente humano, é criado graças à linguagem. E linguagem é um sistema simbólico, pelo qual as coisas do mundo são representadas. E as coisas têm um nome. E nomes são palavras. Portanto, quanto menor o domínio das palavras, menor é a visão do mundo. E quanto maior é o domínio das palavras, maior é a visão do mundo. Daí a célebre afirmação de Ludwig Wittgenstein: “os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo”. Que se advirta: “coisas”, aqui, não se referem apenas a bens físicos, materiais, mas também a idéias e a conceitos. Justiça, liberdade, democracia são conceitos, neles posso pensar por meio de palavras.

Não é sem razão que as ditaduras tentam suprimir palavras. E não podemos pensar sem palavras. George Orwell, em sua ficção *1984*, advertiu que a ditadura militar implantada no país, denominado Oceania, reduziu o número de palavras permitido ao povo, inclusive nos dicionários. E por que assim agiu? Porque, quanto menos palavras a população souber, menor a capacidade de raciocinar e menor a sua consciência do mundo e menor a resistência ao poder ditatorial. Pois foi isso o que aconteceu no Brasil durante a ditadura militar (1964/85). Muitas palavras tiveram de ser evitadas: direito, liberdade, consciência crítica. Outras foram reforçadas: deveres, obediência, respeito às autoridades... E outras tiveram sentidos alterados: democracia, segurança nacional...

O movimento hip-hop se desenvolve em sentido contrário. Este é o seu mérito. Através do rap, cultua a palavra, ainda que não obedeça à norma culta. Seus cultores descrevem “a descida aos infernos” para registrar as imagens da destruição, a que foram relegados. Afirmam que é preciso atingir as regiões mais tenebrosas do ser humano, não para compactuar com a violência, mas para compreendê-la, enfrentá-la e superá-la. E compõem seus cantos com palavras rubro-negras para, depois, emergirem como

peças reconstruídas. Isso é visível no rap positivo. Tomemos a letra de O Segredo, de Fábio Feter, já enunciada. Ele é DJ e ensina a composição e a colocação de letras nas músicas. E por que esse DJ consegue ensinar e muitos professores, não? Porque ele considera a realidade do aprendiz – seu bairro, suas dificuldades, a violência a que está submetido. Além disso, professores valorizam a gramática normativa, que privilegia mais a exceção do que a regra. E, por mais paradoxal que pareça, Feter consegue tratar da violência com “imaginação poética”, segundo uma expressão de Bachelard<sup>54</sup>. Rima violência com “devaneios poéticos” porque seus versos nascem do âmago do ser, da sonoridade do ser.

É fundamental o domínio da linguagem. “Aprender a dizer suas palavras”, afirma Paulo Freire. O adolescente, na sua auto-afirmação, quer ser ouvido. E a sala de aula é o espaço privilegiado para exercer sua linguagem, pois, a todo instante, é convidado a opinar, a defender seu ponto de vista e a respeitar o ponto de vista do outro.

*Escrever* é, num certo sentido, *matematizar*. É estranha esta aproximação, mas é necessário que se faça. Vejam os números, são infinitos e, soltos, não dizem nada. Que faz a matemática? Ordena-os num sistema para torná-los claros, inteligíveis. O mesmo acontece com a escrita. Escrever é ordenar o caos que há nas pessoas. As idéias, como os números, estão soltas, ininteligíveis. E que faz a escrita? Ordena-as num sistema para torná-las também claras, inteligíveis e comunicáveis. O que fazer? Ler. Ler livros e *ler o mundo*, porque são atividades complementares. *Observar* tudo o que pode ser percebido pelos cinco sentidos do corpo. *Relacionar* tudo o que se passa ao redor: ambiente, pessoas, fatos e objetos. E *expressar* de forma organizada, com clareza, coesão e coerência. Enfiar uma idéia atrás da outra, sem sobressaltos, de forma que o interlocutor ou leitor entenda. *Observar, relacionar e expressar* são etapas da verdadeira aprendizagem. Só escreve bem quem pensa bem. E só pensa bem quem escreve bem. E a leitura está implícita nessas afirmações.

Acrescento o conceito de *polifonia*: um conjunto de diferentes vozes

54. Bachelard, Gaston. *A Poética do Espaço*. Coleção Os Pensadores, Editora Victor Civita, 1978, pg. 181.

instauradas num discurso, em que a fala de um pressupõe a fala do outro. Essas vozes polemizam entre si, completam-se ou respondem umas às outras, naturalmente, sem ameaças e respeitando o ritmo do interlocutor. É isto, a polifonia, que os jovens precisam aprender. Aprendendo, estarão libertando a palavra e reduzindo o nível da violência. A palavra libertada é o fenômeno axial do ser pensante. Transcende sinais para atingir símbolos. Porque sinais, até os animais aprendem e apreendem. E os símbolos são exclusivos do homem. O homem, em estado de dicção, revela-se, enuncia e anuncia. Pronuncia e se propõe. A partir do momento em que ele se autoriza a exteriorizar seus problemas e seu mundo travado e oculto, os nós existenciais começam a desatar, a soltar e a clarear. Há outras formas, como o movimento corporal, por exemplo. É o que os gregos denominam *catarse* – limpar-se<sup>55</sup>.

É o que fazem os jovens do movimento hip-hop. Desde os tempos imemoriais, através do inconsciente coletivo, sabem que, “no princípio, é o verbo”. E o verbo se encarna e faz história. É uma história macerada pelo sofrimento e tingida de sangue. No tempo da colonização, os escravos não eram donos de seus corpos, pertenciam aos senhores. Hoje, os jovens da periferia, descendentes dos antigos escravos, proclamam que: “*tenho* meu corpo, mais do que isso, *sou* o meu corpo. E faço dele o que bem desejo, uma vez que sou homem livre: trabalho, dança, falo, grito, silêncio, olho, choro, aparo agressões e agrido quando necessário”. Grafitam, compõem rap e dançam break. Ao dançarem, movimentam muito o corpo, fazem malabarismos, fazem o “pião” (giro de costas) e o “moinho” (giro no chão). Break lembra corpos estilhaçados de soldados americanos feridos, ou mortos, na guerra do Vietnã. Partes estilhaçadas dos corpos eram lançadas ao redor. Pergunto: por que lembrar a guerra do Vietnã se essa guerra aconteceu em país distante e anterior ao nascimento de vocês? E um jovem responde, sem titubear: “Sei lá, os corpos estilhaçados dos soldados americanos nos lembram os corpos estilhaçados dos nossos ancestrais”. E reporto ao capítulo “Raízes africanas”, atrás mencionado. O domínio do corpo manifesta-se também no domínio das palavras.

55. Perrotti, Edna Maria Barian. Outras Vozes se Fazem Ouvir Por Minha Voz. *Revista Educação & Linguagem*. UMESP, SP, 2001.

As palavras desse jovem fazem sentido. Houve acolhimento dos corpos estilhaçados pelos descendentes dos antigos escravos. E o acolhimento de corpos é a mútua inserção significativa de vidas. Donde se conclui que a linguagem corporal é o encontro de existências. É isso o que os jovens ensinam e os brancos precisam aprender, inclusive os professores.

### *Escuta sensível*

---

Li e reli, após a qualificação, o texto sobre escuta sensível. Criticamente. Constatei um equívoco: escrevi *sobre* escuta sensível, quando deveria ter escrito *sobre minhas experiências*. E o faço agora, seguindo a tendência, nas Ciências do Comportamento, de privilegiar as experiências vividas, de que resulta um conhecimento mais visceral. Ao escrever *sobre* a escuta sensível, o fiz em nível verbal, privilegiando a aprendizagem cognitiva. Queria mais, apreender a pessoa inteira, sem cair em terapia. Empresa nada fácil. E escolhi a minha relação com Nelson, de “Um estudo de caso”, para ilustrar e explicitar a escuta sensível.

Escutar significa estar atento para ouvir. O prefixo *e* (e *ex*) dá sentido e movimento ao verbo: de dentro para fora. Preciso estar preparado por dentro, interiormente, para ouvir o outro. E estar preparado significa estados de empatia, de alteridade, de intersubjetividade, de cooperação e de cuidado. E, ainda, estar sensibilizado para estabelecer conexões.

Assim, a escuta sensível é um trabalho sobre si mesmo (preparar-se para ouvir). A considerar que aqui se estabelece uma flexão: eu sou o outro do ponto de vista do outro (você). Então, eu sou, ao mesmo tempo, o ser-que-escuta e o ser-que-fala. Um jogo de espelhos. A escuta sensível é mais uma arte do que uma ciência. Estabelecida a confiança, torna-se mais fácil ouvir o outro e ouvir-se.

Ouvir e responder são dois momentos do processo de comunicação. Comunicação no sentido de tornar comum uma ação, um pensamento, um entendimento. E a comunicação se efetiva quando duas ou mais pessoas sabem e gostam de ouvir, sabem e gostam de ser ouvidos. Aí as pessoas atingem um grau elevado de escuta sensível, resultante da

congruência entre a vivência, a consciência e a comunicação. Nesse caso, a pessoa comunica, por inteiro, a sua realidade interna a outrem. E o sentimento que se aninha é o da alegria, quando não da felicidade. Este é o sentido do encontro. Quando percebem que foram profundamente ouvidas, as pessoas se olham agradecidas.

Nem sempre se estabelece a congruência. Isso acontece quando não se consegue ouvir a outra pessoa. Caso contrário, então, estabelece-se um mal-estar. Foi o que aconteceu comigo no incidente do Nelson, relatado em “Um estudo de caso”. Quando seus chefes chegaram à minha sala colocando-o à disposição da Secretaria com a sugestão de devolvê-lo ao setor Frente de Trabalho, que o contratara, perguntei os motivos. Foram registrados num documento assinado. Entrei num estado de incongruência, pois eu é que pedira a lotação dele no Teatro Municipal. Não podia ter errado tanto, não admitia. Alguns dias depois, recebo um relatório de ocorrência em que um guarda municipal registrara o caso envolvendo o Nelson. Chamei-o, incontinenti, para uma reunião. Vivia um estado de mal-estar. Não conseguia ouvir o Nelson, como não conseguira ouvir seus chefes. Nelson relatou o desdobrar dos acontecimentos e, ao final, fui vislumbrando que ele estava sendo vítima de preconceito social, morador da periferia que era. Mais uma vítima, como eu fora até minha juventude. Identifiquei-me com ele. Chamei os chefes do Nelson e expliquei tudo que acontecera. Concordearam com a permanência dele no Teatro mediante a recomendação de orientá-lo na execução dos trabalhos. Algumas semanas depois, voltei a entrevistá-los sobre o Nelson. Estava tudo bem, não era o indisciplinado e o perigoso que imaginavam ser. O Nelson foi conquistando apoio e simpatia de outros colegas. Há dias, os chefes procuraram-me para eu interferir, junto à Frente de Trabalho, para ele permanecer no posto. Todos estamos felizes. Restabeleceu-se a congruência. Agora, tudo em paz. E dizer que Nelson quase foi vítima da fagocitose social!

A escuta sensível é importante para o processo de mudanças.

## Arte e educação

---

Rappers, DJ's, grafiteiros, breakers ensinam suas linguagens nos horários e lugares mais insólitos, desde um espaço público, como a Casa do Hip-Hop, passando por salões paroquiais e praças, até um bar da favela. Ensinam a pintura, a dança, a música, a poesia. Historicamente, a arte se abrigou nos mais diferentes espaços: nas cavernas durante a pré-história, nos anfiteatros romanos, nos palácios de doges de Veneza e Gênova, nos teatros dos centros metropolitanos. Agora, *as artes se desenvolvem nas ruas dos grandes centros urbanos*, tantos são os excluídos sociais. Daí o movimento hip-hop denominar-se, também, *cultura de hip-hop* e *arte de rua*, querendo ocupar espaços consagrados como auditórios e teatros.

O hip-hop desenvolve, a seu modo, o pensamento e a percepção estética, de forma a ordenar e a dar sentido às experiências humanas. Os aprendizes desenvolvem sua sensibilidade, sua percepção e sua imaginação. Através da arte, visam elevar os níveis de consciência dos moradores da periferia. E consciência, para eles, é racionalidade. E têm consciência de que a periferia é um amontoado de ruínas. Recolhem os cacos, não para recompor a unidade perdida, mas para dar nova expressão, a partir das ruínas: têm consciência arqueológica, escavam a alma, querem saber por que palavras que lembram morte têm a vogal *u*, como luto, defunto, sepultura, sepulcro, tumba... O break recompõe os movimentos dos corpos esquartejados, o rap denuncia a miséria, a exploração e o desespero. O grafite não cria apenas imagens do mundo em decomposição, mas também estampa sonhos e utopias de uma cidade desejada. Lêem seu mundo, escrevem sobre ele, conscientizando seus moradores para transformá-lo.

A arte-educação é uma atividade indispensável para que crianças desenvolvam suas potencialidades e recriem o mundo. Através dela, é possível combater a exclusão social, a miséria, a ignorância, a violência. Há entidades que, além de propiciar o acesso à arte – dança, música, teatro – oferecem atendimento psicológico, médico, odontológico, alimentação e reforço escolar. E mais: espaços de convivência para os pais e filhos, a quem destinam palestras, oficinas de arte, cursos de

informática. As palestras abordam temas relevantes como saúde, nutrição, sexualidade. Promovem oficinas, visando o desenvolvimento da responsabilidade social, como o projeto O Papel de Cada Um. A arte-educação funda-se em quatro pilares – competências pessoais, sociais, produtivas e cognitivas, graças às quais, o educando aprende a ser, conviver, fazer e conhecer. Espera, como resultados, a criatividade, o senso estético, a sensibilidade. Assim se prepara para um futuro melhor. Pretende-se que seja uma criatura no sentido de desenvolver suas potencialidades humanas. *Ainda* não é, mas pode ser um homem na sua plenitude.

### *Posse e divulgação escolar*

---

Os jovens desenvolvem ação cultural. São, portanto, criadores de cultura. No entanto, colocam-se à margem das mídias comerciais (rádios e canais de televisão). Aceitam apenas participar de programas jornalísticos da TV Cultura e MTV porque estes não impõem uma linha puramente vendável. Querem a liberdade de criação.

Mas – alguém poderá perguntar – como seus membros vendem shows e CDs? Vendem porque têm um suporte, uma organização mínima, denominada *posse* – um modelo de ação coletiva informal. Cada posse compõe-se de bancas (pessoas). Eles se encontram, conversam, trocam informações e se obrigam a passá-las a outros companheiros, em forma de rede comunicacional, de forma que todos são informados de reuniões, de encontros, de shows, de vendas de CDs. Um exemplo: Fábio Feter, do Sistema Racional, vendeu mais de mil exemplares, de boca em boca, em menos de um mês. A rede estende-se pelos sete municípios do ABC, chega a São Paulo e, depois, ao Brasil, através de uma feira permanente do movimento: as galerias da rua 24 de Maio, em São Paulo. Através dessa feira e dessas redes informais, outro grupo, Os Racionais, vendeu um milhão de cópias de CDs em curto espaço de tempo, pelo Brasil, sem o apoio de TV. Um fenômeno fonográfico. Os canais de TV não podiam ignorar. O Globo Repórter fez uma reportagem sobre esse fenômeno, como reportagem jornalística, sem impor absolutamente nada.

Chamo a atenção para a posse, essa mínima organização tão eficiente, pois poderá ser útil para os propósitos educacionais, desde que se interesse pelo coletivo da periferia. Ainda sobre comunicação, chamo a atenção dos senhores professores e diretores para as *rádios comunitárias*, existentes em algumas favelas, cujo alcance se restringe apenas à comunidade. Essas rádios são muito ouvidas, mais do que as comerciais. As escolas bem que poderiam utilizar-se delas para divulgar seus recados e seus propósitos educacionais e envolver alunos e seus pais. Os professores entrevistados ignoravam a existência delas. E há favelas com mais de 7.000 habitantes.

Tão eficientes as posses e as rádios comunitárias, que não é de surpreender porque os shows de hip-hop têm sucesso de público.

### *Rap positivo*

---

Há vários estilos de rap, entre os quais, destaco o *rap positivo*.

Seus membros pregam a solidariedade, advertem as meninas sobre os perigos da prostituição, visitam garotos internos na Febem, a quem ministram oficinas de grafite, break, rap e DJ, desenvolvem trabalhos sociais, como a distribuição de leite, a distribuição de sobras de legumes, verduras e frutas aos moradores de favelas (sobras que recolhem na CRAISA), organizam comissões para pleitear um terreno junto à Prefeitura e material de construção junto à CDHU, e também mutirão de favelados para a construção de casas próprias, participam do Orçamento Participativo – um procedimento da gestão pública, através do qual moradores, em plenária, decidem a destinação de verbas para atender às reivindicações da comunidade, criticam a polícia que abusa do poder, cantam a paz e a juventude; combatem o narcotráfico e a violência. Por isso têm, como adversários, traficantes, com relação aos quais tentam manter respeito e distanciamento como estratégias de sobrevivência. Mesmo assim, acontecem mortes, como a do Gilmar. A não violência gera violência, o que fragiliza os que combatem o narcotráfico, a prostituição. É preciso estabelecer mecanismos de proteção para que exaltem a justiça, a

generosidade e a solidariedade, valores também pregados pela escola. Por isso, é possível uma parceria entre hip-hop e escola.

### *Auto-estima*

---

Os membros do hip-hop costumam relacionar solidariedade e auto-estima. Sentem-se bem quando praticam uma boa ação e mesmo quando se concentram em atividades artísticas e esportivas. Apesar de críticas à escola, respeitam-na. E sentem-se gratificados quando reconhecidos socialmente. A auto-estima os afasta da situação de risco e leva-os a fazerem ainda mais projetos. Eles se auto-organizam.

É possível a prática simultânea da educação formal, desenvolvida pela escola, e da não-formal, através de atividades de cultura, esporte e lazer. Isso é visível no caso a seguir. A rotina de jovens era pular o muro de uma escola para jogar futebol de salão numa quadra coberta. O diretor, dotado de muita sensibilidade, convidou-os a entrar pela porta da frente, mediante negociação. Eles jogariam futebol e, em troca, manteriam o espaço limpo e apagariam as pichações que fizeram nas paredes da escola. Concordaram. O diretor ofereceu-lhes material de pintura, obtido através de doações pelos estabelecimentos de material de construção do bairro. A escola ganhou e eles também ganharam. Hoje, se auto-denominam *amigos da escola*. E, curiosamente, outros colaboram na manutenção da limpeza. Os amigos da escola reprimem pichações.

Essa auto-denominação, amigos da escola, é a expressão da auto-estima e de auto-organização com reflexos no social – os colegas mantêm a limpeza. É um trabalho no microsociedade. As Ciências do Comportamento ainda não desenvolveram procedimentos para interferir no macrosociedade. Deleuze e Guattari, quando falam da política e da subjetividade se referem mais ao microsociedade.

A Assessoria da Juventude, da Prefeitura de Santo André, trabalha no microsociedade e revela os seguintes dados. Jovens infratores internos da Febem, que passam por programas de cultura, esportes e lazer, reincidem menos na criminalidade. Jéferson Sooma, responsável por essa

assessoria, oferece os seguintes números. Dois de cada dez adolescentes infratores que participaram do projeto *Atitudes Culturais*, voltaram a cometer algum tipo de crime, enquanto tal índice chega à casa dos oito em cada dez para os que não participaram do citado projeto<sup>56</sup>.

Quando a escola pública abre as portas para a comunidade, ambas dialogam e tornam-se, reciprocamente, responsáveis. É fundamental reduzir a distância entre os moradores do bairro e a escola. Mas não basta apenas abrir, pois essa abertura propicia o encontro de gangues rivais, o que causa aumento da violência juvenil ao invés de diminuir. Para evitar esse aumento, é preciso que os programas sejam elaborados e desenvolvidos por especialistas.

Mas pode haver ambigüidade no conceito de auto-estima. Um jovem entrou numa gangue, tornou-se narcotraficante e, como dirigia muito bem, participou de um assalto bem sucedido a um supermercado e, excelente motorista, conduziu o carro por uma avenida movimentada no momento da fuga, chegando a um porto seguro. Seus comparsas elogiaram-no e, assim, teve a sua auto-estima elevada. Neste caso, a auto-estima estava relacionada com a cultura da violência. Ele se desrespeitava como pessoa e, quando estava com a auto-estima baixa, lembrava-se dos conselhos da mãe, uma neopentecostal fervorosa. Baixava a guarda e, num desses momentos, aproximou-se de um grupo de jovens que praticava o break e, assim, foi se identificando com esse grupo e dedicando-se à arte. Mudou de referência, antes era a cultura da violência, agora é a cultura da paz.

Entrevistei uma moça que foi prostituta e, por isso, se detestava. Queria trabalhar como empregada doméstica. Conseguiu uma vaga. Alguns dias depois, sua patroa recebeu um telefonema anônimo, acusando a moça de prostituta e maconheira. Foi despedida. E como conseguiram o número do telefone? Ela deve ter dado o endereço da residência, não se lembrava, e alguém consultou a lista telefônica. Atribui o seu insucesso à falta de solidariedade. Foi ao CRAMI de Santo André, uma ONG formada por psicólogos, onde recebeu apoio e orientação, a partir de conhecer melhor o seu corpo, respeitá-lo e gostar mais de si mesma.

Desenvolver a auto-estima através de esportes e atividades artísticas e

---

56. *Diário do Grande ABC*. 2002, pgs.1 e 3

de lazer é fundamental para tirar jovens das situações de risco. E isso demanda especialistas, como psicólogos e assistentes sociais. E como as escolas não dispõem desses profissionais, é preciso que os professores se orientem nessas áreas. Assim, não basta ensinar a ler, escrever e contar, é fundamental saber orientar. Orientar no sentido de substituir as referências e os valores, de caráter indesejável, por outros valores de justiça, de generosidade e de solidariedade.

### *O Imaginário coletivo*

---

É preciso ver além da prosaica realidade e ingressar no imaginário coletivo. É no mundo do imaginário que os membros do hip-hop vão buscar temas para as suas obras. Os grafiteiros evocam os heróis das histórias em quadrinhos para protegê-los dos perigos. Por isso, suas obras são habitadas por Super-Homem, Capitão América e Batman e Robin. Enquanto os dois primeiros salvam a América dos perigos de seus inimigos durante as duas guerras mundiais, Batman e Robin salvam Gotham City dos miasmas da noite. Assim, eles também os salvariam. Outra figura evocada é Mandrake que, num passe de mágica, transforma a cidade feia, ameaçadora, em cidade agradável, humana, aquela em que gostariam de residir e de transmitir aos seus filhos.

Os rappers sabem que a periferia é um amontoado de ruínas, tanto materiais como humanas. Dotados de consciência arqueológica, vasculham a alma à procura de alguma preciosidade perdida. Ou procuram significados nos gestos mais simples. Ou benfeitorias aparentemente prosaicas ganham importância.

Um dia, eu caminhava, em companhia de três jovens, pelas ruelas de uma favela. Notei um conjunto de pessoas reunido em torno de uma bica d'água. Essa bica era uma referência, um lugar de encontro dos moradores. Disse, despretensiosamente, sem qualquer laivo de erudição, que a reunião em torno de uma bica ou fonte tem raízes históricas e literárias. E citei as tragédias gregas. Numa delas, o coro se reunia ao redor de uma bica d'água para mitigar a sede e para trocar informações. O mesmo acontece na literatura árabe: a comunidade se encontra numa

fonte d'água, ou oásis. Como o homem é prisioneiro das fontes! – comentei. E, imediatamente, fizeram uma leitura intertextual da minha fala. Um deles, vindo do sertão do Cariri, no Nordeste, lembrou-se que o lugar mais procurado pelos moradores de uma vila era uma cacimba, ao redor da qual, batiam longos “papos”, sobretudo no período das secas. Outro lembrou-se da pintura de uma folhinha, em que, sorridente, uma moça oferecia, numa jarra, água a um sedento. E completou com o caso da mulher samaritana registrada na Bíblia. Alguns dias depois, um dos jovens mostrou-me o bosquejo de um desenho sobre uma fonte e pretende desenvolvê-lo como grafite.

Assim, os jovens, sem saber, seguem uma proposta dos PCN, *a estética da sensibilidade* na construção dos conhecimentos. A estética da sensibilidade propõe o desenvolvimento da criatividade, da inventividade e a afetividade no lugar da repetição e da padronização impostas pelo Taylorismo na sociedade industrial. Não basta ler, escrever e contar. É urgente introduzir a arte e a cultura no cotidiano escolar. Porque ambas, educação e cultura, constituem interfaces do mesmo processo – a construção do conhecimento.

### *Educomunicação*

---

Por oportuno, vale a pena abordar duas questões neste segmento.

A primeira se refere aos impactos dos meios de comunicação no processo ensino/aprendizagem. Muitos programas, sobretudo de TV, constituem descaminhos para o mencionado processo. Produtores culturais e professores indicam o problema, mas não apresentam soluções. Ao contrário, optam por uma posição cômoda: não lhes cabe discutir o que é e o que não é arte, o que é cultura e o que não é, o que tem e o que não tem qualidade. Tudo em nome da pluralidade cultural.

A segunda remete aos nexos entre Educação e Comunicação. Tão preocupante esta questão, que o V Congresso de História do Grande ABC, realizado em 1998, em Mauá, registra na sua Carta de Recomendações:

“Que todas as instituições de ensino da Região se reconheçam como responsáveis pela produção e circulação de cultura e pela extensão de serviços à comunidade. Considere-se prioritariamente a necessidade crítica à programação dos meios de comunicação de massa, e a reafirmação do seu projeto educativo-cultural, a vigilância perante estereótipos sociais e preconceitos e os riscos da banalização do conhecimento, bem como o desconhecimento da história e da cultura regionais”.

Pesquisas a respeito de educação e comunicação estão sendo realizadas em toda a América Latina e tudo indica que emerge um novo campo do saber, a *Educomunicação*. Os professores Ismar de Oliveira Soares e Eliany Salvatierra Machado, ambos da ECA/USP, afirmam:

“Parece evidente que modificações se processam nos campos da Educação e da Comunicação, a primeira torna-se obsoleta em seus métodos e enfoques e despreparada na qualificação de seus agentes; a segunda, mostrando-se por vezes perniciosa, principalmente por estar submetida a regras do mercado, que não dizem respeito aos valores da educação e da ética sustentada pelos educadores”.<sup>57</sup>

Os professores devem preocupar-se com a comunicação uma vez que os jovens estudantes submetem-se, durante horas, à programação da televisão, tal o poder de sedução. É preciso ensiná-los a ver.

### *A democracia cultural*

---

Outra questão se refere ao *apartheid cultural*. Nos primeiros capítu-

<sup>57</sup>. Soares, Ismar de Oliveira e Machado, Eliany Salvatierra. *Educomunicação ou Emergência do Campo da Inter-relação Comunicação*. ECA/USP, SP, edição xerocada, sem data.

los desta obra, fiz referência ao preconceito e à discriminação existentes entre a periferia e a classe média. Essas atitudes indesejáveis conduzem a uma separação cultural. À primeira, reserva-se o hip-hop, o carnaval, o candomblé e manifestações folclóricas. À segunda, por estar mais próxima e ser imitadora da classe dominante, se reservam os códigos eruditos da arte e da cultura. A considerar que a classe média tem acesso aos códigos da cultura popular, desenvolvida pela periferia. Haja vista que a classe média desfila nas escolas de samba durante o carnaval. E às manifestações folclóricas através do turismo. E os moradores da periferia não têm acesso aos produtos culturais apresentados à classe média nos auditórios e teatros.

A eliminação desse apartheid cultural (apartação cultural) é de responsabilidade também do poder público. É o que estamos fazendo em Santo André, estabelecendo canais de difusão, de modo que produtos cultuados pela classe média circulem pelos bairros distantes através da política de descentralização cultural. Dança, teatro, artes plásticas e músicas eruditas são apresentados nos Centros Comunitários, construídos em bairros periféricos. De outro lado, cultura popular, produzida na periferia, é apresentada no centro da cidade, como na Concha Acústica, no Teatro Municipal e na Casa da Palavra. Há de se eliminar o apartheid cultural. Não fazê-lo é negar a informação à periferia. E isso constitui um perigo. Temos, sim, de democratizar a arte e a cultura e romper as fronteiras culturais.

### *Respeito ao direito à diferença*

---

Excluído social até a minha adolescência, fui vítima da segregação. A segregação é autoritária e castradora. Os japoneses, durante a Segunda Guerra Mundial, foram obrigados a pedir autorização para viajar, ainda que na mesma região, de uma cidade para outra. Uma espécie de salvo-conduto regional. Os que residiam no litoral foram obrigados a mudar para municípios do interior, em 24 horas, deixando seus pertences em casa, sob o argumento de combater a espionagem e evitar o colaboracionismo, em hipótese

de invasão, receosos de um “levante amarelo”, como se dizia na época. A língua japonesa foi proibida nos painéis de propaganda em frente às suas lojas. Jornais empastelados, aparelhos de rádio confiscados, escolas fechadas. Vivíamos sob o signo do medo.

O meu drama de segregado levou-me a me identificar com os afro-descendentes, pois também o são, o que compromete a afirmação do caráter multirracial e multiétnico da sociedade brasileira. A referência é a euro-americanização em favor do branco. Ainda continuamos a negar a existência do racismo e a afirmar que este problema foi superado, bastando invocar a Constituição Federal. Não se resolve o racismo com uma lei, mas com a convivência democrática, subjacente a uma *política de igualdade*<sup>58</sup> que se funda no reconhecimento dos direitos humanos e do exercício dos direitos e deveres do cidadão. Não basta a igualdade formal, é necessária a busca da equidade com acesso à educação, à saúde, ao meio saudável. É preciso combater todas as formas de preconceito, estereótipos e discriminação. A política da igualdade supõe a pluralidade cultural. A pluralidade cultural fundamenta-se na diversidade cultural, no respeito às diferenças e na alteridade, sem prejuízo ao direito à diferença.

A pluralidade é amortecedora de conflitos inter-raciais e interétnicos numa sociedade de classes. Dessas classes, surgem desigualdades sociais e estas provocam tensões. Além disso, desencadeiam distribuição desigual de riquezas e de conhecimentos. Cada uma das classes tem características e valores diferentes que se (re)produzem indefinidamente. Resultado: surgem preconceitos e discriminações, de que emerge a exclusão social na sua forma mais dolorosa de dominação e de violência. A pluralidade cultural é o antípoda da dominação e do etnocentrismo – tendência de julgar a outra cultura do ponto de vista da própria. A pluralidade respeita e valoriza as características étnicas e culturais de diferentes grupos que habitam nosso país.

É preciso introduzir o direito à diferença no cotidiano escolar.

---

58. Ministério da Educação – PCN – Volume 10. *Sobre Política de Igualdade*. Brasília, 2000, pg. 51 e segs.

## *Itinerário percorrido rumo à educação inclusiva e emancipadora*

A presente obra tratou de conexões entre o que está desligado e desunido. No caso, escola e comunidade (periferia), aluno e professor: desejos de mudanças e resistências a mudanças.

Vali-me do paradigma ecológico/complexo, a partir das contribuições de Fritjof Capra e Edgar Morin, o primeiro com os princípios de interdependência, parceria e cooperação e o segundo com o pensamento complexo, segundo o qual nada é simples, nada é linear. Os fenômenos manifestam-se através de suas contradições: ordem e desordem, pobreza e riqueza, centro (de uma cidade) e periferia. Essas contradições têm de ser analisadas simultaneamente e consideradas em qualquer intervenção na realidade.

Analisei, no primeiro momento, a posição da periferia em relação à escola. Depois, a posição de professoras e de diretoras em relação aos moradores da periferia. Foram identificadas oposições manifestadas através de interpretações diferentes e conflitos em suas diversas formas – a violência contra o patrimônio e incivilidade (de ambas as partes). Procurei, no segundo momento, identificar e inventariar alguns valores e desejos comuns de colaboração, na linha de a comunidade precisa da escola e a escola precisa da comunidade. Esse desejo de conexão foi considerado de fundamental importância para o processo de mudança nas relações. Por isso, incluí, neste trabalho, alguns elementos do processo de mudanças sociais a partir da teoria de campo de Kurt Lewin. Procurei identificar forças positivas e forças negativas no campo da escola/comunidade. E mostrei que a estratégia mais eficiente é trabalhar, simultaneamente, as forças positivas e as forças negativas, de forma

que as forças positivas superem as negativas, bem na linha do pensamento complexo, segundo Morin e da teia de vida, segundo Capra – trabalhar, ao mesmo tempo, os opostos e suas interdependências.

Identifiquei, no movimento hip-hop, elementos de conexão, uma vez que seus membros lutam em favor da justiça, da generosidade e da solidariedade – valores defendidos também pela escola. Além disso, promovem a elevação dos níveis de consciência a partir da própria vida e da própria realidade, com vistas às mudanças. E esse esforço de conscientização está presente nas diversas linguagens do movimento – rap, grafite, break, DJ. Tem-se de discutir, transversalmente, o tema das relações entre escola e comunidade, enfocando o combate à violência. Através desse combate, estou convencido de que é possível estimular os alunos na busca de conhecimento, de autoconhecimento, do exercício da liberdade, do compromisso com direitos e deveres, da cidadania, tudo isso através da educação inclusiva e emancipadora. E aponto caminhos: a auto-estima, a escuta sensível, o respeito à diferença, o domínio da linguagem, o imaginário coletivo, a arte-educação, educomunicação e divulgação das ações escolares através das rádios comunitárias e da organização mínima, denominada posse. Dessa maneira, estou convencido de que o movimento hip-hop pode muito contribuir para a educação emancipadora e inclusiva.

Ao longo desta obra, não fiz referência a dois verbos, embora presentes o tempo todo: *autorizar-se* e *implicar-se*.

*Autorizar-se* vem da palavra latina *áuctor* e significa aquele que produz, faz nascer e acrescenta algo ao existente, o instituinte. É um criador. *Implicar-se* é uma palavra composta de *in* (prefixo latino que significa movimento para dentro) e *plek* (verbo grego que significa dobrar). Portanto, implicar é dobrar para dentro (de si). Daí implicação remeter à subjetividade, ao envolvimento, ao aprofundamento e à aproximação nas relações sociais. E qual a importância desses verbos? Tornaram-me claras as relações entre alunos e professores. Tratam-se como objetos, quando deveriam tratar-se como sujeitos.

Permitiram-me procurar convergências de ambos, alunos e professores através de aproximação de valores e de objetivos (desejos) comuns. Ali-

mento a crença de que, a partir dessas convergências e interpenetrações de movimentos aparentemente opostos, será possível o processo de mudança. Trata-se da complementaridade de opostos, segundo Morin. Vale a pena insistir nessa questão de relações. Mesmo porque, lembra Barbosa, a educação tem se pautado numa pedagogia da desautorização em que o aluno é anulado como pessoa<sup>59</sup>.

Gostaria de permitir-me, no sentido de *autorização*, acrescentar algo (instituinte) ao existente (instituído) – fazer nascer algo novo. Dar continuidade à escola enquanto espaço de educação, mas em novas bases, em permanente reconstrução, a perseguir a estética da sensibilidade, a política da igualdade e a ética da identidade. Esse algo novo, a implantar, denomina-se educação inclusiva e emancipadora.

### *Educação inclusiva e emancipadora*

---

Numa das páginas anteriores, critiquei a afirmação de que *o homem deve ser o que é*. Afirmei que é pouco, posto que restritiva. É preciso ampliar a sua abrangência: o homem deve ser o que *ainda* não é. A primeira afirmação é conformista, pois *está destinado a*. A segunda significa: *está destinando*. Esta é a qualidade do homem virtuoso: aquele que expande suas potencialidades. O homem *se destinando* é o homem em permanente estado de construção. Tem significado dinâmico, de processo.

No entanto, existem forças impeditivas para a realização de *autopoiese* (produção de si mesmo). A realidade brasileira é perversa, antropofágica, de que são vítimas, sobretudo, os moradores de periferia, a maior parte descendentes afro. E essas forças resultam de situações históricas e estruturais injustas. Há 115 anos, foi abolida a escravidão e os escravos e seus descendentes foram abandonados à própria sorte nos subterrâneos sociais. Por longas décadas, permaneceram submissos à dominação dos brancos, manipulados por agentes diversos e presos à miséria. Libertos,

---

59. Barbosa, Joaquim Gonçalves (org.). *Autores Cidadãos. A Sala de Aula na Perspectiva Multirreferencial*. Editora UFSCAR e EDUMESP, SP, 2000.

foram classificados como perigosos, incapazes de se incluírem no mundo do trabalho e à própria realidade. A periferia foi vista como antro repugnante, onde chafurdavam, destituídos de humanidade. As interdições dificultaram seu desenvolvimento, de que resultou ocuparem a base da pirâmide social numa sociedade de classes. Os dados do IBGE (PNAD, 1996) revelam as desigualdades. E isso é visível no sistema escolar. Negros têm menos anos de estudos do que os brancos (4,2% e 6,2%, respectivamente). O número de negros, na faixa de 14 a 15 anos, não alfabetizados é 12% maior que de jovens brancos. Outro dado: 15% de crianças brancas entre 10 e 14 anos se encontravam no mercado de trabalho contra 40,5% de crianças negras, por motivo de sobrevivência. É visível que a exclusão social se inicia desde a mais tenra idade, antes mesmo da exclusão escolar. Assim, elas crescerão, convencidas de que serão cidadãos de última categoria. É preciso reverter esse quadro. A propósito, a entidade Geledés – Instituto da Mulher Negra – está desenvolvendo trabalho extraordinário pelo Movimento Negro: a formação de educadores para o combate ao racismo. Para isso, produz recursos didático-pedagógicos para a discussão sobre a discriminação racial. Já desenvolveu atividades em muitas cidades brasileiras em parceria com universidades, Secretarias de Educação e Cultura e entidades sindicais.

Vítimas, os jovens do movimento hip-hop, denunciam o discurso cínico. A retórica sobre a fraternidade os reconhece irmãos, mas, na prática, sofrem preconceitos. São tolerados, mas não recebem as benesses do ecumenismo. Coexistem com brancos, mas não convivem. Clamam pela liberdade e pela justiça. E também pela igualdade e pela pluralidade social. Mais do que fraternos, querem ser irmãos. Mais do que coexistir, querem conviver. Mais do que a tolerância, querem a solidariedade.

Desenvolvem a consciência emancipadora através da luta pelo reconhecimento dos direitos humanos. Inicialmente de forma lenta, agora de forma acelerada. No futuro, se elevará ainda mais o clamor de vozes. Já há sinais desse clamor: o recenseamento de 2000 revela que muitos assumem a negritude. A consciência emancipadora é dotada de vitalidade: sacode os entorpecidos, provoca-os a se unirem num movimento transformador. Ela se expressa através da sublevação da subjetividade. E essa sublevação acontece, não só no plano individual, como também

no plano coletivo. Querem ser sujeitos, não mais objetos. A consciência emancipadora é consciência insubmissa, pois dotada de reflexão crítica. Os jovens afro lutam pela emancipação efetiva, contra os grilhões do regime escravocrata que ainda persistem. Esfolam-se, machucam-se nessa caminhada. Estão *se destinando* antropologicamente.

O movimento hip-hop é um movimento de emancipação. Analisem-se as letras do rap, atrás transcritas. Denunciam a realidade e, ao denunciar, estão educando: instigam os adolescentes a não caírem no vício das drogas, condenam o narcotráfico, orientam as meninas a não se prostituírem. O Sistema Racional opõe-se ao rap gangster. As letras do rap gestam na realidade. Esse é o mérito do rap: o texto se liga ao contexto. Portanto, não é um discurso abstrato. Os que ouvem sentem e entendem. Por que os professores não se utilizam do rap para a inteligência e construção de textos?

Os jovens do movimento querem libertar-se da realidade opressiva e injusta. Fazem a leitura crítica da realidade e, por isso, denunciam. Seus grafites enunciam e anunciam o mundo desejado de conexões, a ser criado. São utópicos, mas de utopia militante, tanto o apelo à dignidade e à liberdade. Desenvolvem ações, seguidas de reflexões. Agem e pensam: e o que são estes dois verbos conectados, se não a práxis transformadora? Através da práxis, elevam os níveis de consciência. Passam da consciência ingênua para a consciência crítica. É o processo de conscientização, através do qual desocultam a realidade, propõem-se à transformação criadora e realizam a vocação ontológica de plenitude humana. Opõem-se à cultura do silêncio a que foram submetidos. Estão aprendendo a dizer suas próprias palavras. Não é fácil esse aprendizado. Jovens se queixam da falta de apoio da maioria dos moradores da periferia porque não se manifestam a favor ou contra o movimento, pois permanecem em silêncio. Mas este silêncio não significa falta de apoio, muito ao contrário. Os jovens não perceberam que há outros sentidos no silêncio. Para compreendê-lo é preciso desenvolver a escuta sensível. Apenas que suas palavras estão enclausuradas. Os jovens não perceberam que há outros sentidos no silêncio. O silêncio pode ser opressão, mas pode ser também libertação. Há palavras no silêncio. O silêncio também fala. Há um sentido implícito no não-dito. Não há negação nesse silêncio nem passividade. O silêncio, nesse caso, é a respiração das palavras. Para entendê-lo, é

preciso desenvolver a escuta sensível. O silêncio dos moradores da periferia tem o sentido de apoio, de consentimento e de cumplicidade.

Este silêncio é diferente do silêncio da cultura (do silêncio). Este é opressor, proíbe a pessoa de dizer suas próprias palavras. A censura coisifica, a pessoa perde o estatuto de homem. O silêncio da periferia tem o sentido de resistência à opressão. O silêncio dos oprimidos está se carregando de energia e, a qualquer momento, pode explodir. Há um potencial revolucionário nesse silêncio no sentido de transformações profundas. É nesse sentido que Deleuze e Guattari estabelecem as relações entre a subjetividade e a política.

A escola deve ser dotada de sensibilidade para entender esse silêncio nos subterrâneos da periferia. Os professores interpretam a atual onda de violência contra a escola como resultado de narcotráfico. É uma visão simplificadora e, por isso, equivocada. Há outro componente: a violência é um protesto contra o autoritarismo de muitos professores. Uma distinção se impõe: o narcotráfico é um problema policial, de que a escola é uma vítima. Mas, a violência contra o autoritarismo de professores é um problema pedagógico, cuja solução depende deles mesmos.

Estudos etnográficos afirmam que é preciso considerar o cotidiano da escola e da comunidade. Há práticas educativas na comunidade que os professores ignoram, pois não fazem parte das preocupações *oficiais*. Essas práticas interferem no cotidiano da escola. Por isso, é importante conhecê-las e adotar pequenas mudanças, a começar pelas reflexões sobre o ato de educar. Pequenas mudanças não significam que não sejam importantes. Até um passado recente, criticava-se a adoção de pequenas mudanças, pois estas – argumentava-se – impediriam a realização da grande mudança, inspirada na utopia revolucionária. Hoje, pensa-se o contrário: pequenos avanços podem culminar na grande mudança, resultado de um trabalho perseverante, paciente e solidário. E diz Moacir Gadotti: “essas mudanças podem ser feitas já.”<sup>60</sup>

É preciso respeitar as diferenças nessa relação escola/comunidade. Elas são étnicas, culturais, de classes, de gênero e de idade. Constituem riqueza

---

60. Gadotti, Moacir. *Perspectivas Atuais da Educação*. ARTMED Editora, Porto Alegre, 2000.

zas sociais e são fundamentos do diálogo. Com o respeito às diferenças, alunos e professores se educam, um aprende com o outro. Assim, se evitará a prática autoritária. Há de considerar que alunos também assumem práticas autoritárias. O respeito à diferença dá dignidade ao aluno e os reconhece como educador e educando. É a prática democrática.

Sem ter lido Paulo Freire, os jovens do movimento hip-hop aplicam, intuitivamente, o método freireano. Constroem seus grafites e rap a partir da realidade e não a partir de conceitos, cujas nomenclaturas ignoram. Não tinham voz, conquistaram-na. Lêem o seu mundo, sobre ele escrevem e atuam para transformá-lo. Nisso, consiste a sua ação cultural. Estão convencidos de que, ensinando, estão aprendendo. Reúnem-se em lugares insólitos – um barracão, uma praça pública, um salão paroquial, um terreiro de umbanda para discutir, refletir e tomar decisões, à maneira de um círculo de cultura. São comprometidos, a solidariedade é a sua marca. São dotados de consciência crítica, desocultam e explicam a realidade. Atuam e refletem, nisto consiste sua práxis. Compõem seus versos e concebem seus grafites a partir de um contexto. O rap é poesia e música, tem batida, ritmo, tem balanço, cadência e imaginação. Alma e magia, fala do cotidiano da periferia, por isso, é fácil de entender. Estão permanentemente a dialogar. Aprenderam a dizer suas próprias palavras e estimulam a que outros aprendam. Praticam a educação problematizadora através da identificação de palavras geradoras e temas geradores, visando à criação de um texto, de uma imagem ou de um gesto (na dança). Querem ser sujeitos de suas ações, de seus pensamentos e de sua história. Eram “ser menos”, transformaram-se em “ser mais”, atendendo à vocação ontológica de sujeitos humanos. Têm consciência de que fizeram uma boa caminhada, mas têm muito ainda a percorrer, inclusive libertar-se do semi-alfabetismo e da miséria. Que bela contradição: semi-alfabetizados, sem conhecimento da norma culta, compõem versos! Se fazem a prática da liberdade é porque a conquistaram. Praticam a educação inclusiva e emancipadora em si mesmos e querem estendê-la à comunidade.

Quando, numa reunião com os jovens do movimento hip-hop, bosquejei, em linhas gerais, o método Paulo Freire, não se surpreenderam porque o aplicam intuitivamente na própria vida, o que prova a eficácia desse método. Assim sendo, as professoras terão facilidade de dialogar com

eles no sentido de mudar as relações escola/comunidade. Há um elevado nível de compatibilidade entre os objetivos da educação e do movimento hip-hop. Há vantagens relativas para todos nessa aproximação. Já é um belo capital de informações para promover o processo de mudança.

### *Palavras finais*

---

Ao final desta obra, permitam-me uma confissão, bem em nível de implicação – dobrando-me para dentro de mim mesmo: ampliei meus conhecimentos e afinei minha sensibilidade. Deixei-me crivar de palavras, de subjetividades, de problemas e de dúvidas. Coloquei-me em questão, o que me gerou certo grau de desconforto. O nível de tensão não foi baixo, de modo a abandonar a empreitada; nem tão elevado, de modo a imobilizar-me. Uma razão adequada para chegar ao fim da empreitada. Ao longo do percurso, desde a primeira aula do Curso de Pós-Graduação em Educação até o fim, pude constatar a validade do método autobiográfico e do referencial teórico adotado. O tempo todo, estive no objeto e o objeto esteve em mim; auxiliou-me no autoconhecimento. Estou convencido de que a ética e a espiritualidade são dimensões da subjetividade e, a partir daí, é possível construir um outro homem e uma outra sociedade. Sem dúvida, as transformações da sociedade passam pelas revoluções na subjetividade.



**Educação Inclusiva – Movimento Hip Hop**  
composto em *times new roman* pelo Fabricando Idéias,  
e impresso por Bartira Gráfica e Editora S/A  
em papel pólen soft, 80 g/m<sup>2</sup>  
para Alpharrabio Edições  
agosto de 2003